



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

ERIK DORFF SCHMITZ

A BÍBLIA DO MATUTO

Florianópolis

2019

ERIK DORFF SCHMITZ

A BÍBLIA DO MATUTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Literatura.
Orientadora: Profa. Dra. Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da
Biblioteca Universitária da UFSC.

Schmitz, Erik Dorff Schmitz A Bíblia do Matuto / Erik Dorff Schmitz Schmitz ;
orientadora, Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira Ferraz, 2019. 116 p.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Literatura, Florianópolis,
2019.
Inclui referências.
1. Literatura. 2. Teologia. I. Ferraz, Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III.
A Bíblia do Matuto.

ERIK DORFF SCHMITZ
A BÍBLIA DO MATUTO

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Márcio Markendorf
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Raphael Novaresi Darella Lorenzin Leopoldo
Faculdade Católica de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Literatura.

Prof. Dr. Márcio Markendorf
Coordenador do Programa

Profa. Dra. Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira
Orientadora

Florianópolis, 02 de dezembro de 2019

A minha Mãe, minha Irmã e meu Padrasto;
A meu Pai, que um dia abraçarei novamente;
A Paulo e Célia, Padrinho e Madrinha;
A Salma Ferraz, professora, orientadora e amiga;
A Mônica e Waldemar, Marcelo e Débora, e Richard;
A José, Andréia e Nayara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela graça de me possibilitar mais essa realização pessoal e acadêmica e por tudo que me concedeu, sobretudo a vida e a saúde.

Agradeço as minhas Famílias:

Minha Mãe Rosana, que me amou, educou e ensinou a estudar, escrever e ler, e por ter feito tudo por mim. Meu Pai Ivan que não tenho mais nesse mundo, mas que um dia abraçarei novamente. Meu Padrasto Osvanir pela humildade e minha Irmã Hellen pela simplicidade. Meu Padrinho e Madrinha, Paulo e Célia, pelo incentivo de sempre.

Mônica e Waldemar, Marcelo e Débora e meu afilhado Richard, que me apoiaram quando eu mais necessitei, minha gratidão por me acolherem com atenção, carinho e amor.

José, Andréia e Nayara, que me ajudaram quando eu mais necessitei, minha gratidão pelas partilhas de atenção, carinho e amor.

Agradeço aos meus professores e professoras:

Minha orientadora, Profa. Dra. Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira, por acreditar em mim e me dar a oportunidade de realizar este Mestrado sob sua orientação. Sou grato pelas orientações, transmissão de conhecimento, incentivo à pesquisa acadêmica, auxílios e pela amizade. Fui seu último orientando.

Meus Professores e Professoras neste Mestrado: Profa. Dra. Salma Ferraz, Prof. Dr. Daniel Serravalle de Sá, Prof. Dr. Márcio Markendorf e Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

A Banca Examinadora de Qualificação de Dissertação: Profa. Dra. Salma Ferraz, Prof. Dr. Márcio Markendorf e Prof. Dr. Raphael Novaresi Leopoldo.

A Banca Examinadora de Defesa de Dissertação: Profa. Dra. Salma Ferraz, Prof. Dr. Márcio Markendorf e Prof. Dr. Raphael Novaresi Leopoldo.

Minha gratidão a todos e todas que, de uma forma ou de outra, apoiaram-me e ajudaram-me para a realização desse Mestrado!

“Religião: casa de muitos aposentos.

Linguagem tão antiga quanto a própria humanidade, a religião abriga amores e ódios. Alguns modernos disseram que a fala sobre ela, a teologia, seria casarão desabitado (Paz). Intermitente e obstinada, vive a religião a catar afetos, produzir sentidos, perfazer amores e cultivar ódios. Não existe nada humano que não esteja nela em proporções infindas e d(t)ensas. Casa de muitos aposentos, já deu berço a Martin Luther King e Gandhi, sem esquecer os Jesus, Maomé e as mães meninhas que nela nasceram. Criou artistas, forjou civilizações, estabeleceu códigos linguísticos e códex, produziu resistências, mas também salpicou de cruces e martírios, fogueiras e aberrações a frágil, contraditória e fascinante trajetória humana. Fez surgir convenções de idiomas, ajudou a soterrar línguas. Para alguns ela é casa feia, para outros, beleza e acolhimento. É fala de deuses e deusas, sem deixar de dizer muito do que somos, de que barro é feita a humanidade.

Ensinou a escrita, a narrativa, mas exigiu e cultivou silêncios.

Alguns, para dela se livrar, até disseram que não a tinham, mas somente fé e verdadeira revelação. Mas a religião continua, com seus algozes, para além deles, com seus amores, a despeito deles, a projetar luzes e sombras sobre os destinos.

Às vezes sou Riobaldo, gosto da casa da religião, e leio o Alcorão, a Bíblia, os Vedas, e me deixo conduzir pelos atabaques. "Qualquer sombrinha me refresca". Às vezes comungo com os que a denunciam, porque impiedosa ela pode ser.

Religião, essa casa que (des)ampara.”

(Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães)

“O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.”

(João Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas)

RESUMO

Esta pesquisa em nível de Mestrado em Literatura, teve como objetivo pesquisar a *Bíblia do Matuto* – uma adaptação humorada da Bíblia para o regionalismo linguístico do Nordeste Brasileiro, criada pelo jovem paraibano, publicitário e cristão, Rayan Rodrigues e postada na rede social *Facebook*. Foi possível apresentar o modo de viver do povo nordestino já apresentado na Literatura Brasileira, bem como a variação diatópica do Nordeste, e também a *Bíblia do Matuto* como uma adaptação para as redes sociais. Foram feitas as exposições das teorias da adaptação e teorias do humor que se adequam ao objeto de pesquisa e verificou-se que intertextualidade, palimpsestuosidade, riso bom e riso alegre são as principais características presentes na *Bíblia do Matuto*. Por fim, correlacionando as teorias da adaptação e do humor com o objeto de pesquisa dentro do âmbito da Teopoética, constatou-se que a Bíblia surgia como oralidade e depois textualidade, pervive na atualidade como virtualidade na ciberteologia, dentro das transformações da linguagem, da comunicação e da Teologia na atualidade, contribuindo para os estudos de Literatura e Teologia.

Palavras-chave: *Bíblia do Matuto*. Teopoética. Adaptação. Humor. Redes sociais.

ABSTRACT

This research at Master's level in Literature, aimed to search the Bible of Matuto - a humorous adaptation of the Bible for linguistic regionalism of the Northeast of Brazil created by the young paraibano, publicist and Christian, Rayan Rodrigues and posted on the social network Facebook. It was possible to present the way of life of the Northeastern people already presented in the Brazilian Literature, as well as the diatopic variation of the Northeast, and also the Matuto Bible as an adaptation of the Bible to social networks. The theories of adaptation and humor theories that fit the research object were presented and it was verified that intertextuality, palimpsestosity, good laughter and happy laughter are the main characteristics present in the Matuto Bible. Finally, correlating the theories of adaptation and humor with the object of research within the scope of Theopoetics, it was found that the Bible emerging as orality and then textuality, today survives as virtuality in cyberteology, within the transformations of language, communication and theology today, contributing to the studies of literature and theology.

Keywords: *Bible of Matuto*. Theopoetic. Adaptation. Humor. Social networks.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Retábulo de Issenheim.....	22
FIGURA 2 – <i>Le grand poème d’Amiens</i>	23
FIGURA 3 – Pastor gaúcho.....	25
FIGURA 4 – Um sábado qualquer.....	27
FIGURA 5 – Pastor Adélio.....	28
FIGURA 6 – Porta dos Fundos.....	29
FIGURA 7 – Bíblia do Matuto #1.....	30
FIGURA 8 – Bíblia do Matuto #25.....	32
FIGURA 9 – Bíblia do Matuto #36.....	39
FIGURA 10 - Bíblia do Matuto #24.....	44
FIGURA 11 – Bíblia do Matuto #35.....	50
FIGURA 12 – Bíblia do Matuto #7.....	53
FIGURA 13 – Bíblia do Matuto #34.....	58
FIGURA 14 – Bíblia do Matuto #12.....	67
FIGURA 15 – Bíblia do Matuto #38.....	68
FIGURA 16 – Bíblia do Matuto #5.....	71
FIGURA 17 – Bíblia do Matuto #29.....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	<i>BÍBLIA DO MATUTO: A BÍBLIA NO NORDESTINÊS</i>.....	18
2.1	TEOPOÉTICA	18
2.2	<i>A BÍBLIA DO MATUTO</i>	20
2.3	<i>NORDESTINÊS: UMA LÍNGUA DENTRO DE OUTRA LÍNGUA</i>	31
2.4	O NORDESTINO: POVO <i>ARROCHADO</i>	34
3	<i>BÍBLIA DO MATUTO: UMA BÍBLIA DIFERENTE OXENTE!</i>.....	41
3.1	ADAPTAÇÃO E LITERATURA.....	41
3.2	ADAPTAÇÃO: TIPOS E CARACTERÍSTICAS	45
3.3	ADAPTAÇÃO NA <i>BÍBLIA DO MATUTO</i>	52
4	<i>BÍBLIA DO MATUTO: UMA BÍBLIA ARRETADA E BEM HUMORADA!</i>	56
4.1	HUMOR: NATUREZA HUMANA, SOCIAL E TRANSCENDENTAL	56
4.2	TIPOS DE HUMOR.....	60
4.3	HUMOR NA <i>BÍBLIA DO MATUTO</i>	68
5	<i>BÍBLIA DO MATUTO: LITERATURA ORAL, TEXTUAL E VIRTUAL</i>.....	70
5.1	ADAPTAÇÃO E HUMOR NA <i>BÍBLIA DO MATUTO</i>	70
5.2	BÍBLIA E LITERATURA: ORALIDADE, TEXTUALIDADE E VIRTUALIDADE	73
5.3	<i>CIBERTEOLOGIA E CIBERATEÍSMO</i>	78
6	CONCLUSÃO	86
	REFERÊNCIAS	90
	ANEXO A – Objeto da pesquisa: <i>Bíblia do Matuto</i>.....	94
	ANEXO B - Entrevista	112
	ANEXO C - Termo de autorização de uso de imagens e entrevista.....	116

1 INTRODUÇÃO

“Creio no riso e nas lágrimas como antídotos contra o ódio e o terror.”

(Charlie Chaplin – *Chaplin Vida e pensamentos*)

A criatividade humana sente a necessidade de adaptar e fazer rir. A Bíblia, no correr dos séculos, foi considerada somente como livro sagrado e assim protegida e resguardada de todas as possibilidades de transformação e humorização. A carga de seriedade, sobriedade, frieza e moralismo dada por parte do sistema de pensamento cristão não permitiu que os textos bíblicos fossem lidos para além da fé, espiritualidade e Teologia.

Atualmente no ambiente acadêmico, a Teologia consolida um diálogo com a Literatura e vice-versa, estabelecendo na Teopoética – proposta pelo alemão Karl Joseph Kuschel – uma via e um lugar de reflexão, crítica e pesquisa teórica sobre as manifestações humanas de criação, adaptação, sátira e divulgação da Bíblia e do cristianismo, inclusive através das redes sociais, em novos formatos, dialogando com o mundo e os anseios das pessoas e grupos sociais.

O nosso objeto de pesquisa, a *Bíblia do Matuto*, é uma das novas formas de adaptação da Bíblia para a variação diatópica do Nordeste do Brasil e para as redes sociais, criada pelo jovem paraibano, publicitário e cristão, Rayan Rodrigues.

O criador da obra tem como objetivo divulgar a fé cristã e também a cultura nordestina de forma criativa e humorada por meio das redes sociais, especialmente o *Facebook*. Por *Matuto* compreendemos o nativo do Nordeste do Brasil, seja do sertão, do litoral ou das grandes cidades, que lá reside ou que já migrou para outras regiões do país. Essa expressão, na interpretação de muitos, pode dar um tom de rebaixamento humano, social e cultural a esse povo, porém não é essa a intenção nem de Rayan, nem a nossa, mas, pelo contrário, queremos valorizar, destacar e visibilizar essa cultura e realidade tão ricas de matizes e manifestações.

As motivações pessoais para a realização da pesquisa sobre esse objeto se dão diante do encanto pela cultura e fé que o povo nordestino expressa em seu cotidiano, manifestando-se muitas vezes como um povo forte, lutador e corajoso que faz as mais diversas adversidades da vida serem leves e até divertidas. Também se dão pela curiosidade e necessidade de se pesquisar algo novo, distinto da análise filosófica axiomática, da afirmação teológica dogmática e da crítica literária clássica. Nesse novo paradigma do diálogo acadêmico, com repercussões pessoais e sociais, através da Teopoética, encontramos uma nova seara para investirmos tempo e dedicação.

As motivações em nível acadêmico se dão por percebermos que atualmente a Literatura é praticamente toda comparada, entre diversas áreas: Literatura e Teologia/Cinema/Teatro/Política/Gênero/Feminismo e entre outras. Sentimos a necessidade de pesquisar como a Literatura atualmente também se manifesta em novas adaptações, até há pouco tempo impensadas e, além disso, como a Bíblia, a Teologia e a fé cristã também se adaptam para novas realidades, mais impensadas ainda, quebrando assim alguns paradigmas tradicionais do cristianismo, dando-lhe uma nova roupagem e mostrando que Deus, Teologia e fé cristã também podem ser agradáveis, bem vistas, bem humoradas, deixando para trás o que é exagero de moralidade, escrupulosidade e seriedade, que nem fazem muito bem, e as vezes até geram doenças, fanatismos e violências.

Temos como objetivo geral pesquisar a *Bíblia do Matuto*, a partir da visualização e leitura das postagens em formato de xilogravura digital, criados e postados na rede social *Facebook*, por Rayan Rodrigues. A partir disso, temos como objetivos específicos primeiramente apresentar a Teopoética como área consolidada no ambiente acadêmico que aborda o diálogo entre Teologia e Literatura. Queremos também apresentar a variação diatópica do Nordeste do Brasil já expostas na Literatura Brasileira e no cotidiano desse povo, bem como alguns elementos antropológicos, sociais e culturais dessa região do país. Outro objetivo é expor as teorias da adaptação e teorias do humor já estudadas por teóricos da filosofia, literatura, linguística, comunicação, etc., a fim de encontrar o tipo (ou tipos) de adaptação e humor presentes em nosso objeto de pesquisa. Por fim queremos correlacionar a adaptação e humor encontrados na *Bíblia do Matuto* como elementos de *ciberteologia* e *ciberateísmo*, junto com as mudanças percebidas na linguagem oral, textual e virtual da Bíblia. Assim, mostraremos qual a contribuição que a *Bíblia do Matuto* também traz para a fé cristã, a Teologia e a Literatura.

Esta pesquisa, de caráter teórico, bibliográfico e crítico dá-se nos estudos comparativos entre Teologia e Literatura – a Teopoética – em atenção as novas linguagens e formas de comunicação realizadas no século XXI como a *ciberteologia*, as adaptações bíblicas para as redes sociais, a leitura da Bíblia como Literatura e a transgressão do texto bíblico pelo humor. Além do recolhimento das postagens da *Bíblia do Matuto*, sua visualização, entrevista com o autor da obra, será fundamental o reporte dos ficcionistas da Literatura Brasileira e teóricos da adaptação, humor, comunicação e Teopoética, como: João Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Linda Hutcheon, Gerard Genette, Julia Kristeva, Henri Bergson, Vladímir Propp, Quentin Skinner, Elias Thomé Saliba, Peter Berger, André Comte-Sponville, Antônio Spadaro, Giorgio Agamben, Erich Auerbach, Robert Alter, Frank Kermode, Pierre Lévy, Antônio Magalhães, Eli Brandão, entre outros. Com a apresentação, exposição e

correlacionamentos desenvolvidos durante a pesquisa podemos atingir os objetivos anteriormente citados dessa pesquisa acadêmica e contribuir para o âmbito da Literatura e da Teologia.

Citamos aqui que esta pesquisa vem se unir a outras já realizadas em nível de Mestrado e Doutorado, na Universidade Federal de Santa Catarina, como as dos pesquisadores - Camila Ambrosini, autora de *Que tri, Deus ri!: o riso no evangelho segundo o Pastor Gaúcho*; Stéphanie Spengler, autora de *Texto e paratexto: construção de sentidos em Um Sábado Qualquer*; Patrícia Leonor Martins, autora de: *Sátira e humor na personagem do Pastor Adélio*; André Luiz da Silveira, autor de *Riso e subversão: o cristianismo pela Porta dos Fundos* – formando assim um *corpus* de pesquisas acadêmicas dentro da crítica literária e teológica do texto bíblico e humor, adaptação, *ciberteologia* e *ciberateísmo*.

Com esta pesquisa, afirmamos que cremos na criatividade do humor e da literatura, pois do contrário, não conseguiríamos conviver com a visão fria, calculista e sangrenta do mundo, afirmada por vários sistemas de pensamentos e práticas que reforçam o moralismo, a lógica do lucro a todo custo, o incentivo à violência e a ignorância. Como também com tantas afirmações religiosas, excludentes, obscurantistas e hipócritas que em muitos momentos permearam a construção do cristianismo com suas teologias, legalismos e moralismos oficiais. Contra isso, e a favor de um Deus bem humorado, uma fé leve e uma vida em busca da harmonia, do amor e da paz, é que também vivemos, estudamos e trabalhamos.

2 **BÍBLIA DO MATUTO: A BÍBLIA NO NORDESTINÊS**

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

(Euclides da Cunha – *Os Sertões*)

Nesse primeiro momento, apresentaremos que a Literatura e Teologia se encontram como duas áreas de conhecimento distintas, mas que dialogam no ambiente acadêmico – a Teopoética - trazendo contribuições para a pesquisa das situações humanas e sociais atuais. Abordando também nosso objeto de pesquisa, a *Bíblia do Matuto*, apresentaremos a variação diatópica da região Nordeste, bem como alguns elementos da cultura e realidade antropológica, social e ambiental do povo nordestino.

2.1 TEOPOÉTICA

Literatura e Teologia por muito tempo atuaram academicamente como áreas distintas: a primeira, expressando a arte de escrever nas diversas culturas e tempos, e a outra, as investigações conceituais da natureza de Deus, seus atributos e sua relação com o ser humano. A Bíblia, considerada um livro sagrado, e por isso resguardado e protegido, foi separada do campo da Literatura. Hoje porém, estudando a Bíblia, encontramos em seus diversos gêneros literários, uma vasta obra de Literatura, escrita por muitas mãos, numa variação cronológica grande, em diversos espaços geográficos, apresentando mitos, narrações, legislações, visões, orações, relatos históricos, poesias, canções, etc.

Atualmente há a consolidação dos diálogos entre Teologia e Literatura no âmbito acadêmico. A Teopoética vem ligar essas duas áreas de forma investigativa. Um dos primeiros que buscou sistematizar essa relação entre Literatura e Teologia, foi o alemão Karl Josef Kuschel, autor de *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos literários*. Nas palavras dele:

E se o século XIX já tentara restabelecer a união entre teologia e literatura – o primeiro apelo por uma *literatura cristã*, do ponto de vista da história literária, ocorre no movimento romântico (inicialmente com Schlegel, em sua face tardia, e depois com Einchendorf, Brentano e Anette von Droste-Hülshoff) -, isto já se revela como sintoma precoce do distanciamento entre cultura e religião. [...] Houve reações adversas de ambas as partes, e é com isso que este livro pretende se ocupar já de início: com a crítica estético-literária à religião, mas também com a crítica religiosa à estética. (KUSCHEL, 1999, p. 13-14, grifo do autor)

Com essa crítica estética e literária à Religião e à Teologia, a Literatura dá sua contribuição a partir de seu ponto de vista. Nesse arcabouço são incluídos a leitura e análise crítica de Deus, do Diabo, da Bíblia, de símbolos, de obras de arte, etc, que são os possíveis objetos de pesquisa do trabalho da Teopoética. A pesquisa de Antônio Geraldo Cantarella intitulada *A pesquisa em teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica*, publicada em 2014 traz um panorama completo até então do número crescente de pesquisadores, pesquisas acadêmicas (graduação, mestrado e doutorado) e temas investigados na área de Teopoética nas instituições acadêmicas brasileiras. Pode-se afirmar que tal área hoje já está consolidada. (Cf. CANTARELLA, 2014)

Além de Kuschel temos outros estudiosos que contribuíram para o surgimento e desenvolvimento da Teopoética como: Harold Bloom, escritor de *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias*; Erich Auerbach, autor de *Introdução aos estudos literários*; Northrop Frye, autor de *O código dos códigos – A Bíblia e a Literatura*; Robert Alter, autor de *A arte da narrativa bíblica*; Robert Alter e Frank Kermode, autores de *Guia Literário da Bíblia*, Alex Villas Boas, autor de *Teologia em diálogo com a literatura – origem e tarefa poética da teologia*; Antônio Carlos de Melo Magalhães, autor de *A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos estudos bíblicos em diálogo com a teologia*; e Salma Ferraz, autora de *Teologia do riso: humor e mau humor na Bíblia e no cristianismo*.

A Literatura vem ao encontro da Teologia e vice-versa, como um diálogo investigativo, enriquecedor, atraente. Exige algumas sutilezas, métodos e leituras, mas podemos afirmar que, lendo e relendo os textos bíblicos bem como outros textos teológicos, num olhar literário, encontramos humor e comicidade, drama e tragédia, história humana e história do mundo, cultura e ficção, etc. É possível ler alguns excertos e reinterpretá-los, criticá-los, investigá-los, para as necessidades e criatividade artísticas do ser humano.

Como afirma Antônio Geraldo Cantarella:

O modelo da correlação/contraste entre o fazer teológico e o fazer literário foca, em geral, as conexões possíveis entre o literário e o teológico. Parte do pressuposto de que há uma imprecisão de limites entre o discurso literário, objeto da fruição estética e da crítica literária, e o discurso religioso, objeto da fruição religiosa e da teologia. O texto literário não se oferece como objeto de leitura apenas à crítica literária, assim como o texto de caráter religioso não se reduz a mero objeto de estudo da teologia. Assim, por exemplo, antes de ser interpretado como palavra de Deus, o texto bíblico se entende como mito, saga, lenda, canto. É, nesse sentido, pode interessar ao leitor de literatura. Da mesma forma, a literatura, ao *redescobrir* o mundo com seu poder heurístico, se oferece como fértil terreno para a teologia (CANTARELLA, 2014, p. 1246, grifo do autor)

Com essa nova abordagem da leitura da Bíblia, para além da leitura espiritual e teológica, podemos encarar um texto bíblico com outras perspectivas, extraindo dele aspectos até então não imaginados. Como afirma Eli Brandão:

Quanto a sua configuração, seja qual for o texto, mesmo o que conta de algo de um universo sagrado, não deixa de ser um texto comum, um meio de comunicação entre homens, no qual um autor busca deixar suas impressões em um código destinável a ser decifrável por outros seres humanos, não havendo referência extra-humana nem do lado do emissor, nem do receptor, sem que o texto deixe de ser comunicação humana, a despeito de ser algo considerado divino. Não se conhece nenhuma língua descida do céu (BRANDÃO, 2005, p. 166.)

Um texto escrito é linguagem humana que expressa o que é humano: sonhos, desejos, emoções, sentimentos, conquistas, protestos, revoltas, realizações, etc. Mesmo que um texto se reporta a algo de caráter divino, sobrenatural ou fantástico, será sempre texto escrito por mãos humanas e não mãos divinas. Isso se dá também com os textos da Bíblia.

Antônio Magalhães apresenta algumas características da leitura da Bíblia como Literatura. Primeiramente, para ele, “Deus é personagem literário, que, como qualquer outro personagem, cresce ou diminui à medida que dialoga com outros personagens.” (MAGALHÃES, 2008, p. 15) Além disso, a riqueza da Bíblia como obra literária reside na complexidade e intensidade de tramas e personagens que estão na narração prolixa e detalhista. A linguagem bíblica também é literária no sentido de ser marcada pela tensão e oscilação de personagens, sendo que essas podem se desenvolver e serem alteradas no decorrer das narrativas. (Cf. MAGALHÃES, 2008, p. 18)

Assim, com as novas relações e análises de duas áreas tão densas e ricas, pode-se abrir um leque maior de interpretações de textos literários com um olhar teológico, e de textos teológicos, sob olhar literário. Literatura e Teologia, arte e fé, ficção e argumentação podem caminhar lado a lado (e até de mãos dadas) sem perderem suas características particulares, enriquecendo e abrindo visões de mundo até então ainda não exploradas.

2.2 A BÍBLIA DO MATUTO

Observando a arte cristã na história, vemos imagens, cenas e alusões a Cristo de forma séria, chocante, sofrível. Umberto Eco em *História da feiura* apresenta a construção da imagem de Cristo associada a dor e ao sofrimento. O cristianismo em suas representações apresenta a

imagem do Cristo crucificado, ensanguentado, flagelado e com a coroa de espinhos formando um estigma do horrível, do lacrimoso e do doloroso sobre a religião cristã, longe da alegria.

Segundo Eco:

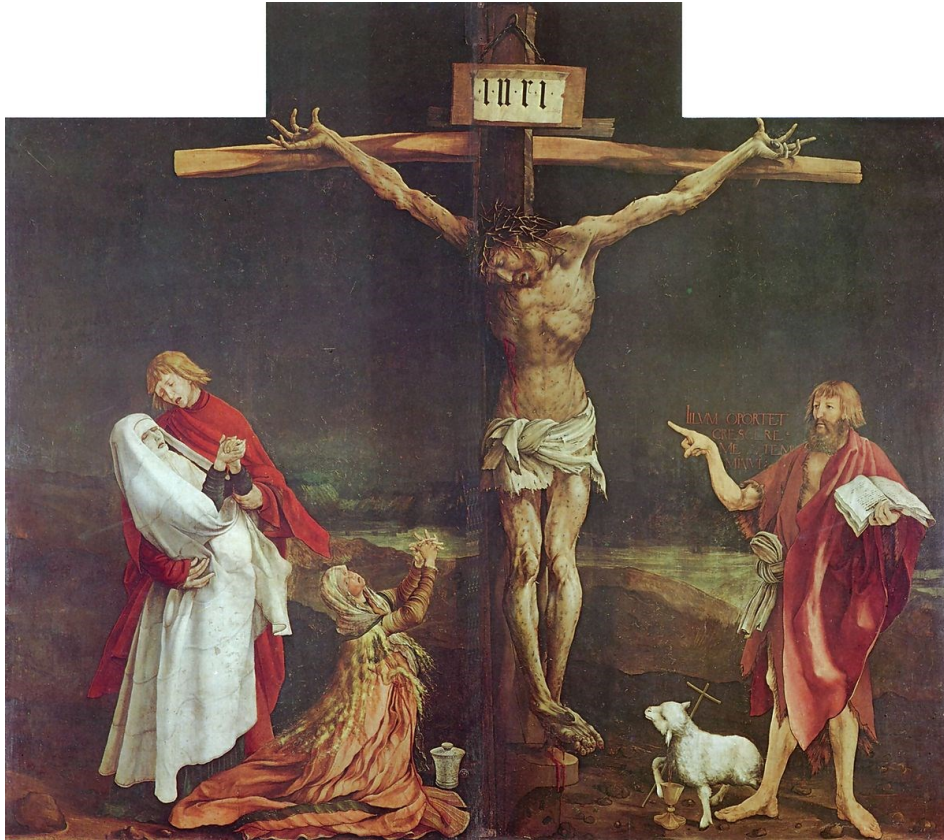
Esta aceitação de *feiura* de Cristo, não foi, no entanto imediata. Havia – é verdade – uma página de Isaías que apresentava o Messias desfigurado pelo sofrimento e a menção já havia sido retomada por alguns padres da Igreja, mas Agostinho reabsorveu esta evidência escandalosa em sua visão pancalista, ao afirmar que Jesus certamente parecia disforme quando pendia da cruz, mas que, através dessa deformidade exterior, Jesus exprimia a beleza interior de seu sacrifício e da glória que nos prometia. (ECO, 2007, p, 49, grifo do autor)

A imagem de Cristo desfigurado, já anunciada pelo profeta Isaías é retomada pelos padres da Igreja, sobretudo Agostinho, e cristalizada na Idade Média através da arte e dos discursos quaresmais e penitências. Tal imagem auxilia a doutrina e pregação da Igreja em voltar os fiéis para a lógica do sacrifício e sofrimento em nome de Deus. A Igreja constrói assim uma erótica e retórica da necessidade da dor que está presente nas artes e nos discursos, como afirma Eco:

Foi somente nos séculos da Idade Média mais madura que se reconheceu no homem da cruz um homem verdadeiro, batido, ensanguentado, desfigurado pelo padecimento, e a representação, seja da crucificação, seja das várias fases da paixão, torna-se dramaticamente realista e celebra, em seu sofrimento, a humanidade de Cristo. [...] É desse modo que a imagem do Cristo doloroso passará também para a cultura renascentista e barroca, em um crescendo da *erótica* da dor, em que a insistência no rosto e no corpo divino martirizado pelo sofrimento chegará aos limites do comprazimento e da ambiguidade, como acontece com Cristo, mais que ensanguentado, sanguinolento, da *Paixão* de Mel Gibson. (ECO, 2007, p. 49, grifos do autor)

Como exemplo dessa mentalidade, podemos mostrar a obra medieval de Mathias Grünewald, que retrata o estigma sério e doloroso da religião cristã durante muito tempo. Esse retrato permanece o mesmo em muitos aspectos também hoje, congelado pela necessidade do sofrimento e também pelos discursos ainda medievais carregados de rigidez, escrupulosidade e dogmática.

Figura 1 – Retábulo de *Issenheim*, de Matthias Grünewald (1512 – 1516).



Disponível em: <

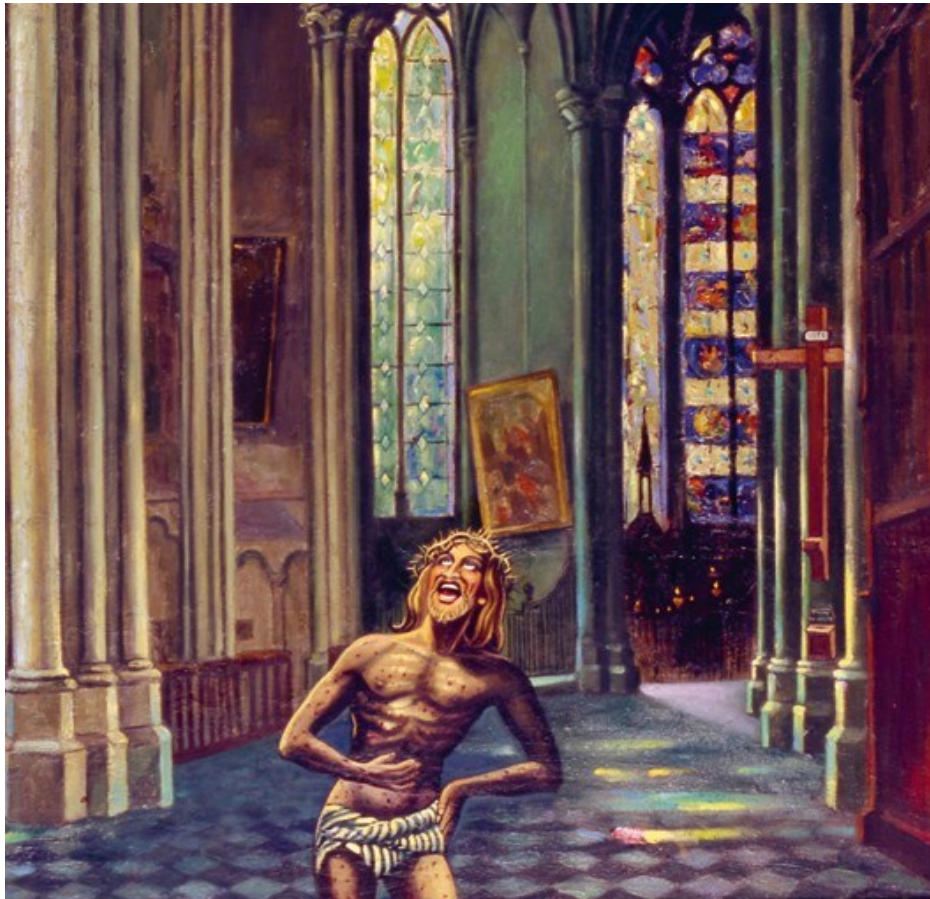
https://www.google.com.br/search?q=cristo+de+grunewald&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKewi8-7HW9K_VAhXIx5AKHbTRBbIQsAQIJQ&biw=1366&bih=662#imgrc=eQeHykqII6V6M: > Acesso em: 17 de julho de 2018.

Na Idade Média, e até pouco tempo, a Bíblia, a Teologia, e o cristianismo apresentaram-se impactantes pela sua seriedade. É difícil encontrar uma obra de arte (estátua, quadro, afresco) em quase dois mil anos que represente Jesus rindo. Como oposição a dogmática cristã podemos citar a obra do francês Clovis Trouille já no século XX, que apresenta Jesus dando uma gargalhada. Trouille demonstrava em suas representações seu anticlericalismo e as críticas às hipocrisias e contradições das instituições eclesiásticas. Na obra *Le grand poème d'Amiens* podemos ver uma crítica de Trouille ao estigma sério do cristianismo. Segundo Wolfgang Kaiser em *O grotesco*, a partir da *Conversação sobre a poesia* de Friedrich Schlegel, os românticos elaboraram uma grande estética do grotesco, unindo-o ao humor e ao horror, como crítica e contestação, entrando na história:

Por vagas que sejam as definições do conceito de grotesco na *Conversação sobre a poesia*, elas contêm, por certo, muitos dos elementos que nos parecem essenciais: a mescla do heterogêneo, a confusão, o fantástico e é possível achar nelas até algo como o estranhamento do mundo. [...] Aí a crença no poder redentor da fantasia iluminava a noturna escuridão do grotesco, convertendo-a num albor de um dia ensolarado. (KAISER, 1999, p. 55-57)

A partir dessa crítica dos românticos e desse voltar-se para o grotesco, e para o riso, a arte pode se aventurar nessa busca daquilo que a transcende, resgatando e ousando intervir nos padrões estabelecidos na sociedade e religião. É o que faz Trouille no século XX ao criar essa obra:

Figura 2 - Le grand poème d'Amiens – Camille Clovis Trouille (1942).



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=le+grand+po%C3%A9me+d%27amiens&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi83fmJ-6_VAhXHF5AKHXQ5DsoQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgdii=ALQtksxLepKyM:&imgrc=hbz7YTTUwrCJuM:> Acesso em: 17 de julho de 2018.

Segundo Georges Minois, em sua obra *História do riso e do escárnio*: “O cristianismo é pouco propício ao riso. [...] ... o riso não é natural no cristianismo, religião séria por excelência. Suas origens, seus dogmas, sua história o provam” (MINOIS, 2003, p. 111) Porém, Minois, posteriormente na mesma obra, afirma: “É claro que há riso na Bíblia.” (MINOIS, 2003, p. 115) A ocorrência mais conhecida e antiga no Primeiro Testamento da presença do riso, é quando Deus informa aos idosos Abraão e Sara que eles seriam abençoados com um filho. Na ocasião, Sara ri (Gn 17,15; 18,1-15). Porém, isto fica mais visível na modernidade com a quebra de paradigmas teóricos, culturais, sociais, estéticos e linguísticos, quando as expressões artísticas transformaram a sobriedade cristã em riso, sátira, comicidade, crítica e

reflexão. É o que fazem os poetas e os escritores na Literatura, mas também outros autores no teatro, na arte, na televisão, no cinema, nas redes sociais, etc.

Através da leitura dos textos bíblicos em seus diversos gêneros literários, podemos então afirmar a existência do humor nas entrelinhas do texto. Tanto no Antigo como no Novo Testamento o encontramos. Esse humor está presente na Bíblia, na Teologia, espiritualidade e nas instituições cristãs, porém foi de certa forma rechaçado e ocultado. Hoje há uma série de interpretações humorísticas baseadas em passagens bíblicas expostas sobretudo nas redes sociais, em postagens, vídeos, séries, etc. Não há somente uma forma de humor e de riso. Encontram-se algumas formas inculturadas como o *Pastor Gaúcho, Um sábado qualquer* e a *Bíblia do Matuto*. Mas também há outras com teor mais crítico, ácido e sarcástico, como *South Park, Porta dos Fundos, Pastor Adélio*, etc.

Estas manifestações são caracterizadas por possuírem o que hoje chama-se de *ciberteologia*¹ e *ciberateísmo*². Uma realidade com elementos religiosos e teológicos que saem do âmbito meramente de fé ou crença pessoal e se abrem para posturas mais críticas, afirmativas ou negativas dentro das redes sociais, espaço onde se proliferam de maneira veloz e inovadora. Essas criações levantam questionamentos de fé, mas também de cultura, costumes, moral e comportamentos que na sociedade globalizada, pós-moderna e urbana já se configuram de outras maneiras, distintas dos ambientes tradicionais do campo, das Igrejas e das famílias. Algumas destas criações e adaptações já foram objetos de pesquisa e estudo no ambiente acadêmico. Para o leitor que não as conhece, queremos apresentá-las. Primeiramente, o Pastor Gaúcho:

¹ Termo criado e utilizado por Antônio Spadaro em sua obra *Ciberteologia: Pensar o cristianismo em tempo de rede*, de 2012.

² Termo criado pela Profa. Dra. Salma Ferraz, e utilizado em suas pesquisas e orientações acadêmicas.

Figura 3 – Pastor Gaúcho

**TE SOSSEGA, TCHÊ!
SAIBAS QUE EU SOU DEUS,
SEREI EXALTADO
POR TODAS AS QUERÊNCIAS.**

SALMOS 46:10

**Pastor
Gaúcho**



Disponível em: <

https://www.google.com.br/search?q=pastor+gaúcho&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi79J_y0KjcAhXD2FMKHSv8CysQ_AUICygC&biw=1366&bih=613#imgrc=OYFPtZ9Yirxi0M:> Acesso: 18 de julho de 2018.

Segundo Camila Ambrosini, autora da pesquisa *Que tri, Deus ri!: o riso no evangelho segundo o Pastor Gaúcho*:

As adaptações bíblicas que o pregador dos pampas realiza são relativamente recentes e continuam a ser feitas, compondo uma obra viva criada por Anderson da Luz – católico até os dez anos de idade, é membro da Igreja Protestante Batista Brasa de POA/RS, e locutor e apresentador gospel, trabalhando nas rádios Gospel Sul e Felicidade 90.3, localizadas na região metropolitana do Rio Grande do Sul, além de ser radialista na Rádio Web Louvor de Galpão, empresas nas quais apresenta programas de cunho religioso – em maio de 2011, via twitter, quando, inspirado principalmente por um tweet publicado pelo Pastor Rafael Cardoso, o qual reescreveu a passagem de I Coríntios 1:27 para “Deus escolheu os arigó para confundir os galo” (consultar o APÊNDICE), originalmente escrita como: “Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte” (1 Coríntios 1:27, 2015, p. 1995); e também motivado pela tipificação do gaúcho dos campos sul-rio-grandenses realizada pelo personagem icônico do Guri de Uruguaiana – de criação de Jair Kobe, deu à luz o carismático, divertido e cristão Pastor Gaúcho, através do qual procura transmitir a palavra de Deus na internet, por meio de seu Evangelho curto e grosso, conforme consta em informações contidas em suas páginas na web. (AMBROSINI, 2018, p. 36)

O Pastor Gaúcho utiliza-se do regionalismo linguístico do Rio Grande do Sul, para adaptar com comicidade, e divulgar no *Facebook* e em eventos públicos, o Evangelho no *gauchês*. Inculturando a Bíblia ele gera a admiração do público leitor de suas postagens e ouvinte de seus discursos, e ao mesmo tempo dá um tom mais cômico, leve, e agradável para

as pregações cristãs. O personagem também se veste caracterizado de gaúcho: botas, bombachas, chapéu, chimarrão, e para acrescentar o elemento cristão, segura a Bíblia ao lado de uma ovelha.

Outra pesquisa, realizada por Stéphanie Spengler, intitulada *Texto e paratexto: construção de sentidos em Um Sábado Qualquer*, investigou os textos e paratextos nos quadrinhos criados por Carlos Ruas, com temáticas cristãs. Segundo Spengler:

Resolvi estudar o trabalho de Carlos Ruas, autor de *Um Sábado Qualquer*, que traz essas e várias outras questões em seus quadrinhos humorísticos. Criado no final de 2009, o USQ conta com mais de dois milhões e oitocentos mil seguidores no Facebook. De cunho crítico-religioso, os mais de mil e quinhentos quadrinhos dialogam com questões interreligiosas, culturais, sociais e históricas, fazendo uso de personagens como Deus, Lúcifer (chamado de Luciraldo), Jesus, homens e mulheres da Bíblia, deuses de outras crenças, seres mitológicos e literários, personalidades históricas e contemporâneas, além do profeta João Batatista e a religião Batatista. (SPENGLER, 2018, p. 35)

Nestes quadrinhos é possível encontrar como a Literatura e Teologia se tocam, mas também como se podem realizar as críticas e contrapontos a determinados discursos religiosos, sobretudo os de conteúdos neofundamentalistas, fanáticos, charlatões e estilizados, presentes no cristianismo do século XXI. Nos quadrinhos de Ruas a linguagem, desenhos e cores são utilizados para construir ou desconstruir discursos religiosos, reescrevendo imagens de Deus mais ou menos presentes no imaginário cristão.

Figura 4 – Um Sábado Qualquer.



Disponível em:

<[Outra pesquisa que queremos destacar foi a realizada por Patrícia Leonor Martins, intitulada *Ciberateísmo: Sátira e humor na personagem do Pastor Adélio*. Nesta, a pesquisadora explora a sátira, crítica e paródia realizada pelo humorista Márcio Américo \(Pastor Adélio\) subvertendo textos bíblicos para apontar uma crítica direta aos abusos cometidos por denominações cristãs pentecostais e neopentecostais com uso da Bíblia de maneira fundamentalista para fins escusos. Nas palavras de Martins:](https://www.google.com.br/search?q=um+sabado+qualquer&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiK2o770KjcAhWQy1MKHW-cBXYQ_AUICigB&biw=1366&bih=613#imgrc=EI29agqv0GZ2LM:> Acesso em: 18 de julho de 2018.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Estudar o humor, o risível, no limiar do sagrado tornou-se então realidade. Uma grande parte dos humoristas que utilizam o texto bíblico para fazer humor afirmam que são ateus e conseguem trabalhar com as perícopes bíblicas sem medos nem receios, pois têm a coragem de se posicionarem contrariamente sobre o pensamento e o ideal cristão. Dessa forma, a escolha de usar o texto bíblico criticamente, com um humor satírico, é também uma escolha teológica, pois o humorista ateu pode até não acreditar em Deus e ou Deuses, mas é com a desconstrução do sagrado que ele está trabalhando, e essa postura dessacralizadora do religioso está inserida em um contexto teológico seja qual for a sua crença ou descrença. (MARTINS, 2017, p. 21-22)

Estudar a Bíblia do ponto de vista literário é possível, bem como do ateísmo. Através de uma leitura ateia da Bíblia, o personagem Pastor Adélio reelabora elementos teológicos, para realizar uma crítica a abusos cometidos por confissões cristãs fundamentalistas.

Figura 5 – Pastor Adélio.



Disponível em:

<[Também, destacamos a pesquisa de André Luiz da Silveira, intitulada *Riso e subversão: o cristianismo pela Porta dos Fundos*. O Porta dos Fundos, um grupo humorístico que produz vídeos semanais com críticas de cunho social, político, cultural, possui em seu *corpus*, também o mundo religioso e cristão. Segundo Silveira:](https://www.google.com.br/search?q=pastor+adelio&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwip1NaC0ajcAhURXIMKHQdoDJUQ_AUIDSgE&biw=1366&bih=613#imgrc=LMO_06gUd2NNZM:> Acesso em: 18 de julho de 2018.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Acredito que pesquisar o humor no limiar do sagrado seja um caminho interessante para testar essas fronteiras e descobrir de que forma se pode fazer rir a partir de temas delicados, como no caso da religião. Já a escolha em trabalhar com o material criativo do Porta dos Fundos deve-se ao fato de os vídeos produzidos pelo grupo terem representatividade no assunto abordado, um número considerável de esquetes de humor com temática cristã disponíveis no canal do coletivo no Youtube, número expressivo de acessos nos vídeos postados, repercussão na mídia e sucesso instantâneo no Brasil e no exterior. [...] A proposta do coletivo dialoga diretamente com a obra base de referência, a Bíblia, mas também podemos identificar algumas conexões com outros humoristas e escritores que abordam a mesma temática, como o grupo de comédia britânico Monty Phyton, o americano George Carlin, os criadores de Os Simpsons e South Park, entre outros. (SILVEIRA, 2016, p. 9-10)

As releituras e críticas feitas pelo canal Porta dos Fundos abarcam já um público considerável. Os elementos religiosos e cristãos abordados pelo grupo são e estão presentes na mente de parte de seus espectadores que discordam dos padrões religiosos vigentes. Tais paradigmas reforçaram muitas vezes, posturas de preconceitos a outros grupos na atualidade, como os ateus, não cristãos, LGBTs, mulheres, negros, estrangeiros, etc. Assim sendo, Deus, Jesus, Diabo, céu, inferno, igrejas e o cristianismo são criticados com o uso da inversão irônica produzindo comicidade, mas principalmente uma forte crítica as estruturas que produzem os discursos mantenedores do *status quo* da sociedade judaico-cristã.

Figura 6 – Porta dos Fundos.



Disponível em:

<[Além destas manifestações citadas há também a *Bíblia do Matuto*, que numa *ciberteologia*, adapta excertos bíblicos para a linguagem do povo nordestino. A *Bíblia do Matuto* é criação do jovem Paraibano, cristão e publicitário Rayan Rodrigues, que através de uma criação textual e gráfica adapta as passagens da Bíblia com expressões típicas da cultura e linguagem nordestina brasileira. Por *Matuto* se entende o sertanejo, o nordestino, o nativo daquela região do Brasil. Ao usar tal termo não é nossa intenção rebaixar o povo nordestino, sua cultura, suas expressões, suas características e modo de vida, mas distinguir sua originalidade típica.](https://www.google.com.br/search?q=porta+dos+fundos+deus&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjK9bGX0ajcAhXQ7VMKHcxKDiYQ_AUIDCgD&biw=1366&bih=613#imgre=ne2t1mMsdd0nyM:> Acesso em: 18 de julho de 2018.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Figura 7 – *Bíblia do Matuto #1* – Postagem adaptada de 1 Samuel 26,11.



Imagem concedida por Rayan Rodrigues.

A *Bíblia do Matuto*, consiste propriamente em postagens de versículos bíblicos adaptados, na rede social *Facebook*, em forma gráfica de xilogravura, com desenhos cores e texto, com uma conotação humorada, com o objetivo de divulgar os textos bíblicos e a cultura nordestina numa linguagem informal, agradável e atraente. Na figura acima, temos uma das diversas postagens da *Bíblia do Matuto*, adaptada da passagem bíblica de 1 Samuel 26,11, que no texto bíblico está exposta assim: “Que Iahweh me tenha como abominável se eu levantar a mão contra o ungido de Iahweh! Apanha agora a lança que está a sua cabeceira e o cantil de água, e vamo-nos.” (*Bíblia de Jerusalém*, 1Sam 26,11)

Com essa nova abordagem da Teologia e da Bíblia sendo adaptada para criações artísticas, verificamos como a linguagem humana está em mutação. A língua falada e escrita está em constante movimento e transformação nas formas que o ser humano usa todos os dias para se expressar. Com a Bíblia acontece o mesmo fato, porém de maneira mais lenta, visto o caráter sagrado dado ao texto durante séculos. Mas considerando-o também como texto literário, escrito por mãos humanas, podemos de forma criativa adaptá-lo para diversas situações.

2.3 NORDESTINÊS: UMA LÍNGUA DENTRO DE OUTRA LÍNGUA

O Brasil apresenta uma grande variação diatópica. Do gaúcho do sul, ao nordestino do sertão e litoral, passando pelo paulista e o paulistano, o carioca e o fluminense, o capixaba, o mineiro, podemos ir ao norte amazônico e ao centro-oeste, deparando-nos com expressões, gírias, adaptações curiosas, engraçadas e originais. Afirmamos que os regionalismos brasileiros formam *línguas dentro de uma língua*, a tal ponto de algumas expressões e sotaques de uma região serem quase incompreensíveis para ouvintes de outra região brasileira.

A variação diatópica, segundo a sociolinguística, compreende os diversos regionalismos geográficos presentes em um país ou nação. Segundo Pretti, a variação diatópica corresponde as variedades “que ocorrem num plano horizontal da língua, na ocorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais.” (PRETTI, 2004, p. 24 apud CAIXÊTA, 2015, p. 48) Esta variação linguística é encontrada no falar cotidiano, nas músicas típicas, na arte, no teatro, na televisão, no cinema e em outras manifestações dos brasileiros em seu cotidiano. Alguns espaços e momentos da vida exigem uma linguagem mais séria, diante de contextos mais formais. Porém, na maior parte da vida diária, os brasileiros utilizam expressões, gírias e adaptações que fogem ou transgridem a língua portuguesa formal, mas alguns textos são sacralizados em uma linguagem tão formal que raramente são lidos ou pronunciados com adaptações linguísticas.

Na *Bíblia do Matuto*, Rayan Rodrigues se utiliza da variação diatópica do Nordeste para adaptar os excertos bíblicos, tanto do Primeiro como do Segundo Testamentos. Faz isso para divulgar a Bíblia e também a cultura do Nordeste de forma humorada e agradável nas redes sociais. Essa adaptação provoca diversas reações, como a revolta por parte de alguns cristãos que creem que a Bíblia não pode ser modificada de forma engraçada, sendo isso um sacrilégio. E provoca também o riso, a graça e o encanto, quando o leitor encontra nessa adaptação uma identificação com a sua ou outra cultura, e admira a criação artística. Conforme Rayan Rodrigues em entrevista concedida por e-mail, quando perguntando: Qual foi a repercussão que a *Bíblia do Matuto* provocou? Você recebeu críticas e/ou elogios de pessoas ou grupos? Ele responde:

Mais elogios que críticas. Sempre fui muito grato a todo mundo que apreciava, apoiava e compartilhava da ideia, mas apesar de poucas, as críticas (geralmente atreladas ao ódio) batiam muito forte. Estou me referindo aos extremos: fui acusado algumas vezes de ser desrespeitoso com a Bíblia, de fazer chacota com o matuto, etc. Apesar de pesadas, nunca me incomodaram, ao ponto de eu levar nada disso em consideração, minha consciência sempre esteve tranquila. O projeto tinha uma pitada de função missionária e eu ficaria

surpreso se isso não fosse alvo. Tirando isso, sempre recebi os mais diversos elogios, reconhecimento, apoio, oportunidades, muitas portas foram abertas por intermédio desse projeto - o que sou muito grato. (Cf. Anexo B)

Ou seja, a Bíblia do Matuto de forma geral teve uma recepção mais positiva do que negativa no público alvo de Rayan. As críticas negativas se davam provavelmente por grupos mais fundamentalistas ou com padrões morais rígidos.

Na figura a seguir, temos uma adaptação de Rayan, onde podemos observar o uso do regionalismo. Em Provérbios 17,17, na versão da *Bíblia de Jerusalém* encontramos o versículo assim: “Em toda a ocasião ama o amigo, um irmão nasce para o perigo” (*Bíblia de Jerusalém*, Pr 17,17). O autor, transcreve o versículo com o uso de uma expressão típica do regionalismo linguístico do nordestino: *aperreio*. Deixa-o assim: “O amigo ama em todos os momentos e é um irmão na hora do *aperreio*” (*Bíblia do Matuto* #25). Com o uso do termo *aperreio*, o versículo soa mais próximo à linguagem e realidade do povo nordestino. Além disso em todas as postagens da *Bíblia do Matuto*, o autor explora de forma criativa as cores, desenhos, traços e símbolos que interagem tanto com o sentido do versículo, como com a cultura e realidade social, ambiental e religiosa do Nordeste.

Figura 8 - *Bíblia do Matuto* #25 – Postagem adaptada de Provérbios 17, 17.



Imagem concedida por Rayan Rodrigues.

A linguagem nordestina (ou o *nordestinês*) já foi apresentada por autores da Literatura Brasileira. Euclides da Cunha, João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Ariano Suassuna, entre outros, demonstraram em suas obras tanto a cultura nordestina como o ser humano que vive naquela região, bem como suas manifestações humanas como a linguagem. De maneira

informal, mas não menos importante, a Literatura de Cordel constitui uma criação artística e literária amplamente divulgada entre o povo nordestino, possuindo um corpus literário em poetas e escritores como Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré, Josenir Alves de Lacerda, Cego Aderaldo, etc.

Hoje encontram-se no ambiente virtual vários dicionários regionais e estaduais que compilam parte das expressões típicas do Nordeste, como forma de preservar, divulgar e esclarecer os termos utilizados pelos nordestinos que vivem no Nordeste e também aqueles que já migraram e continuam migrando para outras regiões do Brasil. Os dicionários do baiano, do sergipano, do pernambucano, do alagoano, do paraibano, do potiguar, do cearense, do maranhense e do piauiense, estão espalhados em vários sites e *blogs* na internet e compilam expressões de uso comum nesses estados, mas também algumas que são utilizadas mais especificamente num estado ou local. Encontra-se assim numa região geográfica de um país, uma série de expressões linguísticas que são reflexo de situações culturais, sociais, ambientais gerais ou particulares. O *nordestinês* forma uma língua dentro de uma língua. E, mesmo dentro do *nordestinês*, as pequenas variações formam expressões mais típicas de alguns locais. É nessa mescla cultural, social, ambiental e geográfica que a linguagem típica do Nordeste se configura e se destaca da língua formal.

Uma obra recente, que compilou mais de dez mil verbetes da linguagem nordestina é o *Dicionário do Nordeste*, de Fred Navarro, jornalista pernambucano radicado em São Paulo. A obra é fruto de um trabalho de vinte e um anos de pesquisa, que deu origem primeiramente as obras *Assim falava Lampião – 2500 palavras e expressões nordestinas* (1998) e *Dicionário do Nordeste 5000 palavras e expressões* (2004), e posteriormente ao *Dicionário do Nordeste* em sua segunda edição em 2013.

Fred Navarro, além de compilar essas expressões mostra em sua pesquisa que:

Dentro do labirinto original da língua portuguesa reside, confortavelmente, a atual língua *brasileira*, com contornos próprios e perfil diferenciado da língua-mãe. No seu interior, da mesma forma, coabitam os subdialetos regionais, marcas registradas de áreas geograficamente extensas e culturalmente heterogêneas: o sertão cearense não é o pampa, o pantanal não é a falésia potiguar e o coqueiral alagoano em nada se parece com a floresta tropical, a serra gaúcha ou a megalópole paulistana. As populações desses ecossistemas trazem consigo características particulares herdadas do meio físico e que costumam se apresentar ou se revelar através da linguagem, sotaque, vestuário, culinária, costumes e outros aspectos da vida cotidiana. (NAVARRO, 2013, p. 12-13, grifo do autor)

Ou seja, dentro da grande língua portuguesa, temos uma língua brasileira, que possui outras *sublínguas*, e até outras *subsublínguas*. Estas variações são criadas e recriadas com o impacto social e cultural de cada microrregião específica.

2.4 O NORDESTINO: POVO *ARROCHADO*

Ao apresentarmos o nordestino, queremos buscar na Literatura Brasileira o que já se escreveu sobre esse povo e região do Brasil. Possivelmente, algumas obras estereotiparam de forma determinista como sendo um povo sofrido pela seca e fome. Em parte há essa realidade, em parte não. O Nordeste é composto pelo semiárido, agreste, Mata Atlântica, litoral com belas praias, capitais com centros urbanos e periferias. Essas características não são generalizantes, mas formam um mosaico diverso. Porém, sendo nossa pesquisa na área de Literatura, precisamos buscar o suporte de escritores que já expuseram algumas realidades do povo nordestino.

O nordestino demonstra suas características em seu cotidiano. Fala, age, trabalha e vive de maneira original e espontânea, fazendo com que a vida seja mais leve, embora a realidade seja desafiante em alguns momentos. A força, a coragem, a ousadia, as expressões vitais do nordestino se mantêm vivas na Literatura Brasileira, na poesia de Cordel, no repente, nas danças e folclores, nas festas, na vivência da fé, no dia a dia simples desse povo. As diversas manifestações artísticas do Nordeste são a expressão de uma realidade antropológica e social específica, relatada na Literatura, na música, no teatro, na dança, no cinema, na televisão, nas redes sociais, etc.

A Literatura Brasileira já retratou o nordestino e seu modo de vida em obras como *Os Sertões* de Euclides da Cunha, publicada originalmente em 1902. No início do segundo capítulo, em que descreve o ser humano do Nordeste, o autor afirma: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1979, p. 91). E prossegue descrevendo o ser humano nascido e desenvolvido naquela região geográfica do Brasil, isto na passagem do século XIX para o XX:

Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. [...] É o homem permanentemente fatigado. (CUNHA, 1979, p. 91)

Euclides da Cunha, como escritor e jornalista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, teve a missão inicial de relatar para o governo e para os jornais da época a Guerra de Canudos. Dentro de uma visão política oficial e de um olhar determinista conseguiu descrever minuciosamente os elementos que constituem a geografia e o ser humano do Nordeste brasileiro, sobretudo do semiárido e da região de Canudos, em tempos em que o Brasil considerado culto e desenvolvido era o eixo Rio-São Paulo. A princípio Euclides da Cunha parece depreciar o povo daquela região, rebaixando-o. Porém, demonstra logo adiante, uma outra face do sertanejo:

Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (CUNHA, 1979, p. 92)

O determinismo de Cunha foi criticado na literatura e sociologia. Apresenta estereótipos que a princípio parecem ser empregados para todo o Nordeste e todos os nordestinos. Em *Os Sertões*, porém, Euclides analisa uma comunidade segregada e isolada no espaço e no tempo, no semiárido da região Nordeste: Canudos. Antônio Cândido demonstra possíveis falhas na obra de Cunha, mas também demonstra a riqueza desse trabalho. Em seu artigo intitulado *Euclides da Cunha sociólogo*, Cândido afirma a respeito da obra de Cunha:

Com tudo isso, porém, e talvez por causa disso tudo, a sua interpretação não é menos genial. Muito mais que sociólogo, Euclides da Cunha é quase um iluminado. As simplificações que operou, na síntese das grandes visões de conjunto, permitem-lhe captar a realidade mais profunda do homem brasileiro do sertão. Por isso há nele uma visão por assim dizer trágica dos movimentos sociais e da relação da personalidade com o meio — físico e social. Trágica, no sentido clássico, de visão agônica em que o destino humano aparece dirigido de cima. O homem euclidiano é o homem guiado pelas forças telúricas, engolfado na vertigem das correntes coletivas, garroteado pelas determinações biopsíquicas: — e no entanto, elevando-se para pelejar e compor a vida na confluência destas fatalidades. (CÂNDIDO, 2012, p. 33)

Além de Euclides, outro escritor que apresentou a realidade do nordestino, foi Graciliano Ramos, sobretudo em *Vidas Secas* publicado em 1938, livro no qual o escritor

alagoano descreve a saga de uma família de retirantes que vão e vem pelo sertão em busca de trabalho, água e comida. A família formada por Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia vive a luta do povo do semiárido nordestino em tentar escapar do sol e do calor, da fome e da morte. Graciliano em seu estilo realista, concentra-se na narrativa e em demonstrar a situação por qual passam os habitantes do sertão. Em sua escrita, sentimos algumas características desse povo, sobretudo no personagem Fabiano:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, 1986, p. 19-20)

A forma de andar, de se pôr, de falar e se comunicar do personagem Fabiano demonstra algumas das características do sertanejo vistas pelo autor. Graciliano, como modernista, deixa de lado a linguagem elaborada e o sentimentalismo e descreve, em suas obras a realidade do povo nordestino do semiárido, configurando um regionalismo com críticas sociais e políticas.

Além deles, podemos citar João Guimarães Rosa que, em sua experiência de escritor, diplomata, romancista, contista, médico e poliglota, criou *Grande Sertão: Veredas*. Essa sua obra, publicada em 1956, apresenta inovações de linguagem marcadas pela influência de falares regionais e populares do interior de Minas Gerais, Bahia e de Goiás. A erudição de Rosa gerou dentro do romance, além de uma história épica e fantástica, a criação de termos e palavras originadas de arcaísmos e expressões populares, invenções do autor, e mesclas diversas. Além disso, o personagem Riobaldo é o jagunço característico da região que Rosa aborda, inclusive o Nordeste. O personagem traz em sua personalidade, atitudes, e comunicação, o modo de viver do povo daquela região. Demonstra de forma mais próxima a sabedoria popular do *Matuto* do Nordeste. Riobaldo não tendo uma formação escolar ou acadêmica, expressa as inquietações, angústias, alegrias e esperanças do ser humano em suas veredas pelo mundo, que são os sentimentos de todo ser humano. Ao criar e adaptar os termos e frases longas ou curtas nas falas de Riobaldo, Rosa apresenta as mesclas culturais, religiosas, sociais e ambientais de um povo. Eis alguns exemplos:

Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma

doutoração. [...] Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. [...] O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. [...] Sou ruim não, sou homem de gostar dos outros, quando não me aperreiam; sou de tolerar. (ROSA, 2015, p. 24.25.153)

O nordestino, o sertanejo, o jagunço, ou o *Matuto*, é visto muitas vezes como um forte. Traz em seu interior os elementos necessários para enfrentar as realidades que se mostram ásperas e duras. Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* além de criar e recriar expressões linguísticas únicas, elabora um personagem realista e místico, Teopoético, que é o jagunço Riobaldo.

Além desses, Ariano Suassuna com o *Auto da Compadecida*, originalmente uma peça teatral escrita em 1955, que em 2000 foi adaptada para o cinema brasileiro, conseguiu expressar de maneira original, cômica, e simples o modo de viver do nordestino, mesclando elementos da cultura, do drama, da Literatura de Cordel, da tradição religiosa, da política, da sociedade e do cotidiano do povo do sertão nordestino. Alguns personagens como Chicó, João Grilo, Dora, Eurico, Padre João, Cangaceiro, etc. assumem as faces e expressões realistas do povo nordestino frente as adversidades da vida. Histórias de um mundo que é o Nordeste são e foram relatadas na Literatura Brasileira, preservando e divulgando a cultura, a arte, a fé, os costumes e a linguagem de um povo com suas particularidades específicas. Voltamos a dizer que essas são as características do modo de viver nordestino que encontramos na Literatura Brasileira, e expõe alguns elementos desse povo e sua região.

Queremos abordar também a Literatura de Cordel. Conforme afirma Estela Ramos de Souza de Oliveira, autora da pesquisa *O Diabo ridicularizado na literatura de cordel*:

Os folhetos começam a ser publicados no Brasil no final do Século XIX, mais precisamente no estado da Paraíba. Não se encontram registros que afirmem com exatidão qual o primeiro autor que teve seus versos impressos. Pode-se citar, contudo, os nomes de Leandro Gomes de Barros, cujo folheto mais antigo que se tem notícia data de 1893, e Francisco das Chagas Batista como os precursores. (OLIVEIRA, 2013, p. 49-50)

Temos na Literatura de Cordel então, uma arte inicialmente oral que foi escrita posteriormente em folhetos divulgados e comercializados na Paraíba, mas que se espalharam por toda a região Nordeste. Com o passar dos anos os folhetos começaram a ser vendidos, comercializados. Com a chegada da energia, do rádio e da televisão, pensou-se que os folhetos iriam desaparecer, mas não. Como afirma Estela Ramos:

Com a chegada da energia elétrica e o rádio, entre as décadas de 20 e 30, as famílias deslumbravam-se com o aparelho, preferencialmente colocado na sala de visita, sinônimo de modernidade e status. Além disso, a energia elétrica possibilitava que os moradores da mesma casa ocupassem cômodos diferentes, modificando o hábito das reuniões de família em torno do candeeiro e diminuindo gradativamente a frequência dos serões. Confrontando a lógica, a mudança de rotina promovida pelo ingresso do rádio e da energia elétrica não foi suficiente para acabar com a prática da escrita, comercialização e leitura dos folhetos. Os autores continuaram a vender bem, e o nordeste, pioneiro, consolidou-se como o maior produtor de folhetos do Brasil. (OLIVEIRA, 2013, p. 53)

Essa Literatura tem como característica reunir, em versos rimados e geralmente bem humorados, os sentimentos, necessidades e realidades do povo do Nordeste, e dessa maneira “as residências abriam suas portas para a declamação dos folhetos e cantorias, realizando verdadeiras festas literárias, denominadas serões. Era nesse espaço que muitos folhetos eram divulgados e, por isso, vendidos.” (OLIVEIRA, 2013, p. 52) O poeta cordelista é aquele que está atento às realidades do seu público, pois necessita contar, escrever e vender seus folhetos, seu trabalho, para também ter seu sustento. A Literatura, nesse espaço, sai do meio oral e adentra no formato escrito. É como afirma também Márcia Abreu, citada por Estela Ramos:

O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível. [...] São informações e trechos de poemas guardados na memória de antigos poetas entrevistados por folcloristas ou reconstituições feitas em folhetos recordando velhas pelejas. Se não são registros inteiramente confiáveis, sujeitos aos deslizes da memória, carregam consigo uma marca fundamental: o caráter fortemente oral dessa produção, tanto no que tange à composição quanto à transmissão (ABREU, 1999, p. 74 apud OLIVEIRA, 2013, p. 58)

Os folhetos de certa forma sobreviveram aos avanços da tecnologia e estão presentes na Internet. Após algumas suspeitas se eles sobreviveriam a modernidade, pode-se afirmar que:

[...] a literatura de folheto continua a existir, sobrevivendo ao jornal, ao rádio, à televisão e, mais recentemente, às mídias digitais. Não sendo nesta uma adversária, os admiradores e autores do folheto acabam por aproveitar a Internet para divulgar folhetos inéditos ou manter acervos digitais. (OLIVEIRA, 2013, p. 53)

O público nordestino se identifica culturalmente e socialmente com a literatura de folhetos e continua consumindo-os. Em nosso ponto de vista a *Bíblia do Matuto* se assemelha a literatura de folhetos. Seu formato, cores, expressões lembram o folheto, que agora no século XXI, transpassa o espaço físico do papel, e está exposto no ambiente virtual. Na imagem a seguir temos uma adaptação da passagem de Lucas 6, 20, que no texto bíblico se encontra assim:

“Erguendo então os olhos para seus discípulos, dizia: ‘Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.’” (*Bíblia de Jerusalém*, Lc 6,20)

Figura 9 – *Bíblia do Matuto* # 36 – Postagem adaptada de Lucas 6, 20



Imagem concedida por Rayan Rodrigues

Além da passagem da oralidade para a escritura, a literatura de folhetos traz a realidade do povo nordestino e também suas expressões coloquiais, simples, espontâneas usadas no cotidiano. A poesia cordelista de Josenir Alves de Lacerda, por exemplo, expressa um tanto dos regionalismos linguísticos do povo nordestino. No poema *O linguajar cearense*, ela procura mostrar essa característica forte do falar cearense, o qual apresentamos em parte:

...
 Neste cordel-dicionário
 Eu pretendo registrar
 O rico vocabulário
 Da criação popular
 No Ceará garimpei
 Juntei tudo, compilei
 Ao leitor quero ofertar

Se alguém é desligado
 É chamado de bocó
 Broco, lerdo e abestado
 Azuado ou brocoió
 Arigó e Zé Mané
 Sonso, atruado, bilé

Pomba lesa e zuruó

Artigo novo é zerado
 Armadilha é arapuça
 O doido é abirobado
 Invencionice é infuca
 O matuto é mucureba
 Qualquer ferida é pereba
 Mosquito grande é mutuca
 Quem muito agarra, abufela
 Briga pequena é arenga
 Enganação, esparrela
 Toda prostituta é quenga
 Rapapé é confusão
 De repente é supetão
 Insistência é lenga-lenga

Qualquer tramóia é motim
 Solteira idosa é titia
 Mosquitinho é mucuim
 Recipiente é vasia
 Meia garrafa é meiota
 O exibido é fiota
 Travessura é istripulia

Bebeu muito é deodato
 Brisa leve é cruviana
 O sujeito otário é pato
 Cigarro curto é bagana
 Fugir é capar o gato
 O engraçado é gaiato
 Quem vai preso tá em cana.
 (LACERDA, 2018, s/p)

Hoje tais particularidades da linguagem continuam sendo expressas na Literatura, mas também na música, nas danças, no folclore, nas artes em geral, e também nas redes sociais.

Assim, após apresentarmos como se encontra o diálogo acadêmico entre Teologia e Literatura, duas áreas de conhecimento que hoje já possuem uma consolidação de trabalhos e pesquisa no Brasil, e também o que é a *Bíblia do Matuto*, dentro da variação diatópica do Nordeste e da realidade social e antropológica do povo nordestino. Exporemos no segundo capítulo as teorias da adaptação a fim de encontrar o tipo, ou tipos, de adaptação realizada na obra *Bíblia do Matuto*.

3 **BÍBLIA DO MATUTO: UMA BÍBLIA DIFERENTE OXENTE!**

“*Nas operações da imaginação humana, a adaptação é a norma, não a exceção.*”

(Linda Hutcheon – *Uma Teoria da Adaptação*)

Para encontrarmos o tipo ou tipos de adaptação realizada na *Bíblia do Matuto*, faremos, neste segundo momento, a exposição de algumas teorias da adaptação utilizadas no âmbito dos estudos comparativos entre Literatura e outras áreas do conhecimento. Para tal, utilizaremos principalmente os estudos de alguns teóricos como Linda Hutcheon – autora de *Uma teoria da adaptação*; Gérard Genette – autor de *Palimpsestos: a literatura de segunda mão* e Julia Kristeva – autora de *Introdução a semiótica*, entre outros.

3.1 ADAPTAÇÃO E LITERATURA

Muitas obras clássicas da Literatura são adaptadas para outras artes por um viés mais cômico, trágico ou crítico. A Bíblia, sendo considerada obra literária, também pode ser adaptada em sua textualidade.

Na Literatura contemporânea, temos alguns exemplos de adaptações literárias. Citamos José Saramago com seu *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* como um trabalho de adaptação. Saramago nessa sua obra relê os Evangelhos bíblicos com um viés inesperado nas linhas e entrelinhas. Mas ao mesmo tempo faz um trabalho de intertextualidade, como se o texto original fosse corroído em partes e preenchido por uma nova massa textual, uma nova textualidade, distinta da original, mas que se remete a obra primeira. Isso podemos ver nesta passagem:

Jesus correu à frente de todos, entrou no pátio, pessoas de ar compungido abriram-lhe caminho para que ele passasse, ouviam-se dentro os choros e as lamentações, Ai, meu querido irmão, esta era a voz de Marta, Deitado no chão, sobre uma esteira, viu Lázaro, tranquilo como se dormisse, o corpo e as mãos compostas, mas não dormia, não, estava morto, [...] Do fundo do seu desfeito e amargo choro, Marta disse a Jesus, Se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido, mas eu sei que tudo quanto pedires a Deus, ele to concederá, como te tem concedido a vista dos cegos, a limpeza dos leprosos, a voz dos mudos, e todos os mais prodígios que moram na tua vontade e esperam a tua palavra. Jesus disse-lhe, Teu irmão há-de ressuscitar, e Marta respondeu, Eu sei que há-de ressuscitar na ressurreição do último dia. Jesus levantou-se, sentiu que uma força infinita arrebatava o seu espírito, podia, nesta suprema hora, obrar tudo, cometer tudo, expulsar a morte deste corpo, fazer regressar a ele a existência plena e o ente pleno, a palavra, o gesto, o riso, a lágrima também,

mas não de dor, podia dizer, Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá, e perguntaria a Marta, Crês tu nisto, e ela responderia, Sim, creio que és o filho de Deus que havia de vir ao mundo, ora, assim sendo, estando dispostas e ordenadas todas as coisas necessárias, a força e o poder, e a vontade de os usar, só falta que Jesus, olhando o corpo abandonado pela alma, estenda para ele os braços como o caminho por onde ela há-de regressar, e diga, Lázaro, levanta-te, e Lázaro levantar-se-á porque Deus o quis, mas é neste instante, em verdade último e derradeiro, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar. (SARAMAGO, 1991, p. 226-227).

Para o leitor da Bíblia, a obra de Saramago causa estranheza pela transgressão que o autor faz do texto original ao reescrever um novo texto de forma distinta da forma conhecida. O desfecho final da cena relatada nos Evangelhos é diferente do desfecho dado pela imaginação e criação de Saramago. Na *Bíblia de Jerusalém*, lê-se:

Chegando ao lugar onde Jesus estava, Maria, vendo-o, prostrou-se a seus pés e lhe disse: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.” Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, comoveu-se interiormente e ficou conturbado. E perguntou: “Onde o colocastes?” Responderam-lhe: “Senhor, vem e vê!” Jesus chorou. Diziam, então, os judeus: “Vede como ele o amava!” Alguns deles disseram: “Esse, que abriu os olhos do cego, não poderia ter feito com que ele não morresse?” Comoveu-se de novo Jesus e dirigiu-se ao sepulcro. Era uma gruta, com uma pedra sobreposta. Disse Jesus: “Retirai a pedra! Marta, a irmã do morto, disse-lhe: “senhor, já cheira mal: é o quarto dia!” Disse-lhe Jesus: “não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” Retiraram, então, a pedra. Jesus ergueu os olhos para o alto e disse: “Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que me enviaste.” Tendo dito isto, gritou em alta voz: “Lázaro, vem par fora!” O morto saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhe disse: “Desatai-o e deixai-o ir.” (*Bíblia de Jerusalém*, Jo 11, 32-44)

O leitor pode perceber assim, como Saramago reelabora um texto, baseando-se em outro, mas distinguindo o primeiro do segundo, pelo fato de dar um desfecho distinto do narrado no texto bíblico. Mas diante desse exemplo pontual, podemos questionar: por que o ser humano adapta, recria e reinventa histórias, mitos e ficções?

O ser humano distingue-se dos outros seres vivos pela capacidade de cognição e criação. Além de criar materialmente objetos e estruturas, tem a capacidade de criar e inventar aquilo que está para além do físico e do ordinário. A natureza racional e criativa do ser humano transcende o modo de ser animal. Linda Hutcheon afirma:

A razão da minha confiança é que acredito firmemente que a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. E recontar quase sempre significa adaptar – *ajustar* as histórias para que agradem ao seu novo público. (HUTCHEON, 2013, p. 10, grifo da autora)

A adaptação faz parte da imaginação humana e do caráter criativo de toda obra humana. O que levou a José Saramago adaptar os Evangelhos canônicos numa obra de ficção? Podem ser muitos fatores, porém a própria capacidade criativa do ser humano e de Saramago por si só já faz com que adaptações e recriações surjam espontaneamente tanto no cotidiano, como em estudos, como em obras de arte (Literatura, música, pintura, filmes, séries, teatro, etc.). Basta que tais capacidades sejam despertadas e direcionadas para um objetivo.

Muitas vezes as adaptações são vistas de forma pejorativa, como se tudo o que é copiado ou recriado a partir de outros não fosse digno de crédito. Hutcheon desmistifica isso afirmando que “[...] ser um segundo não significa ser secundário ou inferior; da mesma forma, ser o primeiro não quer dizer ser originário ou autorizado.” (HUTCHEON, 2013, p. 13) Além disso, nenhuma adaptação existe sem uma história e contexto. Em todos os tempos e a cada tempo o ser humano observando, criticando e criando sente a necessidade de produzir efeitos modificadores de ambientes e realidades em nível social, político, moral e comportamental. Por meio de culturas, línguas e contextos, o significado e o impacto de histórias adaptadas podem mudar radicalmente. O que é contado e recebido num lugar e numa época será contado e recebido de forma distinta em outro lugar e época. As adaptações, mesmo que às vezes estigmatizadas como algo secundário ou de valor inferior, produzem interesse nos leitores e espectadores da Literatura, do cinema e das artes. Há algo particularmente atraente nas adaptações enquanto adaptações. Para Hutcheon, há também um prazer em consumir as adaptações:

Gostaria de argumentar que parte desse prazer advém simplesmente da repetição com variação, do conforto do ritual combinado à atração da surpresa. O reconhecimento e a lembrança são parte do prazer (e do risco) de experienciar uma adaptação; o mesmo vale para a mudança. (HUTCHEON, 2013, p. 25)

A necessidade da adaptação como novidade, comparação e desvio ativa a mente humana ao desejo de absorver as diversas adaptações. E nesse desejo as adaptações trazem muitas vezes consigo, um apelo comercial. Há assim várias intenções possíveis ao adaptar: o desejo de consumir e apagar a lembrança do texto adaptado, ou de questioná-lo, ou até prestar

uma homenagem. Hutcheon afirma três perspectivas distintas de adaptação que podem ser citadas assim:

Em primeiro lugar, vista como uma entidade ou produto formal, a adaptação é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular. [...] Em segundo, como um processo de criação, a adaptação sempre envolve tanto uma (re-)interpretação quanto uma (re-)criação. [...] Em terceiro, vista a partir da perspectiva do seu processo de recepção, a adaptação é uma forma de intertextualidade. (HUTCHEON, 2013, p. 29-30)

Em resumo, pode-se afirmar que as adaptações seguem de forma geral, segundo os estudos de Hutcheon, três grandes formatos: “Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis; Um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação; Um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada.” (HUTCHEON, 2013, p. 30) Essas adaptações hoje se dão na Literatura com outras áreas de conhecimento, comunicação, entretenimento e formação de opinião. Essa forma de adaptação está presente também na *Bíblia do Matuto*.

Figura 10 – *Bíblia do Matuto* #24 – Postagem adaptada de Salmos 119,103.

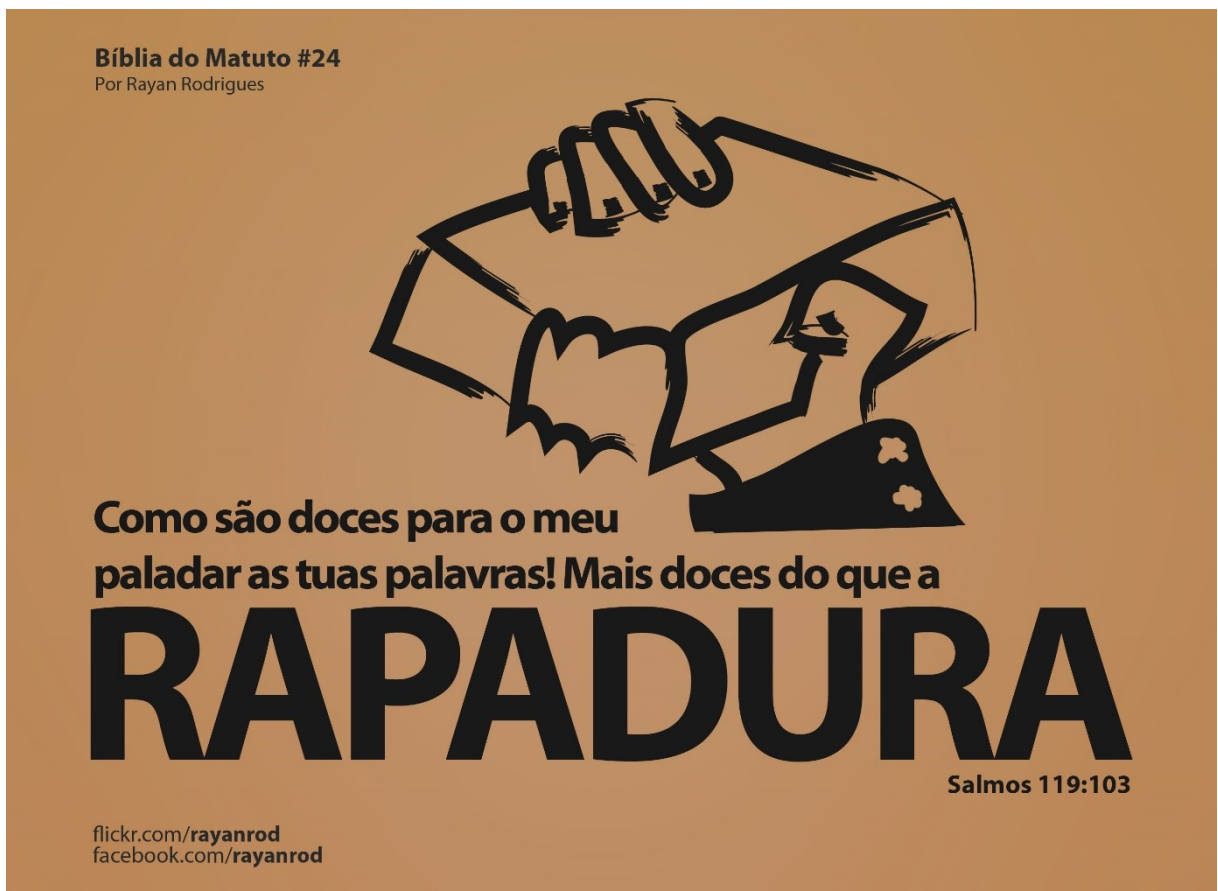


Imagem concedida por Rayan Rodrigues

Na figura acima temos uma adaptação de Salmos 119,103, que na *Bíblia de Jerusalém* está assim: “Quão doce ao meu paladar é tua promessa, é mais doce do que o mel em minha boca!” (*Bíblia de Jerusalém*, Salmo 119,103) O adaptador, Rayan Rodrigues se apropria de elementos conhecidos da cultura nordestina. Trocando o termo mel por *rapadura*, e ainda desenhando a imagem desta, o autor instiga o nordestino a se identificar com sua cultura, mesmo que possivelmente nem todos os nordestinos comam rapadura. Porém, tal alimento é popularmente conhecido como um produto da região nordestina. Numa intertextualidade, Rayan gera um produto (adaptação) distinto do original, mas que carrega consigo a referência explícita ao primeiro, que é a Bíblia. Prosseguindo nossa exposição, apresentaremos algumas estruturas conceituais básicas que compõem as adaptações textuais e veremos como elas se adequam a *Bíblia do Matuto*.

3.2 ADAPTAÇÃO: TIPOS E CARACTERÍSTICAS

A adaptação é teorizada por Linda Hutcheon, de várias formas, porém deve-se expor que nos trabalhos de adaptações textuais – como por exemplo *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago – e em outros, “[...] para o leitor, espectador ou ouvinte, a adaptação como adaptação é um tipo de intertextualidade se o receptor estiver familiarizado com o texto adaptado.” (HUTCHEON, 2013, p. 45) Quando um leitor se depara com a obra de Saramago, identifica que essa é uma adaptação pelo fato de estar familiarizado com a obra original. Se o leitor nunca tivesse lido os Evangelhos conforme estão na Bíblia, não reconheceria que a obra de Saramago é uma adaptação. Esta e qualquer adaptação de forma mais ampla é um produto e um processo. Nesse processo de adaptação, a própria adaptação faz com que as pessoas contem, mostrem ou interajam com as histórias e textos. Nas adaptações temos novas formas de interação com novos modos de engajamento. O modo antigo é substituído pelo novo, causando uma nova forma de recepção de conteúdo. É como afirma Hutcheon:

A rigor, quando as adaptações se movimentam entre os modos de engajamento, dessa forma entre as mídias – especialmente na mudança de mídia mais comum, isto é, da página impressa para a *performance* de teatro e rádio, para a dança, a ópera, o musical, o cinema ou a televisão -, é que elas se veem presas aos intrincados debates sobre especificidade midiática; o mesmo ocorre quando as obras são adaptadas do meio impresso ou performativo para as mídias interativas, com seus múltiplos canais sensoriais e semióticos. (HUTCHEON, 2013, p. 63, grifo da autora)

A adaptação gera um produto distinto do original. E toda adaptação possui uma intenção por trás de si. Nas adaptações literárias para o cinema, o teatro e as redes sociais, a intenção geralmente fica mais exposta devido a performance do produto e a nova forma estética e comunicativa que desperta geralmente interesse. A mudança gera os debates relativos da fidelidade à obra original, desvios, comicidade, truculência, intenções e recepções entre os leitores, espectadores e críticos. Os críticos não são imparciais, nem as adaptações. Diante disso, podemos afirmar que a intertextualidade é uma característica essencial de todas as adaptações textuais, de Literatura para Literatura, cinema, teatro, redes sociais, etc. Ainda como afirma Hutcheon seguindo a teorização pós-estruturalista francesa de Julia Kristeva e Roland Barthes, atualmente:

[...] os textos são vistos como mosaicos de citações visíveis e invisíveis, sonoras e silenciosas; eles já foram todos escritos e lidos. Pode-se dizer o mesmo das adaptações, embora seja necessário acrescentar a ressalva de que elas também são reconhecidas como adaptações de textos específicos. (HUTCHEON, 2013, p. 46)

Se todos os textos já foram escritos e lidos, o que se têm como produto original? Numa obra de adaptação, a nova adaptação é o produto original de algo já escrito, discutido e dito. A criatividade humana, que gera uma nova adaptação, entra em cena, e a novidade está na intenção que o produtor põe na obra. Mas outros elementos essenciais também estão presentes nas obras de adaptação possibilitando a realização atualmente de tantos estudos comparados, como afirma Hutcheon lembrando de Genette:

Quando dizemos que a obra é uma adaptação, anunciamos abertamente sua relação declarada com outra(s) obra(s). É isso que Gerard Genette entende por um texto em *segundo grau*, criado e então recebido em conexão com um texto anterior. (HUTCHEON, 2013, p. 27, grifo da autora)

As adaptações são textos de segundo grau, ou segunda mão. Mas não no sentido de serem menos importantes ou desqualificados. São produtos que surgem da interação humana diante de uma obra consolidada e a partir de sua criatividade gera outra obra, distinta da original, mas que se remete a primeira. Gerard Genette em *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, apresenta como as relações transtextuais são palimpsestuosas. Segundo sua própria definição:

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos

por palimpsestos (mais literalmente: hipertextos) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou imitação. [...] Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. (GENETTE, 2010, p. 7)

Numa adaptação tem-se um palimpsesto. O texto antigo é raspado para ser impresso um novo, que gera um produto final distinto do original, mas com características ainda semelhantes. E isto pode ser feito indefinidamente, um texto sempre pode ser lido e relido sucessivamente. Nas relações de adaptação entre textos – relações *transtextuais* - Genette conceitua cinco formas em que elas acontecem: *intertextualidade*, *paratextualidade*, *metatextualidade*, *hipertextualidade* e *arquitextualidade*. Apresentando essas relações *transtextuais* podemos ter um panorama maior dessas formas de relação a fim de encontrar qual se adequa ao nosso objeto de pesquisa.

A primeira relação *transtextual* que Genette apresenta em sua obra é a *intertextualidade*. Esta é “uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro.” (GENETTE, 2010, p. 14) Exemplo disto é a citação com aspas, o plágio e a alusão.

A segunda relação transtextual é a *paratextualidade*. Segundo Genette esta relação é constituída “pela relação, geralmente menos explícita e mais distante, que, no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém com o que se pode nomear simplesmente seu paratexto” (GENETTE, 2010, p. 15) que na prática são: título, subtítulos, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, notas de rodapé, etc. também são os pré-textos de rascunhos, esboços e projetos diversos. O leitor ao deparar-se com o paratexto tem uma prévia do que é ou será o texto propriamente dito, ou uma explanação de algo não explícito no texto.

Outra relação transtextual que Genette afirma existir é a *metatextualidade*, que é a relação, “chamada mais correntemente de *comentário*, que une um texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo.” (GENETTE, 2010, p. 16-17) É quando um texto posterior *fala* de um texto anterior.

A quarta *transtextualidade* citada por Genette é talvez a mais comum e importante para essa pesquisa: a *hipertextualidade*. Esta é “toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota da forma que não é a do comentário.” (GENETTE, 2010, p. 18) É um texto de segunda mão derivado de outro texto preexistente. O hipertexto é considerado por Genette como uma obra propriamente literária pois geralmente é derivado de uma obra de ficção, e permanece obra de ficção com adaptação, e aos olhos do leitor se apresenta como criação literária. Nessa relação é

possível transformar ou imitar um texto A para um texto B, seja em maior ou menor extensão. Para Genette “a Eneida e Ulisses são, sem dúvida, em diferente graus e certamente a títulos diversos, dois (entre outros) hipertextos de um mesmo hipotexto: a Odisseia, naturalmente.” (GENETTE, 2010. p. 18)

A quinta relação transtextual é a *arquitextualidade*, que é mais abstrata e implícita. Segundo Genette “trata-se de uma relação completamente silenciosa, que, no máximo, articula apenas uma menção paratextual de caráter puramente taxonômico.” (GENETTE, 2010, p. 17) Como exemplos desta relação temos a indicação Romance, Narrativa, Poemas, etc., que acompanham as capas dos livros e são dados pelos autores, e analisados pelos críticos e leitores se tais obras realmente se enquadram em tais gêneros.

Enfim, para Genette, essas cinco formas de *transtextualidade* não são classes estanques, sem comunicações ou intersecções. Suas relações são numerosas e diversas. As diversas formas de *transtextualidade* são ao mesmo tempo aspectos de toda textualidade e, potencialmente e em graus diversos, das categorias de textos. A *hipertextualidade* como ressaltado constitui uma das características mais presentes nas adaptações. Podemos observar que é próprio da obra literária que, em algum grau evoque alguma outra e, nesse sentido, quase todas as obras são *hipertextuais*.

Julia Kristeva, em sua obra *Introdução a semiótica*, aborda as relações entre texto e língua nos estudos de semiologia ligando as adaptações e reconstruções linguísticas às cenas do ambiente social. Trabalhar a língua, para Kristeva, necessita remontar ao próprio germe onde despontam o sentido e seu sujeito. O produtor da língua é obrigado a um nascimento permanente, ou melhor, que às portas do nascimento ele já explore o que o precedeu. Mergulhado numa língua, todo texto é o que ela tem de mais ácido: aquilo que a questiona, aquilo que a transforma, aquilo que a descola de seu inconsciente e do automatismo de seu desenvolvimento habitual e ordinário. (Cf. KRISTEVA, 2005, p. 10-11).

O texto, dentro de um contexto linguístico e cultural, não fica preso ao abismo da subjetividade. Ele se lança dentro da realidade social em que é gerado:

O sentido dito e comunicado do texto fala e representa essa ação revolucionária que a significância opera na medida em que encontra seu equivalente na cena da realidade social. Assim, por um duplo jogo, na matéria da língua e na história social, o texto se instala no real que o engendra: ele faz parte do vasto processo do movimento material e histórico, se não se limita – enquanto significado – a seu autodescrever ou a se abismar numa fantasmática subjetivista. (KRISTEVA, 2005, p. 11-12)

As criações textuais e as recriações como adaptações se enquadram dentro de uma realidade histórica e social. Mesmo as Literaturas fantásticas, fantasias, mitos, ficções científicas, etc. brotam e se lançam dentro de contextos ambientais, ideológicos, morais ou religiosos. O texto, segundo Kristeva, pelo efeito alterado presente naquilo que representa, participa da mobilidade, da transformação do real. Ele é ao mesmo tempo gerado e produzido pelas forças reais e históricas e ao mesmo tempo tem um efeito transformador da realidade ambiental pelos efeitos que produz nos sujeitos que os leem.

Segundo Kristeva, foi o russo Mikhail Bakhtin, que introduzindo a noção de *estatuto da palavra* como unidade minimal da estrutura e situou o texto na história e na sociedade, encarados como textos que o escritor lê e nas quais ele se insere ao reescrevê-los. Saindo do formalismo, a história linear surge como uma abstração; a partir dessa abertura a maneira que o escritor tem de participar da história vem a ser, então, a transgressão dessa abstração através de uma escritura-leitura, isto é, de uma estrutura em oposição a outra estrutura. Cada leitura e criação é uma oposição ao antigo e criação de nova estrutura. Quebrando paradigmas, Bakhtin buscou no carnaval da Idade Média as raízes dessa lógica, sendo o primeiro a estudá-la. A palavra poética segue uma lógica que ultrapassa a lógica do discurso codificado, só possível de ser realizada à margem da cultura moral oficial. O discurso carnavalesco, a *carnavalização*, quebra as leis da linguagem censurada pela gramática e pela semântica, sendo, por esse motivo, uma contestação social e política: não se trata de equivalência, mas de identidade entre a contestação do código linguístico oficial e a contestação da lei oficial. (Cf. KRISTEVA, 2005, p. 66-67) É em parte o que, desde tempos passados até hoje, realizam as adaptações como transgressões do formal, seja no texto, na arte, na música, no cinema, etc. as adaptações, sobretudo as contestações morais, são uma maneira de dizer que nem tudo precisa ser tão correto e dentro das normas, quebrando os paradigmas morais e comportamentais.

Ainda segundo Kristeva, a respeito de Bakhtin, os textos se constroem como mosaicos de citações, sendo absorções e transformações de outros textos. Nesse sentido adentra a noção de *intertextualidade* que já apontamos também em Hutcheon. O funcionamento da linguagem necessita uma análise semiótica, onde podemos dizer com Kristeva que há três dimensões do espaço textual, onde se realizam as diferentes operações dos conjuntos sêmicos. Essas três dimensões são: o sujeito da escritura, o destinatário e os textos exteriores, ou seja, temos três elementos em diálogo. Na noção de estatuto, a palavra ou texto forma uma tríade, sujeito-destinatário-contexto. (Cf. KRISTEVA, 2005, p. 67-68)

Na imagem a seguir temos uma adaptação do Salmo 1,2, que na *Bíblia de Jerusalém* encontramos assim: “Pelo contrário: seu prazer está na lei de Yahweh, e medita sua lei, dia e noite.” (*Bíblia de Jerusalém*, Sl 1,2). Rayan Rodrigues o adapta da seguinte maneira: “Antes tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei *matute* de dia e de noite.” (*Bíblia do Matuto #35*) Dentro de uma análise semiótica, podemos perceber a princípio os três elementos citados por Kristeva. O sujeito é o autor da obra, Rayan, que não aparece explicitamente, mas produz a adaptação com as características de grafia, texto, cores. O destinatário é o leitor, o espectador nas redes sociais. O contexto é a princípio a cultura nordestina e o ambiente cristão.

Nessa obra há também a *palimpsestuosidade* como apresenta por Genette. Uma obra é raspada e sobre ela é inserida uma nova textualidade, distinta da original, mas que se remeta àquela. Com o acréscimo de elementos gráficos, desenhos e cores, a referência a obra original não é perdida, mas ganha um novo design ou visibilidade inovadora.

Figura 11 – *Bíblia do Matuto #35* – Postagem adaptada do Salmo 1,2



Imagem concedida por Rayan Rodrigues

Nas Literaturas ditas fantásticas, mágicas e míticas, a linguagem original ou adaptada elabora uma comunicação que transpassa o discurso formal, para um discurso coloquial contextual ou sobrenatural. Os românticos tentaram criar uma ligação entre a linguagem humana e a linguagem divina. Como se houvesse uma queda, semelhante a do paraíso do

Gênesis, o movimento romântico na artes e na Literatura buscou a recuperação de algo sagrado. Segundo Vinicius Mariano de Carvalho:

Para os românticos, havia uma linguagem original compartilhada por Deus e os homens. Essa linguagem permitia ao homem uma comunhão total com o universo, sem mediação. Houve, todavia, uma *queda*, um distanciamento entre a linguagem divina e a linguagem humana, estabelecendo-se assim um caos. Já não pode mais a linguagem humana expressar o divino, falar do inefável. A poesia surge como possibilidade de reconstrução, recriação, restauração do contato perdido (CARVALHO, 2001, p. 42-43, grifo do autor)

Essa perspectiva ressalta a necessidade do campo da linguagem para além do puramente objetivo. A linguagem poética permite reordenar o que estava no caos após um fato sobrenatural que foi a queda. A linguagem na poesia, no conto e no romance podem falar do divino, do sublime, através de alegorias e símbolos. Hoje, com as adaptações, a linguagem pode continuar falando do humano e além humano com as imagens, *design* gráficos, sons, cores, performances, etc. Além disso o verdadeiro poeta “é aquele que inventa sua linguagem, que na verdade não é sua, pois apenas a colheu na fonte de todas as línguas, o verbo original, e a traduziu.” (CARVALHO, 2001, p. 463) Ou seja, pode-se afirmar que os românticos são alguns dos vários escritores que adaptaram palavras que estão em forma embrionária numa outra dimensão. Trazem para o texto aquilo que transcende o físico e material. A partir da subjetividade e cognição pessoal, podem transcrever, no papel e em outros meios, um discurso também subjetivo, provindo de dimensões para além do objetivo.

Para Ludwig Wittgenstein, filósofo da linguagem do século XX, quando abordamos grandes áreas de conhecimento e de lógicas linguísticas distintas, reportamos-nos a diferentes *jogos de linguagem* – termo que foi trabalhado em sua obra póstuma *Investigações Filosóficas* – em que um jogo, a princípio, não se comunica com outro. Como afirma Antônio Magalhães:

Uma pressuposição central é que quando falamos de religião e ciências, nos reportamos a diferentes jogos de linguagem. Mais até: constatamos uma certa incompatibilidade semântica na gramática superficial entre os jogos de linguagem, quaisquer que sejam, segundo Wittgenstein. Os jogos de linguagem são sistemas fechados e é somente no interior deles que os elementos isolados têm o valor que lhe são atribuídos. Ou ainda mais claramente: a verificação daquilo que é acolhido como verdadeiro, toda afirmação ou negação de hipóteses têm lugar dentro de um sistema. (MAGALHÃES, 2004, p. 12)

Wittgenstein investigou a problemática de como a linguagem representa o mundo, reduzindo-a à semântica da linguagem: para ele, a apreensão de algo como certeza acontece de

forma tão objetiva como quando se aprende que $2 \times 2 = 4$. O verdadeiro e o falso só podem ser identificados a partir de determinado sistema, pois aquilo que é erro gritante num determinado sistema não o é em outro. A linguagem não é um todo homogêneo, mas um aglomerado de linguagens distintas. Um exemplo é o fato de, nas cartas atribuídas ao Apóstolo Paulo, os Evangelhos serem chamados de *loucura* pelos que não estão integrados à lógica cristã (1 Cor 1) Entre cristãos, judeus e pagãos há uma gama de linguagens, significados e lógicas distintas. Esses três grupos religiosos viviam e vivem em *jogos de linguagem* distintos. A piada, a poesia, a oração, a narração, a ciência, a filosofia, a Teologia, etc. são diversos *jogos de linguagem*. Quando a comunicação acontece entre mentes plasmadas por concepções rígidas, fica impossibilitada de um diálogo e de adaptações criativas. Porém, quando nesses jogos se encontram aberturas na transmissão e recepção de conceitos, os jogos podem se comunicar criativamente, como por exemplo entre a linguagem literária e a linguagem teológica.

Os pensadores expostos neste momento – Hutcheon, Genette, Kristeva, etc. – produzem uma análise literária e linguística teórica de adaptações, *palimpsestuosidades* e *transtextualidades* presentes em literaturas, artes e mídias atuais. Identificaremos qual ou quais destas estão presentes no objeto de pesquisa desse trabalho.

3.3 ADAPTAÇÃO NA *BÍBLIA DO MATUTO*

Como se dá a adaptação na *Bíblia do Matuto*? Já feita a exposição de algumas teorias e características da adaptação literária, encontraremos nessa seção o tipo (ou tipos) de adaptação na obra da *Bíblia do Matuto* e suas características.

Na postagem a seguir, criada por Rayan Rodrigues, é feita uma obra de adaptação com *hipertextualidade* e *palimpsestuosidade*. Esses dois tipos de adaptações e suas características estão presentes na *Bíblia do Matuto*. Nela temos uma adaptação do Salmo 78,59, que na *Bíblia de Jerusalém* encontra-se assim: “Deus ouviu e ficou enfurecido, e rejeitou completamente Israel.” (*Bíblia de Jerusalém*, Salmo 78,59). Diante desse texto, Rayan em, sua criatividade artística, faz uma adaptação textual e gráfica, com o texto original, sendo transgredido para uma nova forma textual: “Sabendo da iniquidade do povo, Deus ficou *arretado* com Israel.” (*Bíblia do Matuto* #7)

Figura 12 - *Bíblia do Matuto #7* – Postagem adaptada de Salmos 78,59.



Imagem concedida por Rayan Rodrigues.

Onde são encontradas estas características na *Bíblia do Matuto*? Veja-se a *hipertextualidade*. Para Genette, a *hipertextualidade* mais comum nas adaptações é a seguinte: aquela na qual a derivação do hipotexto ao hipertexto é ao mesmo tempo maciça (toda uma obra B deriva de toda uma obra A) e declarada, de maneira mais ou menos oficial. Para ele, é próprio de uma obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, estas evoquem outras. Nesse sentido, todas as obras são *hipertextuais*. Também se pode buscar em qualquer obra ecos parciais, localizados e fugidios de qualquer outra, anterior ou posterior. (Cf. GENETTE, 2010, p. 24)

Nas adaptações *hipertextuais* há dois textos, um é o arquiteixo ou hipotexto, que é o pergaminho original; o outro é o hipertexto. A relação entre os dois é essa relação de *hipertextualidade*, encontrada na *Bíblia do Matuto*. Segundo Genette:

Entendo por hipertextualidade toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota de uma forma que não é a do comentário. [...] Dizendo de outra forma, consideremos uma noção geral de texto de segunda mão ou texto derivado de outro texto preexistente (GENETTE, 2010, p. 18).

Para exemplificar isso, usamos a *Bíblia do Matuto*. Nesta, um hipotexto (texto da Bíblia), se relaciona com um texto posterior, que é o hipertexto, (a *Bíblia do Matuto*), como na Figura 12. O texto da Bíblia: “Deus ouviu e ficou enfurecido, e rejeitou completamente Israel.” é o hipotexto, enquanto o texto da *Bíblia do Matuto*: “Sabendo da iniquidade do povo, Deus ficou *arretado* com Israel.” é o hipertexto. A *Bíblia do Matuto* é uma obra derivada de outro texto preexistente. É um hipertexto que brotou de um hipotexto. A relação entre os dois textos distintos é a *hipertextualidade*.

Na *Bíblia do Matuto* encontra-se também a *palimpsestuosidade*. Vê-se que “um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo.” (GENETTE, 2010, p. 7). Essa característica é muito semelhante à *hipertextualidade*. É também uma relação hipertextual. Genette, nessa sua afirmação, mostra como a obra criada é produto de um trabalho criativo, artesanal, subjetivo. Quando Rayan Rodrigues adapta o texto bíblico “Deus ouviu e ficou enfurecido, e rejeitou completamente Israel” (*Bíblia de Jerusalém*, 2011) para “Sabendo da iniquidade do povo, Deus ficou *arretado* com Israel.” (*Bíblia do Matuto* #7) ele faz esse trabalho intelectual, criativo e escritural de raspar o texto original para imprimir um novo texto no estilo da variação diatópica do Nordeste. Nota-se que ele adapta somente um ou outro termo para o regionalismo do Nordeste, e não todo o versículo, destacando-o em fonte maior. Essa é a *palimpsestuosidade* afirmada por Genette e encontrada na *Bíblia do Matuto*.

Outras característica que podemos citar também é a que afirma Kristeva em relação a realidade histórica e social. Na *Bíblia do Matuto*, a adaptação realizada nos remonta para uma realidade linguística e social particular. A cultura, a realidade ambiental e social do Nordeste brasileiro é o que permite ou impulsiona a adaptação de uma linguagem formal para uma linguagem coloquial, com termos e expressões característicos de um povo. Utilizando uma afirmação de Kristeva: “Transformando a matéria da língua, para aí transportando a relação de forças sociais da cena histórica, o texto liga-se duplamente em relação ao real: à língua e à sociedade” (KRISTEVA, 2005, p. 12), podemos dizer então que a Bíblia formal encontra nessa criação de Rayan um novo formato de transmissão através de uma adaptação gráfica, textual e virtual na cena social do *Matuto* nordestino. Pelo fato de a realidade se configurar de tal forma, é que a obra original pode ser adaptada para uma linguagem que se configura também como fruto de uma realidade social e ambiental, e não outra.

Por fim, pode-se reafirmar com Linda Hutcheon que:

[...] a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. E recontar quase sempre significa adaptar – *ajustar* as histórias para que agradem ao seu novo público. (HUTCHEON, 2013, p. 10, grifo da autora)

Destacando-se como obra produto da criatividade humana – com subjetividade, cognição, racionalidade, criatividade, etc. – a *Bíblia do Matuto* tem a originalidade de contar e recontar (em um espaço e tempo curto) histórias, mitos, narrações, cantos, orações, etc. que são os diversos gêneros literários que compõe a Bíblia. Essas passagens (excertos) recontadas na *Bíblia do Matuto* prosseguem com suas características literárias originais, mas também possuem outras novas (nas textualidades, cores, grafias, desenhos, formas) e também no veículo de transmissão, que é uma rede social.

Assim, tendo sido expostas no segundo capítulo as teorias da adaptação e encontrando os tipos de adaptação realizada na obra da *Bíblia do Matuto*, faremos no terceiro momento a exposição das principais teorias do humor, a fim de também encontrarmos o tipo, ou tipos de humor, presentes no objeto dessa pesquisa.

4 **BÍBLIA DO MATUTO: UMA BÍBLIA ARRETADA E BEM HUMORADA!**

“*Todo desvio é cômico.*”
(Henri Bergson – *O Riso*)

Para encontrarmos o tipo, ou tipos de humor na *Bíblia do Matuto*, faremos, neste terceiro capítulo, a exposição de algumas teorias do humor estudadas no âmbito da antropologia e sociologia em diálogo com a Literatura e comunicação. Para tal, serão utilizados principalmente os estudos de alguns teóricos como Henri Bergson – autor de *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*; Vladímir Propp – autor de *Comicidade e Riso*; Quentin Skinner – autor de *Hobbes e a teoria clássica do riso*; Elias Thomé Saliba – autor de *Raízes do Riso*; Peter Berger – autor de *O Riso Redentor* e André Comte-Sponville, autor de *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*.

4.1 HUMOR: NATUREZA HUMANA, SOCIAL E TRANSCENDENTAL

Como afirma Quentin Skinner, desde as observações de Aristóteles, Platão e Quintiliano já é relatada a presença do riso como característica humana:

A observação mais frequentemente citada de Aristóteles sobre o riso vem de um texto conhecido pelos antigos latinos como *De partibus animalium*, no qual observa que os seres humanos são as únicas criaturas que riem. (SKINNER, 2002, p. 15, grifo do autor)

Aristóteles analisa isso e suas implicações na *Poética*. A comédia trata do que é risível, e o risível era considerado um aspecto do vergonhoso, do feio ou do baixo. No *Filebo*, Platão examina a natureza do ridículo e, na *República*, antecipa o princípio central da análise de Aristóteles afirmando que o riso está ligado à reprovação do vício. Quintiliano examina as relações entre riso e desprezo no livro 6 do seu *Institutio Oratoria*, no qual reitera que o riso tem origem em coisas que são deformadas ou indignas. Ou seja, desde a antiguidade a manifestação do riso no ser humano desperta o interesse dos pensadores. Mas para além de uma característica humana essencial, o riso é também um fator social. É preciso haver um eu e um tu, o outro, do qual ou com o qual se possa rir. A respeito disso, Henri Bergson, em sua obra *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*, afirma:

Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. [...] O nosso riso é sempre o riso de um grupo. Ele talvez nos

ocorra numa condução ou mesa de bar, ao ouvir pessoas contando casos que devem ser cômicos para elas, pois riem a valer. Teríamos rido também se estivéssemos naquele grupo. (BERGSON, 1983, p. 8)

O sentido dessa afirmação é o de que o riso tem uma função social de integrar, descontrair, dispersar, agregar, satirizar, criticar, etc. Até podemos rir quando estamos sozinhos, ao nos lembrarmos de alguma situação humana cômica. Mas é sempre melhor rir em grupo. O riso age num ambiente relacional que é o da sociedade e dos grupos sociais, compostos por pessoas humanas que interagem e absorvem as imagens de diversos ambientes de convívio e elaboram suas impressões críticas e bem humoradas. O riso tem esse aspecto marcadamente humano como já afirmava Aristóteles e os seus, mas tem também um lugar, que é o ambiente natural, como lembra-nos Bergson:

Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. [...] O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERGSON, 1983, p. 9)

Rimos daquilo que toca o humano e o social, que é pertinente ao cotidiano, as indagações, sentimentos e reclamações humanas. Há o riso também porque há a surpresa com algo inesperado. Para além de uma propriedade humana e social, o riso, em algumas ocasiões, une essas duas e as transcende fazendo o ser humano, ter a experiência momentânea de infinito. Quando o riso surge diante do trágico da vida, o ser humano sabendo que é mortal, lança-se ao riso para ter um momento de infinito, de romper com os esquemas humanos e sociais, de ter quase a experiência de ser Deus. É nesse sentido a afirmação de Lélia Parreira Duarte:

O riso traz assim a possibilidade de ultrapassar o mundo e *o ser que somos*, precário, limitado e mortal, marcado pela falta e pela impossibilidade de atingir o total conhecimento. Pelo riso o ser pode sair da verdade da finitude, pois o nada a que ele dá acesso liberta de racionalismos e condicionamentos ratificados pela organização social. [...] O riso revela-se útil, assim, para a manutenção da espécie: experiência do não-saber, livra do desespero do pensamento aprisionado nos limites do sério. Nesse sentido, saber rir é momentaneamente tornar-se *Deus*, experimentar o impensável, sair da finitude da existência. (DUARTE, 2006, p. 53, grifos da autora)

Pela manifestação do riso, o ser humano rompe as barreiras do finito, do mortal, do sério, do tédio, mesmo que seja por pouco tempo. Sente-se livre dos condicionamentos e paradigmas humanos, sociais, burocráticos e formais.

Na busca pelo transcendente o ser humano encontra na religião e na oração uma possível via de acesso a ele. Muitas vezes condicionada por esquemas, tempos, momentos, liturgias, a religião e oração nem sempre parecem satisfazer as indagações e buscas dos seres

humanos. Orações, novenas, penitências, sacrifícios, jejuns é o que as religiões sugerem ou pedem a seus fiéis que buscam uma graça.

Figura 13- *Bíblia do Matuto* #34 – Postagem adaptada de 1Tes 5,17



Imagem concedida por Rayan Rodrigues

Na figura acima, Rayan Rodrigues adapta uma passagem da 1ª Carta de Paulo aos Tessalonicenses, que na *Bíblia de Jerusalém*, encontramos simplesmente assim: “Orai sem cessar” (*Bíblia de Jerusalém*, 1Tes 5,17). Ao adaptar o termo cessar, para *arredar o pé*, ao mesmo tempo a categoria de oração e a provocação do riso sugerem uma aproximação ao sagrado, de forma humorada. A imagem do nordestino sob o sol, no semiárido ao lado de uma pedra e um cacto, lembra os sacrifícios e penitências sugeridos pelo cristianismo, porém agora o versículo adaptado abre-se a interpretação também do humor, e do riso.

Estas duas naturezas básicas do humor – a humana e a social – são tocadas as vezes por uma transcendental, que será abordada no próximo tópico. Na tentativa de alguns pensadores de investigar as origens do humor e do cômico no século XX, os três ensaios que mais investigaram onde se encontram essas origens são os de Henri Bergson, Sigmund Freud e Luigi Pirandello.

Com a pesquisa de Elias Thomé Saliba – *Raízes do Riso* - vemos que para Bergson não se trata de querer descobrir a essência do risível no humano, pois para ele, é na sociedade que está a resposta. O riso para Bergson nasce:

[...] do contraste ou da antítese entre os elementos mecânicos e os elementos vivos. [...] A brincadeira do boneco de mola que sai da caixa de surpresas serviu de metáfora da famosa tese de Bergson: comprimimos o boneco e ele salta de novo, quanto mais o apertamos, mais alto ele pula. [...] É cômico, dizia finalmente Bergson, todo arranjo de atos e acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, *a ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica*. (SALIBA, 2002, p. 21-22, grifo do autor)

O riso para Bergson se dá no processo psicológico de inversão e sobreposição de dimensões espaciotemporais, da rigidez mecânica dos sentidos e da mente humana em resistir ou não à novidade. As montagens mecânicas do cotidiano, muitas vezes banais, quando são inesperadamente subvertidas, quebradas e desconstruídas geram o riso como expressão de subversão da ordem.

Freud dedicou seu livro, *Os chistes e suas relações com o inconsciente*, ao tema do riso. Em Freud a sociedade também cumpre uma relevância na origem do riso e do cômico. Mas seus estudos rastream as notáveis semelhanças entre o trabalho do chiste e o trabalho do sonho. Como também afirma Saliba, para Freud:

O riso funcionava, nas suas mais diversas manifestações associativas, como um liberador das emoções reprimidas. O riso compensava, em seus efeitos, o dispêndio contínuo de energia exigido para manter as proibições que a sociedade impõe e os indivíduos internalizam. (SALIBA, 2002, p. 23)

O riso está relacionado em Freud com o ato de repressão moral e sexual das sociedades sobre os indivíduos. Internalizando essas repressões, o riso surge repentinamente como válvula de escape para as emoções e desejos inconscientes que estão reprimidos. O riso serve para expulsar emoções reprimidas e recalçadas frente a bloqueios emocionais ou comportamentais gerados na infância, adolescência ou em ambientes com padrões morais rígidos e repressores.

O outro teórico do riso que vale citar é Pirandello. Para ele, como para os outros dois, coube situar as causas do risível nas imprevisíveis rupturas da realidade que marcavam o cenário da época na qual vivia. Saliba também mostra que:

Para Pirandello o cômico nasce de uma percepção do contrário, como no famoso exemplo de uma velha já decrépita que se cobre de maquiagem, veste-se como uma moça e pinta os cabelos. Ao perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso, que nasce da ruptura das expectativas, mas sobretudo do sentimento de superioridade. (SALIBA, 2002, p. 24)

Nesse exemplo, ao não ver o que se esperava, o espectador encontra na velha maquiada o contrário de sua expectativa, gerando assim o riso. Nessa perspectiva, aquilo que nos é

familiar é colocado num contexto desconhecido ou estranho, o senso comum é rompido e o inesperado é evocado, gerando o riso. Essa ruptura das expectativas demonstra um tipo de riso que serve para reforçar visões de grupos sociais predominantes da sociedade, frente a outros minoritários, ou posições conservadoras. Por que a velha senhora não pode se maquiar, vestir-se bem e pintar os cabelos? O riso aqui serve para reforçar padrões sociais.

O que une esses três teóricos do riso é que procuram revelar o lado recôndito, escondido e ambivalente do humor, associando-o de uma forma ou outra ao inconsciente. Eles historicizam as atitudes em relação ao cômico, a maneira que é praticado, seus alvos e formas. Para Saliba, diante dessas teorias:

As representações humorísticas, nas suas inúmeras formas e procedimentos, forjam-se nos fluxos e influxos da vida, no tecido histórico e social – já que cada sociedade cria e inventa seus próprios espaços de repressão e de transgressão. Além de colocar-se como invenção histórica e social, a atitude humorística é vista como parte indistinta dos processos cognitivos, pois ela partilha, como o jogo, a arte e o inconsciente, o espaço do indizível, do não-dito e, até, do impensado. (SALIBA, 2002, p. 28)

O riso, dessa maneira, é o ato de desmascarar o real e surpreender o engano ilusório dos gestos, jeitos e formalidades cotidianas internalizadas no corpo e mente dos seres humanos. É um modo também de aprender com os desvios cotidianos e absorver novas configurações de realidades que destoam dos paradigmas vigentes.

4.2 TIPOS DE HUMOR

Para identificarmos o tipo, ou tipos de humor presentes em nosso objeto de pesquisa – *A Bíblia do Matuto* – exporemos aqui os principais tipos de humor já teorizados por pensadores.

Vladimir Propp, autor de *Comicidade e Riso*, aborda vários tipos do humor encontrados nas manifestações humanas. Ele enumera alguns tipos de riso em sua obra: o *riso bom*, o *riso maldoso*, o *riso cínico*, o *riso alegre*, o *riso ritual* e o *riso imoderado*. Pode-se dizer que há duas grandes distinções nos tipos de riso: uns contém a derrisão, os outros não.

Tratando-se do *riso bom*, como teoriza Propp, podemos perceber a característica agradável do riso, e do sorriso. Utilizando-se a afirmação de Propp:

É igualmente evidente, porém, que não se ri apenas porque se descobre defeitos em quem está a nossa volta, mas também por outro motivos que cabe estabelecer. [...] Pode acontecer, por exemplo, que os defeitos sejam tão irrelevantes a ponto de suscitar em nós não o riso, mas o sorriso. O defeito pode ser próprio de uma pessoa a quem amamos e apreciamos bastante ou por quem sentimos simpatia. No quadro geral de uma avaliação positiva e da

aprovação, um pequeno defeito não provoca condenação, mas pode, ao contrário reforçar um sentimento de afeto e simpatia. As pessoas assim perdoamos facilmente suas falhas. Esta é a base psicológica do riso bom. (PROPP, 1992, p. 151-152)

Podemos afirmar então que no riso bom, aquilo que é visto como um defeito ou desvio, se torna cômico pelo afeto, intimidade e bem querer que se pode ter pela pessoa que possui tal defeito ou realiza um desvio. O riso bom dependerá então da relação que a pessoa que ri tem com a pessoa objeto do riso. Diante da mesma situação, uma pessoa pode rir de outra sem derrisão, enquanto outra pode rir dessa mesma pessoa derrisoriamente. O riso bom é geralmente acompanhado pela afetividade e cordialidade. O oposto deste, é o *riso mau*:

No riso bom, os pequenos defeitos daqueles que nós amamos só embaçam seus lados positivos e atraentes. Se esses defeitos existem, nós os desculpamos de bom grado. No riso mau, os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência. (PROPP, 1992, p.159)

Com o *riso mau*, riem as pessoas desiludidas pela vida ou que se consideram infelizes. É um riso pseudotrágico e tragicômico. Desse riso se utilizam aqueles que não acreditam em nenhum impulso nobre, que veem em todo lugar a falsidade e a hipocrisia. Para esses, as pessoas que tem sensibilidade são consideradas tolas, utópicas ou idealistas sentimentais. Esse riso não suscita nenhuma simpatia ou virtude.

Psicologicamente semelhante a esse é o *riso cínico*. Este prende-se ao prazer pela desgraça alheia:

A desgraça dos outros, não importa se pequena ou grande, e a infelicidade alheia podem levar um ser humano árido, incapaz de entender o sofrimento dos outros, a um riso que tem as características do cinismo. Mesmo o simples riso que zomba não está desprovido de um matiz de maldade, mas não passa de matiz. (PROPP, 1992, p. 160-161)

Aqui se ri dos doentes ou velhos que não conseguem se levantar, quando um cego bate num poste, quando alguém se machuca ou é vítima de uma grande sofrimento. A desgraça e dor do outro gera o riso e o escárnio. Esse riso é bem presente nos contos fantásticos e no cinema, mas no cotidiano também está presente, mesmo que disfarçadamente.

Vale citar ainda o *riso alegre*. Esse é muito simples pois não está ligado a nenhum motivo de derrisão, defeito ou sátira. Muitas vezes é sem nenhuma causa precisa e pode originar-se dos pretextos mais insignificantes. É riso alegre e vivificador. O primeiro sorriso de um recém-nascido alegra a mãe e todos os que estão ao seu redor. Existem aqueles que

conseguem conservar essa disposição até o fim da vida. São pessoas alegres por natureza, boas, dispostas ao humorismo. (Cf. PROPP, 1992, p. 162-163)

Outro tipo de riso, talvez menos conhecido, é o *riso ritual*. Durante certos períodos da história e em algumas culturas, foi atribuído ao riso a capacidade de elevar as forças vitais e até despertá-las. Atribui-se a ele a capacidade de suscitar vida tanto aos seres humanos quanto a natureza vegetal. Na Antiguidade a terra era concebida como um organismo feminino e a colheita como a conclusão de uma gravidez. As procissões fálicas despertavam o riso e a alegria gerais, e este riso deveria influenciar positivamente a colheita. Talvez estava aí uma das origens da comédia. Os antigos *iacutos* veneravam a deusa dos nascimentos *Iekhsit*, que segundo a tradição, visitava as mulheres que estavam para dar à luz e as ajudavam no momento do parto com risos altos. Na Idade Média era comum o riso pascal: nas missas católicas da Páscoa, o sacerdote alegrava os fiéis com piadas indecentes e obscenas a fim de fazê-los rir. (Cf. PROPP, 1992, p. 164-165) O *riso ritual* está ligado diretamente as religiões e crenças antigas e medievais. Não surge diretamente da reprovação de um defeito, da sátira ou da derrisão. Só é possível realizá-lo dentro de uma cultura e concepção de mundo específica.

O último tipo de riso citado por Propp é o *riso imoderado*. O riso tem gradações que vão desde o sorriso fraco até o estouro fragoroso de uma risada desenfreada. Nos padrões burgueses oficiais o *riso imoderado* é visto como baixo, é o riso das praças, dos bufões, das festas e das diversões populares. Na modernidade permanecem as festas próximas aos solstícios e ao carnaval. É a permanência das festas agrárias primitivas antigas que perduram na Idade Média e hoje estão adaptadas. Durante as festas populares as pessoas entregavam-se à licenciosidade, a bebedeira, a comilanças e muitas risadas. Essa liberdade também tinha uma origem mágico-ritual. Como afirma Propp:

A licenciosidade e o riso ligados às festas eram um modo de expressar o protesto contra a moral ascética opressiva e a falta de liberdade impostas pela igreja, e contra todo o conjunto da estrutura social da Idade Média feudal. (PROPP, 1992, p. 169)

O *riso imoderado* é uma catarse pessoal e coletiva que em determinados momentos o ser humano experimenta, como momento de expurgo de sentimentos tediosos e deprimentes.

Além dos tipos de riso citados, sobretudo nos estudos de Propp, podemos trazer também o humor como virtude. André Comte-Sponville, filósofo francês e ateu, autor de *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, afirma acerca do humor:

Que ele seja uma virtude poderá surpreender. Mas é que toda a seriedade é condenável, referindo-se a nós mesmos. O humor nos preserva dela e, além

do prazer que sentimos com ele, é estimado por isso. [...] É ridículo levar-se a sério. Não ter humor é não ter humildade, é não ter lucidez, é não ter leveza, é ser demasiado cheio de si, é ser demasiado severo ou demasiado agressivo, é quase sempre carecer, com isso, de generosidade, de doçura, de misericórdia... [...] (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 113).

Ou seja, sem humor não há respiração, não há vida, não há felicidade. Tratá-lo dentro de uma lógica das virtudes necessárias para o bem viver é uma sabedoria. Assim seriam mais sábios os pais e mães, educadores, religiosos e líderes sociais que ao invés do humor preferem a frieza ou a repressão. E como diz o filósofo, podemos dizer inclusive que: “Um santo sem humor é um triste santo” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 113).

Retomamos agora a terceira função ou característica do humor – além da pessoal e social – que é a transcendental. Como já vimos o humor transcendental faz o ser humano lançar-se para além de uma dimensão meramente física e material, e por alguns momentos ter quase a experiência de ser Deus.

Diante das tragédias da normalidade da condição humana, surge o riso como forma de dispersar psicologicamente situações limites. O ser humano ri não da morte, mas porque sabe que é mortal, finito, limitado. É o que afirmam D’Angeli e Paduano:

Sob o gritante paradoxo esconde-se a tragédia silenciosamente consumada na normalidade da condição humana, muito mais vasta e muito menos evitável que as situações extremas. [...] Pede-se ao riso que desmistifique a incorreção profunda destas tragédias por meio de uma consciência tão inexpugnável quanto é inaceitável o fato de a morte ser, pelo contrário, a decadência universal dos seres vivos e de que contra ela não existe remédio. Se era possível rir do vício mas também da moral, do tolo mas também da razão, podíamos compreender bem que se ri do medo e da ilusão de imortalidade que reside no homem... nunca da morte (D’ANGELI; PADUANO, 2007, p. 25-27).

Dessa forma, rimos para não chorar. Diante das realidades muitas vezes frias, cruéis e distópicas do mundo atual, encontramos no riso uma evasão de nossas atenções para o lado negativo dos fatos e uma busca de alento no humor, devaneio e sonho.

O termo *transcendência* carrega uma gama de sentidos filosóficos e teológicos. Com a abordagem de Peter Berger, autor de *O Riso Redentor*, é válido esclarecer ao menos dois significados do termo transcendência em relação ao fenômeno do cômico:

Em primeiro lugar, o cômico transcende a realidade da existência cotidiana, ordinária; ele apresenta, ainda que temporariamente, uma realidade diferente, na qual os pressupostos e as regras da vida cotidiana são suspensos. [...] Mas, em segundo lugar, ao menos algumas manifestações do cômico sugerem que esta outra realidade possui características redentoras que não são,

absolutamente, temporárias, mas que antes apontam para aquele outro mundo que foi sempre o objeto da atitude religiosa. (BERGER, 2017, p. 340)

O cômico dessa maneira une esses dois sentidos: apresentar uma realidade extramundana fora das regras socialmente aceitas, e possuir uma realidade que aponta sempre para um mundo redentor numa experiência com características místicas. As origens da experiência cômica estão muito próximas do encontro com o sagrado. O cômico e o sagrado fazem com que o ser humano perceba a possibilidade da existência de um mundo magicamente transformado, que pode ser perigoso devido a intensidade. Mas qual o perigo da experiência com o sagrado e com o cômico? Segundo Peter Berger:

Perigosos, precisamente, para a manutenção da realidade cotidiana, ordinária, ou, se quiser, para ao ato de viver. Ambos fenômenos provocam êxtases – literalmente, experiências de *situar-se fora* da realidade cotidiana. Esses êxtases são toleráveis, e até mesmo úteis, psicológica e sociologicamente, quando são temporários e cuidadosamente controlados. O perigo é que eles escapem aos esforços de controle, abalando assim a ordem social. (BERGER, 2017, p. 343, grifo do autor)

Sob esse ponto de vista o cômico por apresentar uma realidade fora desse mundo se torna perigoso se foge do controle das instituições. Também a experiência religiosa apresenta uma realidade que transcende esse mundo material, e por isso precisa ser delimitada a espaços e tempos específicos pelas instituições religiosas. A religião serve ao mesmo tempo para oferecer esses momentos de experiência com o sagrado, e um pouco menos com o cômico, mas também para domesticar, controlar e manter dentro dos padrões socialmente aceitos essas experiências de contramundo.

O cômico encontrado na loucura, apresenta um contramundo, um mundo de ponta-cabeça. Na experiência da loucura o contramundo parece ser mais real do que o mundo cotidiano, empírico. Por isso, os loucos causam espanto e riso: pensam, falam, agem e andam sem o teto das normas e regras socialmente e religiosamente aceitas. Eles não tem status social, moral, religião, dogmas e ideologias. Talvez sejam mais livres do que nós, os ditos *normais*. Mesmo que a maioria de nós não viva no estado de loucura, o fato de nós rirmos e termos humor nos auxilia a carnavalizar as situações da vida, como no conceito de Bakhtin. Carnavalizando até mesmo aquilo que é sagrado perante os padrões sociais e religiosos – a Bíblia, Deus, Diabo, autoridades políticas e civis, etc., - encontramos um contramundo, como o da loucura, da espiritualidade ascética, da ficção literária, diante das diversas necessidades de quebrar as situações limites, muitas vezes tediosas, deprimentes, revoltantes e sem graça.

Na caminhada histórica judaico-cristã a presença ou ausência do humor causou discussões. A ocorrência mais conhecida e antiga no Primeiro Testamento da presença do riso, é quando Deus informa aos idosos Abraão e Sara que eles seriam abençoados com um filho. Os dois receberam o anúncio com um riso (Gn 17,15; 18,1-15). No Segundo Testamento, porém, é através da loucura que o cômico aparece: Jesus é possivelmente visto como o louco sagrado maior, desde a entrada em Jerusalém até a coroação humilhante pelos soldados romanos (Mt 21-27) Porém, a princípio podemos ver a afirmação da alegria como uma benção. O cômico está mais implícito do que explícito ao ler as páginas bíblicas.

Mas estas passagens por si não podem construir uma cultura do bom humor ou do mau humor no cristianismo. As reflexões de teólogos forma causadoras sobretudo na Era Patrística e Idade Média, uma casca fria, séria e moralista ao cristianismo. O riso era geralmente compreendido como expressão de mundanidade, baixeza e falta de fé. A maioria das ordens monásticas o proibiam. Mesmo que a Bíblia não deixa explícito se Jesus riu ou não, houveram aqueles que afirmaram que Jesus nunca riu, como João Crisóstomo. Isso provocou discussões teológicas e morais, como relatado no romance de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, em que Agostinianos e Franciscanos discutem se Jesus riu ou não, e questionam o tratado sobre o riso de Aristóteles. Vejamos nessa passagem:

Venâncio, que sabe... que sabia muito bem o grego, disse que Aristóteles tinha dedicado especialmente ao riso o segundo livro da Poética e que, se um filósofo daquela grandeza tinha consagrado um livro inteiro ao riso, o riso devia ser uma coisa importante. Jorge disse que muitos padres tinham dedicado livros inteiros ao pecado, que é uma coisa importante mas má, e Venâncio disse que, pelo que ele sabia, Aristóteles tinha falado do riso como coisa boa e instrumento de verdade, e então Jorge perguntou-lhe com escárnio se por acaso ele tinha lido esse livro de Aristóteles, e Venâncio disse ainda que ninguém podia tê-lo lido, porque jamais se tinha encontrado e talvez se tivesse perdido. (ECO, 1980, p. 89)

O riso parece estar à espreita, tentando ganhar uma espaço para ser valorizado. Mesmo com a suposta obra de Aristóteles dedicada ao riso, este é rechaçado pelos religiosos que representam a teologia fria, séria e moralizante da Idade Média. O riso é posto no patamar rebaixado do pecado, e como a obra de Aristóteles desapareceu, ou foi escondida, este ganhava na época pouco valor e respaldo do cristianismo que buscou em Aristóteles outros elementos para fundamentar sua Teologia. Porém, o riso aos poucos vai se infiltrando no cristianismo, até conseguir ganhar algumas páginas. Como afirma Paulo de Góes, em seu artigo *O problema do riso em O nome da Rosa de Umberto Eco*:

De fato, por volta do séc. XII, pelo intenso movimento intelectual que se deu, ressurgiu nova discussão sobre a admissibilidade do riso. Alguns que se dedicavam à educação começaram a ver nesse ato humano um potencial educativo e, por isso não hesitavam em servir-se de cenas ou palavras cômicas como instrumentos ou recursos para a transmissão da mensagem cristã. Em função disso, pequenos textos humorísticos poderiam ser inseridos até mesmo nos sermões e, desse modo, o riso era utilizado para execrar os comportamentos reprováveis e ridicularizar pecadores, fazendo valer a máxima *ridendo castigat mores*. (GÓES, 2009, p. 218, grifo do autor)

Em *O Nome da Rosa*, Guilherme de Baskerville era o franciscano considerado progressista que representava essa ala que começa a surgir no ambiente cristão e questionar os parâmetros rígidos das ordens religiosas e a repressão do riso. O monge Jorge de Burgos, era o agostiniano detentor da ordem monástica, da Teologia oficial, da moral, da Tradição e que representa a necessidade da instituição de conservar oculta a suposta reflexão de Aristóteles sobre o riso, pois do contrário poderia provocar a ruptura de estruturas mantenedoras da ordem eclesial e social na época.

Na imagem seguinte vemos uma passagem que encerra a parábola das dez virgens e inicia a parábola dos talentos, e que foi interpretada pelos teólogos como o anúncio escatológico do fim dos tempos. Na *Bíblia de Jerusalém*, a passagem é posta assim: “Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora.” (*Bíblia de Jerusalém*, Mt 25,13) na adaptação, Rayan Rodrigues humoriza o texto bíblico ao mudar o termo vigiai, uma tanto em desuso, por *te orienta*, numa linguagem coloquial do nordestino. A imagem de Jesus vindo sobre as nuvens dá o tom escatológico que a Teologia propaga aos fiéis, a cor vermelha chama a atenção à primeira vista, e contrasta com o texto e imagem em cor preta. Na adaptação, portanto, há um tom teológico mas também há o humor através da adaptação ao regionalismo.

Figura 14 – *Bíblia do Matuto #12* – Postagem adaptada de Mateus 25,13

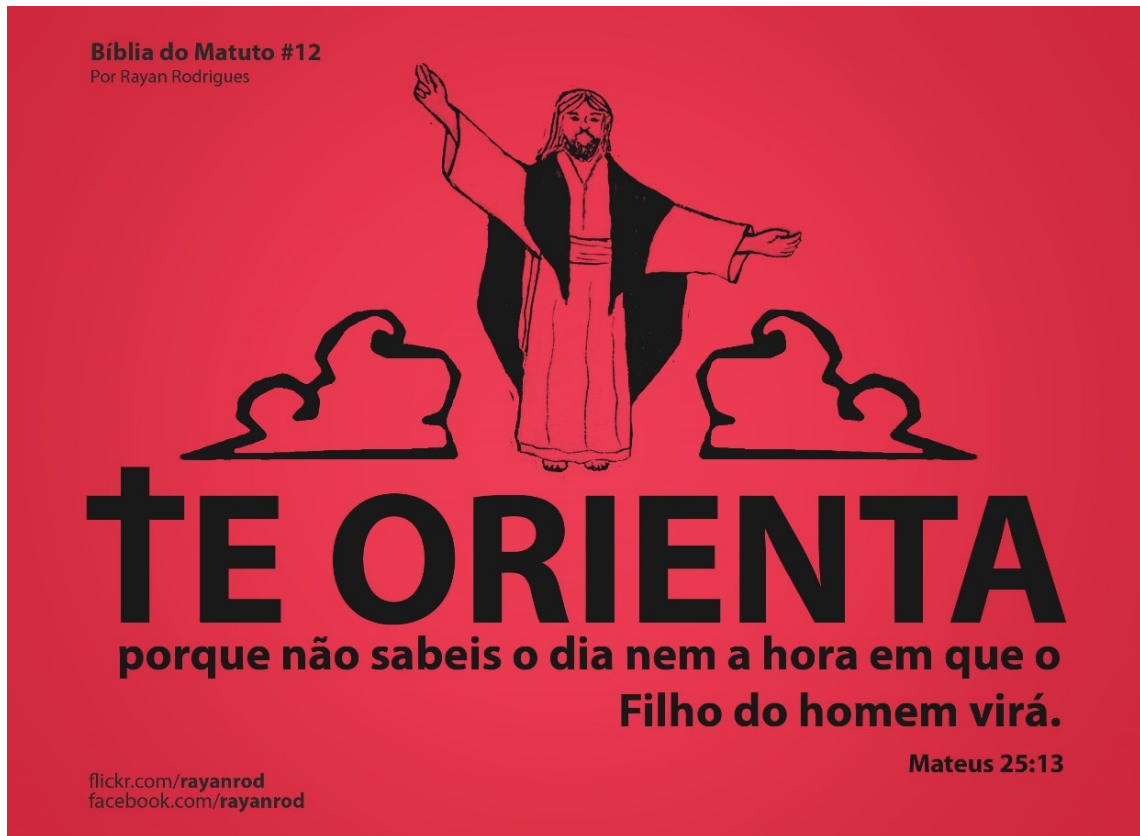


Imagem concedida por Rayan Rodrigues

Por causa desses elementos anteriormente citados, e que não foram passíveis de riso e a história do cristianismo os propagou, é que a religião cristã foi tão criticada com o advento da modernidade. Como afirma Berger, “Nietzsche fez a observação famosa de que ele acharia o cristianismo mais crível se, ao menos, os cristãos parecessem mais redimidos.” (BERGER, 2017, p. 329) Vale a pena pensar nisso. Se uma religião afirma através das suas escrituras que seu Deus já os libertou, por que seus discípulos continuam tão presos? Pois estes ainda estão na realidade do mundo e ainda não na glória celeste. Mas também porque as religiões possuem seus dogmas, moral e esquemas objetivos e subjetivos que delimitam o pensar e agir de seus seguidores.

Diante disso, o humor foi, e ainda é visto com ressalvas pelo cristianismo, pois como já mencionamos, apresentam um contramundo que é uma saída ou fuga desse mundo muitas vezes calculista, frio e mesquinho, das rígidas regras sociais, religiosas, econômicas e políticas. Mesmo não sendo necessariamente discípulos de Nietzsche, podemos afirmar que a história do cristianismo, em muitos momentos é um filme deprimente e lacrimoso, pouco alegre.

4.3 HUMOR NA *BÍBLIA DO MATUTO*

Como se dá o humor na *Bíblia do Matuto*? Já feita a exposição das teorias do humor, encontraremos neste momento o tipo (ou tipos) de humor na obra da *Bíblia do Matuto* e suas características. Na postagem da figura abaixo, temos uma adaptação da seguinte passagem bíblica do Evangelho de Mateus 8,10: “Ouvindo isso, Jesus ficou admirado e disse aos que o seguiam: ‘Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé.’” (*Bíblia de Jerusalém*, Mt 8,10) Rayan Rodrigues faz uma adaptação de um texto formal, que unindo as cores e imagens à variação diatópica nordestina, se aproxima da realidade e cultura daquele povo.

Figura 15 - *Bíblia do Matuto* #38 – Postagem adaptada de Mateus 8,10.



Imagem concedida por Rayan Rodrigues.

Para o nordestino, ser *arrochado*, é ser uma pessoa forte, é aguentar firme qualquer situação sem medo. Nessa adaptação é ter sobretudo fé em Deus. A adaptação literária, gráfica e humorística na *Bíblia do Matuto* é expressa assim: “Jesus ouvindo isto maravilhou-se e disse aos que o acompanhavam: em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei alguém tão *arrochado*.” (*Bíblia do Matuto* #38) Ao ver e ler a postagem há o choque geralmente positivo com uma expressão diferente da formalmente usada na Bíblia, e a identificação com

uma expressão coloquial do linguajar e da cultura nordestina: *arrochado*. O nordestino ao ver e ler essa adaptação que reporta ao seu contexto ambiental, social e linguístico, pode sentir-se identificado com o novo texto. Aqueles que não são nordestinos ou não vivem essa realidade cultural também podem ser tomados pela surpresa e humor ao verem um termo regional específico, adaptando uma linguagem que geralmente é a formal.

Na *Bíblia do Matuto* o humor está na adaptação em si, mas o riso efetivamente acontece no momento em que o leitor lê a postagem adaptada, ou seja, na recepção da imagem e texto. É fundamental a recepção na subjetividade humana do leitor para que aconteça o riso. Sem o leitor não há o riso. Mas diante das teorias do humor já expostas, qual o tipo, ou tipos de humor encontrados na *Bíblia do Matuto*?

Podemos afirmar que na *Bíblia do Matuto* encontra-se o *riso bom* como afirma Propp: “[...] não se ri apenas porque se descobre defeitos em quem está a nossa volta...” (PROPP, 1992, p. 151) Há também o *riso alegre*, que é extremamente simples e não está ligado ou intencionado com a derrisão, crítica ou sátira, que é um riso vivificador, possível naquelas pessoas que sabem conservar um espírito leve e disposto durante toda a vida. A *Bíblia do Matuto* possui uma criatividade artística, na qual o autor da obra conseguiu unir textos, cores e imagens numa xilogravura virtual, adaptando a Bíblia de forma que na recepção do leitor é geralmente provocado um riso bom, alegre, cordial, benéfico. A *Bíblia do Matuto* não parece conter a paródia, humor ou sátira como tipos de humor ou riso que contém derrisão, ou uma corrosão do texto para produzir uma transgressão crítica mais ácida. Contém, ao invés disso, um riso com teor mais leve, sem derrisão.

Afirmamos assim que esses tipos de humor estão presentes na *Bíblia do Matuto*, eles possibilitam também reconhecer essa obra como literária de adaptação e humor, reconstruindo um texto literário e formal que é a Bíblia, para uma novo formato, e numa plataforma que é a rede social *Facebook*.

Tendo sido expostas no terceiro capítulo as teorias do humor e encontrando os tipos de humor realizados na obra da *Bíblia do Matuto*, faremos no quarto momento a correlação entre a adaptação e o humor na *Bíblia do Matuto* como elementos constitutivos do que hoje chama-se *ciberteologia* e *ciberateísmo* juntamente com algumas mudanças na linguagem oral, textual e virtual na atualidade, mostrando a contribuição dessa obra para a Teologia, a Literatura e a fé cristã.

5 *BÍBLIA DO MATUTO: LITERATURA ORAL, TEXTUAL E VIRTUAL*

“O que foi teológico se torna tecnológico.”

(Pierre Lévy – *L’intelligenza coletiva*)

Nesse quarto momento, correlacionaremos a adaptação e o humor presentes na obra da *Bíblia do Matuto* entre si, junto aos elementos constitutivos do que hoje chama-se *ciberteologia* e *ciberateísmo* e também com algumas mudanças na linguagem oral, textual e virtual na atualidade. Mostraremos como a *Bíblia do Matuto* se configura como obra literária e teológica e quais suas possíveis contribuições para a Literatura, a Teologia e a fé cristã.

Para tal utilizaremos algumas obras dos teóricos: Antônio Spadaro, autor de *Ciberteologia: Pensar o cristianismo nos tempos de rede* e de *Web 2.0: Redes sociais*; Giorgio Agamben, autor de *O fogo e o relato*; Erich Auerbach, autor de *Mimesis*; Robert Alter, autor de *A arte da narrativa bíblica* e Robert Alter e Frank Kermode, autores de *Guia Literário da Bíblia*.

5.1 ADAPTAÇÃO E HUMOR NA *BÍBLIA DO MATUTO*

Como foi exposto nos capítulos dois e três, o objeto dessa pesquisa, a *Bíblia do Matuto*, contém elementos de adaptação literária e humor presentes em sua construção. Pesquisamos uma obra de adaptação literária, que está presente na rede social *Facebook*, provinda da Bíblia que é considerada por nós como obra de Literatura. Identificamos como a obra de Rayan Rodrigues vai de encontro as teorias da adaptação e do humor. Os tipos de adaptação que encontramos para correlacionar com os tipos de humor não são conceitos estanques em que um anula o outro. Eles se entrecruzam com um conceito tocando o outro, característica comum nas adaptações literárias.

Hipertextualidade e *palimpsestuosidade* são os conceitos mais comuns e que se entrecruzam na *Bíblia do Matuto* quando abordamos as adaptações. *Riso bom* e *riso alegre*, são os tipos de humor que também encontramos nessa obra. Esses conjuntos de conceitos identificados teoricamente se correlacionam permitindo que a criação artística de Rayan contenha em sua adaptação o humor como na figura seguinte:

Figura 16 - *Bíblia do Matuto #5* – Postagem adaptada de Mateus 6,31.

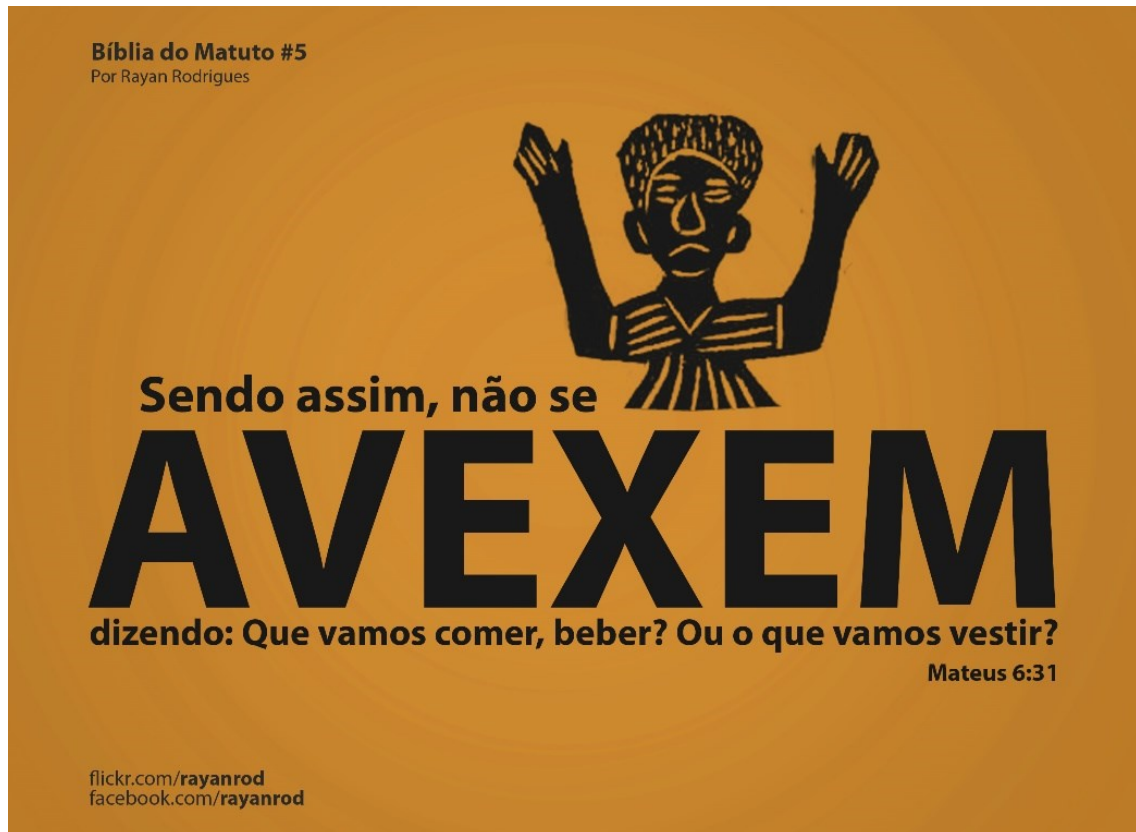


Imagem concedida por Rayan Rodrigues.

Nessa postagem da *Bíblia do Matuto* adaptada de Mateus 6,31, podemos correlacionar a adaptação e o humor que nela se encontram. O texto na Bíblia se encontra assim: “Por isso, não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir?” (*Bíblia de Jerusalém*, Mt 6,21) Rayan Rodrigues adapta o texto formal para o seguinte: “Sendo assim, não se *avexem* dizendo: Que vamos comer, beber? Ou que vamos vestir?” (*Bíblia do Matuto #5*) O que há de original, criativo e instigante? Primeiramente o autor sintetiza a variação diatópica do Nordeste somente em uma expressão: *avexem*. Esse termo pode significar preocupado, aflito, apreensivo, inquieto. Ressalta essa expressão em fonte com tamanho maior do que todo o resto da frase, destacando-a. Usa uma cor forte (laranja-escuro ou ferrugem) dando destaque a xilogravura digital num todo e contrastando com a cor preta. Desenha um nordestino com os braços erguidos, expressando o estado de espírito de preocupação, utilizando a expressão *avexem*, que foi destacada.

Como já expomos no segundo capítulo, segundo as teorias de Linda Hutcheon, Gerard Genette e outros, há nessa obra uma *hipertextualidade*. Na *Bíblia do Matuto* um hipotexto (texto da Bíblia) se relaciona a um texto posterior, o hipertexto, que é uma adaptação (a *Bíblia do Matuto*). A *Bíblia do Matuto* é uma obra derivada de outro texto preexistente, com o qual se

relaciona. Nessa passagem há uma derivação do texto de Mateus 6,31. A *palimpsestuosidade* também está presente nessa obra. O texto original é raspado ou apagado para sobre ele ser escrito outro. Rayan Rodrigues faz isso dando destaque em cada postagem a um termo do regionalismo linguístico do Nordeste, destacando-o.

O humor nessa obra, como foi exposto no terceiro capítulo, encontra-se enquanto *riso bom e riso alegre*. A abordagem de Vladimir Propp nos possibilita encontrar na *Bíblia do Matuto* o riso bom, alegre, descontraído e agradável, de quem não ri por encontrar defeitos ou para exercer uma sátira sobre outros, mas por identificar-se com uma criação artística que incorpora elementos da cultura do povo nordestino que geralmente leva a vida com mais leveza e descontração de espírito. O bom humor do nordestino adentra na obra, pois o autor também é nordestino e valoriza sua cultura e subjetividade. O *riso bom e alegre* também é realizado quando Rayan Rodrigues destaca o termo *avexem*, que carrega em si a variação diatópica do Nordeste mas também um bom humorismo natural do povo nordestino. O destaque dado a figura do nordestino ou nordestina diante do fundo de cor forte também auxilia para gerar um *riso bom e alegre*, na recepção visual da obra.

Nessa correlação que podemos fazer entre teorias da adaptação e do humor é possível também mostrar como a Literatura se liga a novos textos, que por muito tempo foram considerados não-literários, ou como no caso da Bíblia, textos somente para uma leitura teológica, moral ou espiritual. Como afirma Eli Brandão:

Como a literatura não tem temática específica, ela sempre convoca outros textos, entre os quais os prototextos bíblico-teológicos, porque nela se evidencia cruzamento dialógico de vários textos, que se dá em níveis horizontal e vertical; diálogo entre o texto e o leitor, entre o texto e seus outros textos; entre o texto e o mundo. (BRANDÃO, 2005, p. 175)

A Literatura convoca e necessita de outros textos, que não são somente os consagrados pela crítica literária, mas também os que hoje ganham e merecem espaço de crítica e reflexão. Nos textos bíblicos há um excesso de significação simbólica e metafórica que leva a obra a não ficar enclausurada em si mesma, mas em diálogo com o ser humano crítico e criativo que num espaço e tempo determinados cria e recria os textos bíblicos dando-lhes novas configurações e significações. Afirmar que a Bíblia foi escrita por Deus, caiu do céu em nossas mãos e não pode ser criticada, literariamente ou teologicamente, é um rebaixamento de nossa capacidade humana cognitiva e criativa, e uma elevação exagerada de uma obra que na realidade foi escrita por mãos humanas contendo espiritualidade. O conflito de criações e interpretações tão presentes nas críticas literárias é necessário também na leitura e recriação da Bíblia como Literatura.

5.2 BÍBLIA E LITERATURA: ORALIDADE, TEXTUALIDADE E VIRTUALIDADE

A língua de um povo ou nação está sempre em movimento e mudança. No Brasil, a Língua Portuguesa modificou-se em vários aspectos em alguns séculos. Nas últimas décadas é perceptível algumas mudanças na língua e na forma de se comunicar, decorrentes da popularização das redes sociais na vida cotidiana dos brasileiros. A Bíblia geralmente resiste a essa mudança pois nos ambientes cristãos é considerada texto sagrado. Porém se a considerarmos também como uma grande e vasta obra de Literatura, ao ser adaptada para outros ambientes atualmente – como as redes sociais – ela sofre um processo curioso.

Num passado mais distante as histórias que compõe a Bíblia atualmente, eram transmitidas oralmente nas famílias, clãs e tribos. Eram oralidade. A história de Israel, as guerras, conquistas, os atos e falas de Jesus e seus discípulos, por um curto ou longo tempo foram contadas oralmente sem a pretensão de serem escritas. Após séculos ou décadas de transmissões orais é que os textos bíblicos foram redigidos, separadamente, por diversas mãos humanas, mantendo uma distância histórica entre o fato ocorrido e o momento de sua escrita. Nos diversos escritos e livros que compõe a Bíblia há camadas dessas tradições orais que se tornaram texto. A canonização da Bíblia Sagrada, ou seja sua formatação, iniciou-se somente a partir do século III d.C. Toda essa grande tradição oral e escrita, que é Literatura, permanece preservada até hoje. Como afirma José Luiz Dietrich metaforicamente, a Bíblia era uma casinha que se tornou casarão:

A história da Bíblia pode ser comparada à história de uma casa, que começou pequenina e pobre, com poucos cômodos, mas ao longo dos anos foi passando por reformas, recebendo o acréscimo de novos cômodos, até tornar-se um casarão. [...] Começou com pequenas histórias de libertação contadas oralmente, que depois foram registradas por escrito, celebradas, recontadas, atualizadas em novos acontecimentos e aumentadas com novas histórias, memórias, cânticos, provérbios, leis e orações, tudo passando por diversas revisões, até formar o livro que hoje temos em mãos. (NOVA BÍBLIA PASTORAL. A formação do Antigo Testamento, 2014, p. 9)

Esse processo de formação dos textos bíblicos foi longo e complexo, perpassando a história de Israel e do cristianismo primitivo. A canonização dos textos na religião judaica se deu também pela necessidade dos líderes religiosos durante a monarquia de Israel (sobretudo no reinado de Josias e de Ezequias) consolidar e justificar uma religião oficial para manter um povo unido: a religião judaica. Posteriormente, o cristianismo herdou os textos judaicos e, com os textos cristãos recém redigidos, canonizou os textos considerados inspirados por Deus que

passaram a fundamentar a Teologia, a espiritualidade e a moral cristã. Dessa forma se deu, a construção da Bíblia, como também afirma Dietrich:

Assim é a Bíblia. O seu todo apresenta hoje o resultado das últimas grandes reformas pelas quais passou: o Antigo ou Primeiro Testamento revela predominantemente as formas que recebeu no período do pós-exílio (cerca de 400 a.C. até 200 d.C.) no processo em que se constituía o Judaísmo. E o Novo ou Segundo Testamento mostra o rosto que recebeu após a definição do cânone cristão, entre os anos 100 e 400 d.C. (NOVA BÍBLIA PASTORAL. A formação do Antigo Testamento, 2014, p. 10)

A Bíblia que é lida como texto sagrado ou como Literatura é uma colcha de retalhos. Como não foi escrita como um bloco único e sólido, possui uma riqueza de gêneros literários, contextos diversos, momentos históricos, subjetividade autoral, reformas, etc. permitindo uma análise exegética teológica mas também uma crítica literária. A respeito dessa colcha de retalhos costurada, Robert Alter afirma que:

[...] o texto bíblico é ao mesmo tempo múltiplo e fragmentário. É muito comum não se ter certeza sobre os limites de um determinado texto, sobre como ele prossegue em textos adjacentes e por que é ignorado, discutido, citado ou mesmo copiado em outros lugares da Bíblia.

Um século de trabalho analítico levantou sólidos argumentos para provar que, muitas vezes, quando ingenuamente imaginamos estar lendo um texto, o que temos, na realidade, é uma costura contínua de textos anteriores, provenientes de tradições literárias divergentes, inclusive de tradições orais, com interferências, menores ou maiores, de revisões posteriores na forma de glosas, costuras, fusões, e assim por diante. (ALTER, 2007, p. 198)

É nessa arte de costura que os exegetas se debruçaram para construir as interpretações a respeito das manifestações divinas na história. Mas também na qual críticos literatos puderam e podem ter um material rico e denso de símbolos, metáforas e significados. A força da religião e o impulso literário estão misturados sobretudo na história de Israel e do judaísmo. O percurso de construção desses dois mundos – religioso e literário – forma a casinha que se tornou casarão, no dizer de Dietrich, que é a Bíblia. Como Frank Kermode e Robert Alter afirmam:

A evidência dos textos sugere que o impulso literário no Israel antigo era tão forte quanto o impulso religioso, ou, mais exatamente, que ambos eram inextricáveis, de modo que para entender o segundo é preciso levar plenamente em conta o primeiro. Em toda a narrativa bíblica, e em boa parte da poesia bíblica, o domínio no qual a invenção literária e a imaginação religiosa estão unidas é a história, pois todas estas narrativas, com a exceção de Jó e, possivelmente, Jonas, propõe-se como relatos verdadeiros de coisas que ocorreram no tempo histórico. (ALTER; KERMODE, 1997, p. 29)

Ler e estudar a Bíblia como Literatura pressupõe uma leitura histórico-crítica dos fatos relatados para que a leitura devocional ou mesmo teológica não se transforme em fundamentalista. Ressalva Erich Auerbach, que a princípio:

O mundo dos relatos das Sagradas escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira – ela pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo. (AUERBACH, 2001, p. 11)

Se nos deixarmos levar somente pelo impulso religioso, nossa tendência será afirmar que qualquer interpretação bíblica é verdade única e imutável. A leitura literária da Bíblia nos permite quebrar esses paradigmas e encontrar aí novos sentidos para nosso mundo de fé e cultura atualmente.

Saltando para o contexto da modernidade ou pós-modernidade permeado tanto pela globalização das línguas, mas também pela transformação destas nas redes virtuais, percebe-se que nem mesmo o texto bíblico – sendo texto sagrado, mas também Literatura – permanece a parte destas transformações. As mensagens que no princípio da história de Israel e do cristianismo primitivo, eram transmitidas oralmente em pequenos ou grandes relatos separados, tornaram-se texto escrito e canonizado, e atualmente, como em nosso objeto de pesquisa, já é transformada num recorte textual-imagético, transmitido virtualmente, sem papel e sem fala.

O texto bíblico que no princípio era oral, desenvolveu-se e canonizou-se formalmente, e foi sacralizado pela Tradição e Magistério da Igreja Católica, mas na atualidade é reformulado imagética e textualmente para as redes virtuais. A princípio podemos afirmar que essa mutação se assemelha a um retorno às origens dos textos bíblicos. Após tantos séculos de canonização e sacralidade, a Bíblia continua sagrada e canonizada, porém já se adequa a um novo modo de transmissão, pelas redes sociais, de forma curta, breve e inculturada, sem a pretensão de ser um texto formal e institucional. Apesar de ainda se encontrar dentro dos muros da instituição, ela já saiu de tal espaço e encontra liberdade em outros meios. A Bíblia vive e pervive nas redes sociais.

Como também já mostramos em alguns autores da Literatura brasileira, como Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna, esses apresentaram as expressões linguísticas do povo nordestino, bem como sua cultura, fé, trejeitos, e características essenciais. A Literatura de Cordel também apresenta essas características, mas tem a peculiaridade de ser primeiramente uma oralidade que passou para o formato escrito num momento e espaço do Brasil. A Literatura oral passou para o papel e atualmente adentra também nas redes virtuais. A *Bíblia do Matuto* não seria uma forma de Cordel adaptado da Bíblia que

já foi oralidade, passou para o texto escrito e atualmente está nas redes virtuais? Na figura seguinte temos uma adaptação de Cânticos 5,8, que no texto bíblico está exposta assim: “Filhas de Jerusalém, eu vos conjuro: se encontrardes o meu amado, que lhe direis? Dizei que estou doente de amor!” (*Bíblia de Jerusalém*, Ct 5,8). Rayan Rodrigues adapta para “Ó mulheres de Jerusalém, peço-lhes que se encontrarem o meu amado digam-lhe que estou *dengosa de amor*” (*Bíblia do Matuto #29*) A criatividade do autor nordestino traz também para a subjetividade do leitor os elementos que permeiam a imaginação humana. Na figura, o casal de pássaros se aproxima carinhosamente, a mulher nordestina os observa com ternura, a cor rosa no contraste preto lembra o amor e paixão. O termo *dengosa de amor*, nos remete ao amor entre o homem e mulher nas cantigas de amor do livro de Cânticos. O todo harmônico de uma imagem eleva os olhos do espectador ao amor humano e suas manifestações.

Figura 17 – *Bíblia do Matuto #29* – Postagem adaptada de Cânticos 5,8



Imagem concedida por Rayan Rodrigues

Afirmamos também que há em nosso objeto de pesquisa – *A Bíblia do Matuto* – o processo que Giorgio Agamben aborda em ensaios reunidos em sua obra *O fogo e o relato*: a passagem do livro para os instrumentos digitais, ou a passagem da materialidade para a virtualidade. O livro apareceu na Europa por volta do século IV e V da era cristã. É nesse momento que o *códex* ou *códice*, substitui o *volumen* ou rolo, que era a forma do livro na

Antiguidade Clássica. A Igreja adota para si o formato do *códex* para seus textos sagrados, desde a Bíblia até os livros litúrgicos fazendo o cristianismo ser a *religião do livro*, enquanto o judaísmo era a *religião do rolo*. No livro há também uma concepção linear da história, ao modo da doutrina cristã, enquanto no rolo havia uma concepção cíclica ao modo da visão das religiões pagãs. (Cf. AGAMBEN, 2018, p.128.130)

Mas hoje com a massificação da tecnologia, há no computador segundo Agamben uma página em branco que ele chama de *schermo*, a tela. O que é esse *schermo* para Agamben?

O que chamamos de *schermo*? O que, nos instrumentos digitais, captura tão tenazmente nosso olhar? O que, na realidade, aconteceu foi que, nesses instrumentos, a página-suporte material da escrita separou-se da página-texto. [...] Ivan Illich mostrou como, já a partir do século XII, uma série de pequenos artificios técnicos possibilitou aos monges imaginar o texto como algo autônomo em relação à realidade física da página. Mas a página, que deriva etimologicamente de um termo que designava o ramo da videira, ainda era, para eles, uma realidade material, na qual o olhar podia *passar* e mover-se para colher os caracteres da escrita como a mão colhe os cachos de uva [...] (AGAMBEN, 2018, p. 134, grifos do autor)

Qual é a relação entre o livro e a tela? O computador permite algum tipo de paginação, semelhante ao livro, mas também semelhante ao rolo, pois é de cima para baixo ou de baixo para cima. A tela do computador é um meio termo entre o livro e o rolo, uma espécie de híbrido judeu-cristão, o que deve ter contribuído para sua total expansão e aceitação no mundo. *A Bíblia do Matuto* está nesse *schermo*, na tela, ela já é uma adaptação e construção que escapou do livro e infiltrou-se no *schermo* do computador. Pelo fato de ser exposta desse jeito, de estar numa imaterial virtualidade, tem uma aceitação maior também pelos nativos digitais que a observam e absorvem com mais facilidade. É um processo interessante que Agamben afirma acontecer com a irrupção da tela:

Nos instrumentos digitais, o texto, a página-escritura, codificada em um código digital ilegível para os olhos humanos, emancipou-se completamente da página suporte e limita-se a transitar como um espectro na tela [*schermo*]. E essa ruptura da relação página-escritura, que definia o livro, gerou a ideia – no mínimo imprecisa – de imaterialidade do espaço informático. O que acontece, na verdade, é que a tela [*schermo*], “obstáculo” material, permanece invisível e não vista naquilo que mostra. O computador é construído de tal modo que os leitores nunca veem a tela [*schermo*] como tal, na sua materialidade, porque ela, assim que ligada, enche-se de caracteres, símbolos ou imagens. (AGAMBEN, 2018, p. 134-135, grifos do autor)

Temos em nosso objeto de pesquisa, uma textualidade adaptada de um livro (Bíblia) que transita livremente como um espectro numa tela, emancipando-se totalmente do papel, do

livro e do antigo rolo. Há uma evolução na transmissão de uma mensagem ao longo dos séculos, considerada espiritual e teológica, mas também uma construção literária com muitos significados e sentidos. Semelhantemente como no tempo da oralidade, quando os relatos bíblicos ainda estavam livres do rolo ou do livro, atualmente a *Bíblia do Matuto* se desprende do livro e do papel e circula na virtualidade. Essa adequação a um novo modo de transmissão de textos bíblicos – agora adaptados – é uma emancipação do texto do livro, para a tela. A *Bíblia do Matuto* emancipou-se da Bíblia e circula livremente nas telas, no *schermo*, dos computadores, *tablets*, *smartphones*, etc., nas redes sociais.

5.3 CIBERTEOLOGIA E CIBERATEÍSMO

A *Bíblia do Matuto* se configura como obra de adaptação literária da Bíblia dentro do contexto das redes sociais, especificamente o *Facebook*. Nos estudos comparados entre Literatura e Teologia atualmente há a constatação de várias obras, seja de caráter satírico ou cultural e de fé, divulgadas através das plataformas virtuais onde obtém uma maior visibilidade e aceitação. A Teologia e a fé cristã também estão presente nas redes sociais, fazendo com que os líderes religiosos e os teólogos tenham que agir e refletir a fé em tempos de rede. Atualmente a rede não é uma mera ferramenta, mas um ambiente no qual as pessoas realmente vivem. Queremos trazer e mostrar como a *Bíblia do Matuto* também exerce uma contribuição para a fé cristã no mundo atual dentro do que Antônio Spadaro afirma ser uma *ciberteologia*.

Antônio Spadaro, diretor da Revista *La Civiltà Cattolica* de Roma, publicou duas obras que refletem as novas relações entre o ser humano, fé, Teologia, comunicação e internet: *Ciberteologia: Pensar o cristianismo nos tempos de rede* e *Web 2.0: Redes sociais*. Em sua reflexão é afirmado que:

A lógica da web pode modelar a lógica teológica e a internet já coloca desafios interessantes para a própria compreensão do cristianismo, evidenciando tanto a patente conaturalidade quanto possíveis incompatibilidades. (SPADARO, 2012, p. 23)

Por sua natureza o cristianismo é um fenômeno e uma religião comunicativa. Porém hoje, o ser humano atualmente se configurando como *pós-humano* - devido a gama de aparatos tecnológicos que usa no cotidiano em interação constante com seu corpo e mente - sente a necessidade de viver como um ser humano tecnológico, sem deixar de ser também espiritual. Como afirma Pierre Lévy, em *L'intelligenza coletiva. Per un'antropologia del cyberspazio*, “O que foi teológico se torna tecnológico” (LÉVY, 2002, p. 102 apud SPADARO, 2012, p. 30).

Há uma função teológica na tecnociência, clara para alguns e obscura para outros. Essa *ciberteologia* usa uma linguagem simbólica pública que fala da possibilidade e dos sinais de transcendência em nossa vida.

As experiências ditas religiosas não podem depender só das tecnologias atuais, mas as atuais tecnologias já contribuem para as experiências religiosas, espirituais e de fé. Fazendo uma breve memória, lembramos que inicialmente as denominações religiosas entraram nos programas de televisão e rádio com missas, cultos e uma programação de caráter mais devocional e piedoso para aqueles que não poderiam comparecer aos locais de culto. Após isso surgiram sites e *blogs* com conteúdos catequéticos, mais ou menos teológicos em todas as linhas ideológicas para servirem de consulta e divulgação da fé cristã. No meio disso surgiram as *missas e cultos shows*, padres e pastores estilosos que muitas vezes chamam a atenção sobre si, programas de orientação espiritual, com enfoque na subjetividade dos fiéis. Atualmente com a consolidação das redes sociais, *Blogs, Youtubers, Facebook, Twitter, Whatsapp*, etc. as afirmações teológicas, devocionais e espirituais se espalham com maior velocidade e alcance. Ao mesmo tempo servem de comunicação entre líderes religiosos e seus fiéis, como entre os cristãos entre si e os não crentes, ou os que as igrejas querem evangelizar. Mas também é um espaço em que quase *qualquer um* pode afirmar ou negar um conteúdo de fé, espiritualidade ou Teologia, de boa ou má fé, ao modo das *fake news* atuais, sem ter necessariamente uma formação teológica equilibrada. Num primeiro momento víamos que a massificação da internet e das redes tinham o potencial de dar luz e conhecimento a todos, mas atualmente vemos como as redes sociais, podem também promover através de *milícias digitais*, o obscurantismo, as *Fake News*, e os discursos de ódio, violência e ignorância.

Diante disso cabe aos líderes religiosos se perguntarem como estão, ou não estão, modificando sua forma de atuação com essas reais transformações. Junto com a afirmação de Antônio Spadaro:

É necessário considerar a ciberteologia como *a inteligência da fé em tempos da rede*, isto é, a reflexão sobre a *pensabilidade* da fé à luz da lógica da rede. Referimo-nos à reflexão que nasce da pergunta sobre o modo no qual a lógica da rede, com suas potentes metafóricas que trabalham o imaginário, além da inteligência, possa modelar a escuta e a leitura da Bíblia, o modo de compreender a Igreja e a comunhão eclesial, a Revelação, a liturgia, os sacramentos: os temas clássicos da teologia sistemática. (SPADARO, 2012, p. 40, grifos do autor)

Afirmamos também que a *ciberteologia* faz com que se pense racionalmente e com o auxílio de outras ciências e técnicas como o ser humano pode comunicar a fé e a espiritualidade

nos tempos atuais. Usar a internet não como ferramenta ou meio para tal, mas como lugar real de interação e comunicação, é o desafio que as religiões e o cristianismo estão encontrando nesse início do século XXI.

Este desafio se fez mais forte no início desse século, diante da qual as Igrejas cristãs resistiram (e ainda resistem) não acreditando realmente que as tecnologias poderiam modificar tanto as formas dos seres humanos se relacionarem entre si, inclusive com sua fé, e isto ter implicações para sua atuação. Assim o cristianismo ficou atrasado em vários aspectos (como em muitos momentos da história ficou atrasado) tendo sempre que correr contra o tempo. As antigas relações entre os líderes religiosos, as Igrejas e os fiéis se configuram de outro modo atualmente. Aquelas relações nas cidades do interior, com famílias grandes, vizinhos altruístas, cuidado com o patrimônio público e a Igreja, etc., praticamente não existem mais. Por outro lado na sociedade urbana, a correria do ser humano por trabalho, estudo, carreira, e status social fez essas características tão prezadas pelos líderes religiosos se esvaírem. A fé e a espiritualidade são buscadas de forma customizada, ou como num grande *self servisse*, ou num supermercado da fé. E nessa busca, muitas coisas são oferecidas pelas denominações, sobretudo aquilo que pode levantar os indivíduos desolados pelo *stress* do cotidiano, das carências afetivas, da depressão e ansiedade, do desemprego e do endividamento, da solidão e isolamento: curas e libertação, possessões e exorcismos, novenas e campanhas, promessas de prosperidade econômica, neoconservadorismo, neofundamentalismo e neomoralismo, etc.

Além disso, as relações comunicativas se dão numa nova lógica e dimensão, como constata Pierre Lévy:

A minha vizinha de andar no prédio, com a qual troco um bom dia e uma boa noite, está pertíssimo de mim no espaço-tempo ordinário, mas muitíssimo distante no plano da comunicação. Paradoxalmente, lendo o livro de um autor já morto há três séculos, posso estabelecer com ele, no espaço dos sinais e do pensamento, um contato intelectual muito forte. Estas pessoas em pé ao meu redor no metrô estão mais distantes de mim no plano afetivo do que a minha filha ou o meu pai que se encontram a 500 quilômetros de distância daqui. (LEVY, 2002, p. 148 apud SPADARO, 2012, p. 83)

Ou seja, as relações humanas já se configuram dessa forma. Em duas décadas desse século de elevado progresso tecnológico e virtual, a internet já modificou as formas do ser humano viver e se relacionar. Dentro dessa configuração também estão as novas maneiras de transmitir a fé. Retomando a afirmação de Lévy, de que o que foi teológico se torna tecnológico, vemos que ele afirma haver uma inversão que substitui aquilo que está tradicionalmente no alto, Deus, com o que está embaixo, isto é, as comunidades humanas que geram os mundos virtuais. Segundo ele:

Em vez de emitir para os homens a luz intelectual que provém de Deus através dos céus e dos anjos superiores, o mundo virtual; que desempenha o papel de intelecto agente, reflete os lampejos emanados das comunidades humanas, as inteligências de uma multidão de indivíduos e de pequenos grupos. Regiões angélicas de tipo novo, os mundos virtuais emanam, pois, dos intelectuais coletivos e extraem a sua existência somente das comunidades humanas das quais proveem. [Portanto] tudo aquilo que no discurso teológico provinha do alto para baixo deve ser traduzido no dispositivo técnico-social como um jorro de baixo para o alto. (LEVY, 2002, p. 148 apud SPADARO, 2012, p. 83)

A inteligência comunicativa que se desenvolve nas redes virtuais, tem para Lévy, uma dimensão teológica, porém invertida, de baixo para cima. O indivíduo que cria é um terminal gerador de afirmações mais ou menos teológicas, difundindo-as mundialmente pela internet, fazendo com que sua afirmação seja verdade de fé para ele, seja a respeito de Teologia, como também em relação à política, sociedade, esporte, alimentação, moda, etc. Dessa forma criam-se bolhas, ilhas ou nichos de discussões, mais ou menos fanáticas que incendeiam as redes sociais.

Com o fortalecimento dos perfis individuais, cada pessoa que lança suas afirmações *ciberteológicas*, sente-se no direito de afirmar seus dogmas, independentemente de estar em maior ou menor comunhão com uma Igreja. Assim, os cristãos podem muito bem ir na missa ou no culto no fim de semana, ouvir atentamente as pregações dos padres e pastores, mas quando retornam a vida privada, sua fé, suas crenças, sua sexualidade e suas atitudes são determinadas pela sua individualidade e liberdade pessoais. Isso mostra a impossibilidade da fé, da Teologia e dos dogmas, enquadrar totalmente a vida humana em seus limites ideais e morais, pregados por séculos nos púlpitos das Igrejas. Cada ser humano é livre e pensante, e nenhum discurso religioso mais ou menos rigorista consegue na prática formatar a mente das pessoas (exceto nos casos extremos de fanatismo religioso, que infelizmente está crescendo no Brasil e no mundo). A construção dos dogmas teológicos nas Ciências Patrísticas mostram essa longa história de tentativa de formatação e compilação da fé, moral e teologia cristã.

Há também uma afirmação de *ciberateísmo* na internet, ou seja formas de criticar as instituições e dogmas religiosos afirmando o ateísmo diante de todas as crenças. Numa sociedade onde o centro não é mais Deus, como na sociedade cristã medieval, e após os grandes mestres da suspeita Marx, Nietzsche e Freud lançarem o que talvez se pode considerar as bases do ateísmo moderno, já há hoje uma forma de viver levando em conta a suposta inexistência de Deus.

Essas afirmações de *ciberateísmo* na maioria dos casos fazem uma crítica aos dogmatismos religiosos, fanatismos, intolerâncias e violências de discursos religiosos -

sobretudo dos cristãos pentecostais e neopentecostais, mas também dos protestantes, católicos, judeus e muçulmanos - que as vezes podem querer impor uma determinada crença, que tolhe as liberdades individuais, discrimina minorias e vai de encontro a laicidade do Estado. Além da afirmação da liberdade de ser ateu, o *ciberateísmo* é oposto a qualquer forma de intolerância religiosa. Como já citado no primeiro capítulo, essas manifestações estão nas redes virtuais, atualmente os mais conhecidos são: *Pastor Adélio*, *Porta dos Fundos*, *Um Sábado Qualquer*, etc. Há também a *ATEA, Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos* entidade sem fins lucrativos que afirma a laicidade do Estado. Se devemos ser a favor da liberdade de crença religiosa, e não impormos e nem permitirmos que impõe uma crença a nós, também devemos afirmar a liberdade de ser ateu, mas sem impor o ateísmo também a quem crê. Eis um eterno desafio por toda a história da humanidade dos conflitos entre ateus e crentes.

Antônio Spadaro também avalia as funções e repercussões da rede social *Facebook* nos últimos anos. Na construção e utilização do *Facebook* há necessidades humanas enraizadas que tentam ser satisfeitas, como o desejo de comunicação, de aceitação por pessoas e grupos, de ser socialmente ou afetivamente atraente, de transmitir e influenciar ideais, etc. É uma plataforma que possibilita entrar em contato com familiares ou amigos com os quais não se tem mais contato pessoal há muito tempo, ou que não podem ser vistos periodicamente, mas também é um espaço para criar relações somente virtuais com pessoas quase ou até totalmente desconhecidas, só para aceitar uma amizade e um perfil parecer atraente e agradável. A princípio essa rede social tem seus bônus, pois como afirma Spadaro:

O uso ideal do Facebook, em nossa opinião, é aquele feito a partir de relações reais. É um meio importante para reencontrar colegas de escola, amigos de infância de quem não se sabe mais nada, velhos conhecidos. [...] No meio tempo as pessoas que se contatam mudaram e seria um erro nivelar todos os *amigos* numa espécie de contemporaneidade total. Porém, se a plataforma for usada com um conhecimento das relações, é verdade que se torna uma ocasião interessante para consolidar relações que por causa da distância ou por outra razões correm o risco de esfriar, ou até recuperar relacionamentos que a vida enfraqueceu. (SPADARO, 2013, p. 104, grifo do autor)

Essa é a função mais útil do *Facebook*, a de restabelecer contatos perdidos no tempo e no espaço da vida e fazer um gancho com a vida real. Por outro lado pode desconectar em parte ou quase totalmente as pessoas da vida real levando-as a *submundos* virtuais e mentais que podem não ter ligação com a realidade. Por isso, as redes sociais atraem tanto os adolescentes e jovens que buscam nesses espaços às vezes um escape, diante do desencontro e desencanto com a vida e o mundo real.

Ao nosso ver, o *Facebook* afirma um desejo de utopia de estar perto das pessoas pelas quais temos consideração de alguma forma, ou expressarmos nossas opiniões com a convicção de sermos, muitas vezes os donos da verdade (ao menos da nossa verdade pessoal). Por outro lado, isola as pessoas dos contatos mais pessoais de natureza física, encontros, conversas com proximidade real. Esse é um risco das redes sociais, virtuais e da internet: que os desejos de utopias se invertam e tornam-se distopias. Em parte, como afirmamos, o *Facebook* é uma utopia que aproxima contatos perdidos ou que não podem ser feitos pessoalmente, mas também contribui para uma distopia atual da *super conexão* virtual através de computadores, *tablets*, *smartphones*, etc., e a desconexão quase total de nós com os outros, ao nosso redor no cotidiano.

Olhar a fé, a espiritualidade e a Teologia também pelas lógicas da rede é uma necessidade urgente para as religiões, o cristianismo e os líderes religiosos. Já há um certo tempo a vida está plasmada pelas redes virtuais, e a fé sofre ou desenvolve elementos reais com essa configuração, como também afirma Spadaro:

Não se trata absolutamente do uso de meios especiais, mas de compreender que, na verdade, o mundo já está amplamente plasmado pelas plataformas como as redes sociais, as quais possuem uma incidência precisa no modo de ler a realidade e viver as relações por parte das pessoas que os usam. (SPADARO, 2013, p. 108)

As escolhas de vida sobretudo dos adolescentes e jovens, e também dos adultos já são feitas com o impacto que as redes sociais realizam nas relações interpessoais, no ambiente escolar e acadêmico, e no profissional. A fé também está nessa lógica. O *Facebook* é um local em que a fé e a religião são expressas e têm uma relevante manifestação. A *Bíblia do Matuto* se configura como *ciberteologia*, não como *ciberateísmo*, pois na intenção do criador da obra, Rayan Rodrigues, está a divulgação da fé cristã dentro da cultura nordestina. Qual é então a contribuição que essa obra realiza para a fé cristã e a cultura do Nordeste?

A *Bíblia do Matuto* tem sua relevância e contribuição para a fé cristã ao facilitar a leitura da Bíblia numa linguagem inculturada ao regionalismo do Nordeste. Incultura a linguagem e a realidade antropológica e social. Ela estabelece uma conexão maior de uma mensagem de fé através de uma identificação mais simples do povo nordestino com sua própria linguagem coloquial, e não uma linguagem formal e distante do cotidiano. Com o uso de uma plataforma virtual, o *Facebook*, a mensagem cristã é transmitida também em novo formato relacional. A evangelização tradicional, presencialmente nas missas e cultos, nos encontros paroquiais, em visitas as famílias, nas bênçãos e preces, ainda existe, mas está sendo substituída sobretudo no espaço e tempo do mundo urbano das metrópoles. Nas redes virtuais há maior

velocidade, praticidade e acessibilidade para as mensagens e comunicações a nível de fé serem realizadas. A internet é um espaço efetivo onde muito do que é religioso, espiritual e teológico pode ser transmitido sem a necessidade da ida pessoal do fiel ao templo ou a presença do líder religioso. Devido ao caos da vida urbana com os excessos de compromisso de trabalho, estudo, vida social e trânsito inviável, o tempo e espaço dos habitantes das grandes cidades (médias e pequenas também) tem que ser otimizado. As *comunidade virtuais* realizam com mais sucesso o que as *comunidades eclesiais* vivem de forma muitas vezes atrasada.

Os nativos digitais praticamente não absorvem mais a linguagem religiosa e espiritual tradicional das formas de culto. Estas são muitas vezes ignoradas por eles. São mais sensíveis e atentos as linguagens, gírias, interações, conexões e afetividades virtuais. Eles fazem parte de vários grupos nas redes sociais, enquanto numa comunidade eclesial quase não possuem uma capacidade de interação com as estruturas ainda rígidas, frias, obsoletas e enfadonhas. Confessam seus sentimentos, desejos e afetividades virtualmente, enquanto uma orientação espiritual ou confissão é simplesmente algo sem sentido. Não está o cristianismo em alguns aspectos continuando a querer não enxergar a falência de suas estruturas? Embora tenha atuação na vida, subjetividade e espiritualidade do ser humano atual, muitas de suas *ferramentas* estão entrando em desuso.

Tanto é, que já em 1969 num discurso feito para a emissora de Hessen, o jovem teólogo Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI), afirmara que a Igreja estará entrando no futuro (no século XXI) numa gigante crise, que provocaria mudanças totais:

Da crise de hoje, também desta vez, sairá amanhã uma Igreja que perdeu muito. Ela será pequena e, em grande parte, deverá começar do início. Ela já não poderá encher muitas das construções que foram criadas no período de esplendor. [...] Haverá uma Igreja interiorizada que não se prevalece de seu mandato político e tampouco flerta com a esquerda ou com a direita. [...] Desse modo parece certo que para a Igreja estão iminentes tempos muito difíceis. Sua crise verdadeira mal começou. (RATZINGER, 1971, p. 76-78)

Se esta teoria se concretizar a médio ou longo prazo, poderemos afirmar que a Igreja e o cristianismo quase desaparecerá como o conhecemos - será *resetado* como se faz num *video game* quando se quer reiniciá-lo – se reduzindo a poucas comunidades de pessoas que creem num ideal espiritual, mas sem quase nenhuma força moral, política e social, e a partir daí ressurgirá das cinzas com outras características, sobretudo mais simples, modestas e genuínas, como era no princípio. Retornará ao cristianismo primitivo dos primeiros três séculos d.C., sem toda a estrutura institucional construída por séculos de história. O neoconservadorismo e neofundamentalismo que observamos na atualidade surge possivelmente como reação a

desconstrução das estruturas do cristianismo que eram consideradas sólidas, abrindo espaço para o obscurantismo, fanatismo e o que se chama hoje de *pós-verdade*.

A *Bíblia do Matuto*, dentro do que afirmamos em nossa pesquisa ser uma adaptação literária e humorística da Bíblia, para o regionalismo linguístico do Nordeste, realiza sua função *ciberteológica* de também transmitir a fé cristã na internet em pleno século XXI. Ela é também um contraponto para os líderes e grupos religiosos que não acordaram e não se abriram para a realidade atual, e até para aqueles que querem um retorno ao mundo teocêntrico cristão medieval. Rayan Rodrigues afirma em sua entrevista como a *Bíblia do Matuto* pode transmitir a fé cristã e indagar sobre Teologia, fé e Deus: Questionado dessa forma, ele responde: Você já ouviu os termos ciberteologia e ciberateísmo? Acredita que a Bíblia do Matuto pode conter em si ciberteologia?

Não por esses termos, mas por dedução (e pelos radicais) posso imaginar do que se trata. Acredito que seja possível encontrar na Bíblia do Matuto essa função teológica, é possível debater sobre Deus, sobre conceitos e valores cristãos, mas além de toda a profundidade que o tema pode sugerir, com base no que pude perceber... acho que o projeto teve uma função muito primária de quebrar essa barreira natural que existe quando se trata de Bíblia. Ouvi muitos depoimentos de gente que jamais se simpatizaria por uma leitura bíblica ou que odiava crente e que não sentiu esse peso em consumir o conteúdo apresentado dessa nova forma, com um pouco de humor, um pouco de cultura nordestina... católicos, evangélicos e até ateus foram atingidos por conta dessa aceitação natural que a forma e linguagem conquistaram. (Cf. Anexo B)

Com a *Bíblia do Matuto*, há a liberdade de se viver e receber uma mensagem de fé dentro de nossa cultura e realidade social, e não termos que nos adequar a espaços, culturas e realidades que não tocam nosso ser. O nordestino tem seu estilo e jeito de ser, e encontra nessa Bíblia uma identificação com o que crê, pensa e vive. Essa e outras adaptações da Bíblia para diversas linguagens possibilitam desvendar novos mundos de sentido culturais, literários e teológicos, até então não vistos.

Assim sendo, com as correlações feitas entre a adaptação e humor presentes na *Bíblia do Matuto*, com os elementos de *ciberteologia* presentes nela para a contribuição da Literatura e Teologia, bem como as modificações da Bíblia como linguagem oral, textual e virtual, e mostrando a contribuição dessa obra para a Literatura, a Teologia e a fé cristã, podemos concluir essa pesquisa dentro do que ela se propôs a realizar, afirmando que realizamos os objetivos propostos em seu projeto. Não encerramos ela de maneira estanque, mas sua contribuição está dada e a partir daqui podemos realizar alguma conclusão.

6 CONCLUSÃO

“No meu entender o ser humano tem duas saídas para enfrentar o trágico da existência: o sonho e o riso.”

(Ariano Suassuna)

Com essa abordagem teórico, bibliográfica e crítica, realizados nesses quatro capítulos, pesquisamos a *Bíblia do Matuto*, obra de adaptação e humor criada por Rayan Rodrigues que adapta textos bíblicos para a variação diatópica do Nordeste, de forma bem humorada, divulgando-a na rede social *Facebook*.

Nosso objeto de pesquisa recebeu tratamento teórico no âmbito acadêmico da Teopoética, abordando a transgressão do texto bíblico e humor, adaptação para as redes sociais, a *ciberteologia* e o *ciberateísmo*. Lemos e estudamos dessa forma a Bíblia como obra de Literatura já adaptada para novos contextos diante de novas necessidades e intenções, ultrapassando a leitura teológica e de fé.

Diante do exposto, afirmamos que o objetivo geral, posto de forma bem ampla, de pesquisar a *Bíblia do Matuto* foi alcançado. Os objetivos específicos foram a princípio esquematizados em quatro capítulos pequenos, deixando o primeiro e o quarto para as reflexões de Literatura e Teologia, e o segundo e terceiro para o suporte dado pelas teorias da adaptação e humor.

Foi possível apresentar a Teopoética como área acadêmica já consolidada – como mostra a pesquisa de Antônio Geraldo Cantarella – por isso não nos estendemos muito nessa abordagem. Retomando as pesquisas atuais já feitas no âmbito da Teopoética, partimos para apresentação da *Bíblia do Matuto*, dentro da adaptação e humorização do texto bíblico, para a rede social *Facebook*, dentro da variação diatópica do Nordeste. Na Literatura Brasileira buscamos também apresentar e valorizar obras que já relataram tanto o regionalismo linguístico nordestino, bem como os matizes culturais, sociais, antropológicas e religiosos do Nordeste do Brasil.

No segundo e terceiro capítulos foram feitas as exposições das teorias da adaptação e teorias do humor. Foi necessária uma exposição das principais teorias que dão suporte para as atuais adaptações e humorizações de textos literários para as redes sociais, internet, *games*, teatro, cinema, séries, etc. Nem todas as teorias que num primeiro momento foram lidas e analisadas se ligam diretamente com o objeto de nossa pesquisa, por isso deixamos de fora da redação final da Dissertação as que não se encaixaram na pesquisa e valorizamos as que se

adequaram e dão suporte para a fundamentação, a fim de sermos mais objetivos. Feita essa exposição mais densa, foram encontrados tipos de adaptação e humor que em nossa perspectiva se adequam a produção gráfica, textual e virtual da *Bíblia do Matuto*. Encontramos algumas afirmações nesses teóricos que puderam ser ligadas com as postagens da *Bíblia do Matuto*, como visto ao final do segundo e terceiro capítulos.

Correlacionamos adaptação e humor no quarto capítulo, além de veicularmos elementos de *ciberteologia* juntamente com as mudanças na linguagem bíblica. Estas mudanças na Bíblia se dão de forma a passar da primitiva oralidade, para uma textualidade canonizada e atualmente transformada em virtualidade que passa do livro à tela. Ou seja, a Bíblia por mais sagrada e resguardada que ainda é, também está passando por transformações quanto a formatos através dos séculos. Com o suporte mais atual trazido por Antônio Spadaro, afirmamos que a *Bíblia do Matuto* é uma obra de *ciberteologia*, que traz repercussões na manifestação e divulgação da fé cristã, na Teologia, e na Literatura. Essas duas áreas se ligam nessa obra mostrando também uma maleabilidade tanto das criações artísticas e ficcionais como da crítica teórica em reconhecer nesse objeto de pesquisa uma obra humana, fruto de estudos de *designer* gráfico, mas também de subjetividade, cultura e fé de um autor e de um povo.

Com isso também mostramos a contribuição da *Bíblia do Matuto* para a fé cristã, a Teologia e a Literatura, que agora reafirmamos: em possibilitar mais uma vez a quebra da formalidade da Bíblia para sua divulgação de forma coloquial, adaptada e humorada na linguagem do povo nordestino; e para a Literatura em visualizar como atualmente ela está em praticamente todos os veículos de comunicação e permite abordar uma obra canonizada como a Bíblia dentro de uma leitura crítica e criativa como obra literária. A fé cristã encontra nessas vias um alívio e escape das concepções e transmissões mais rígidas, moralistas e padronizadas feitas por muitos séculos de catequese, pregações, penitências, sermões, missões, em formatos hoje postos em maior ou menor parte em xeque pelos estudiosos da Teologia em contanto com novas áreas de estudo.

Justifica-se essa pesquisa diante da necessidade de afirmarmos em nosso objeto, a realização de uma obra que perpassa essas duas áreas de conhecimento acadêmico, científico e crítico que são a Teologia e a Literatura em tempos em que ambas as áreas encontram novos ambientes de divulgação de suas criações artísticas, ficcionais e de fé, e necessitam de um suporte crítico e reflexivo a fim de clarear suas contribuições para o ser humano como ser social, religioso e político.

Na crítica literária realçamos o valor de ler e reler os clássicos nacionais e internacionais, a valorização do livro como obra ficcional que perpassa as categorias de tempo, espaço, sociedade e política e de subjetividade e memória dos autores. Mas também vemos a necessidade de considerar os novos formatos que a Literatura visibiliza nas redes sociais, nas séries, nos *games*, nas periferias urbanas, nas diferentes etnias, nas manifestações de gênero, em diálogo com outras áreas de saber e manifestações humanas.

Dentro do que foi proposto desde o projeto de pesquisa de Mestrado, afirmamos que nesse momento atingimos os objetivos propostos, que podem ser ainda aperfeiçoados. Para uma possível pesquisa futura, recomendada a outros pesquisadores, pode-se abordar essas adaptações bíblicas para as redes sociais – *Bíblia do Matuto, Pastor Gaúcho, Bíblia Freestyle* – dentro das teorias da adaptação e do humor, mas também explorando mais as mutações históricas da linguagem bíblica e humana desde a Antiguidade, perpassando a Idade Média até a pós-modernidade do século XXI.

Diante de abordagens teológicas fundamentalistas, rigoristas, e exclusivistas que sempre existiram e ganharam força recentemente nos ambientes religiosos, políticos e familiares, com o aumento do obscurantismo e da ignorância, afirmamos a necessidade de uma abordagem histórico-crítica, a fim de que o estudo da Teologia liberte a mente das pessoas ao invés de cerrá-las em concepções ideológicas e religiosas rigoristas e fundamentalistas que geram agressão, exclusão e intransigência. Deus é tão simples e livre que em nenhum momento criou leis e regras religiosas, ideológicas e morais; os seres humanos e as instituições religiosas tiveram a necessidade de criar tais esquemas para estes poderem exercer um controle sobre outros seres humanos e instituições

Afirmamos que a liberdade religiosa ou de não ter religião, seja respeitada por todos; desejamos que homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais tenham igualdade em seus direitos e deveres como cidadãos e não sofram mais os preconceitos e discriminações nos diversos ambientes religiosos, profissionais, acadêmicos e sociais; afirmamos que brancos, negros, indígenas, orientais e todas as raças/etnias devem ser respeitadas em suas particularidades; clamamos pela cessação dos abusos, assédios e violências contra as mulheres que em pleno século XXI ainda são infelizmente desrespeitadas em seus corpos e interioridades; esperamos proteção as nossas crianças, adolescentes e jovens para que possam sonhar e planejar uma vida de estudo e trabalho dignos com perspectivas, resguardados de toda forma de violência sexual, física, psicológica, espiritual em diversos ambientes, e de um mundo muitas vezes calculista e maquinário regido pela lógica da produção e do lucro; negamos todo governo autoritário, autocrático e violento, seja de ideologias de direita ou esquerda, por governos que

promovam a democracia, o equilíbrio e o desenvolvimento consciente das oportunidades para todos; sonhamos com um mundo onde podemos estudar, trabalhar, amar e sermos amados, viver com condições dignas de vida, com liberdade de ir e vir, com saúde física, mental e espiritual, com liberdade de ler e ver as diversas situações com espírito crítico e criativo, com oportunidade de estudo e trabalho para todos.

Reforçamos que cremos no sonho de uma vida mais leve e bem humorada, sem dogmatismos excludentes e rigoristas, sem os calculismos frios das instituições, numa sociedade em que todos possam viver suas liberdades de escolhas pessoais, seja em sua religião, fé, política, sexualidade, costumes, etnias, culturas, sem imporem ou serem impostos valores pessoais ou de grupos específicos para toda uma sociedade, a não ser os direitos humanos que pertencem a todos e todas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**. Tradução de Andrea Saturbano e Patrícia Peterle. São Paulo: Boitempo. 2018.
- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia Literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fil-ker. São Paulo: UNESP/Prismas, 1997.
- AMBROSINI, Camila. **Que tri!: Deus ri!** O riso no evangelho segundo o Pastor Gaúcho. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2018.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis** – A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.
- BERGER, Peter L. **O Riso Redentor: a dimensão cômica da experiência humana**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes. 2017.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1983.
- BÍBLIA de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BRANDÃO, Eli. **Revista Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo: UNESP. Ano XIX, n 29, dez/2005.
- CAIXÊTA, Márcia Christina de Souza Oliveira. **Variação diatópica de aspecto semântico-lexical e ensino de língua portuguesa**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- CÂNDIDO, Antônio. Euclides da Cunha sociólogo. **Remate De Males**. UNICAMP: Campinas. 2012.
- CANTARELLA, Antônio Geraldo. A pesquisa em Teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica. **Horizonte**. Belo Horizonte, v.12, n. 36, out/dez 2014.
- CARVALHO, Vinícius Mariano de. Religião e Literatura: Algumas inter-relações possíveis. **NUMEN - Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**. Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 4, n. 1, 2001.
- CHAPLIN, Charlie. **Chaplin Vida e pensamentos**. São Paulo: Martin Claret.1997.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Abril Cultural. 1979.

D'ANGELI, C.; PADUANO, G. **O Cômico**. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: Editora UFPR. 2007.

DUARTE, Lélia Parreira. P. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas. 2006.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2007.

_____. **O nome da Rosa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira. 1980.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz. 2010.

GÓES, Paulo de. O problema do riso em *O nome da Rosa*, de Umberto Eco. **Revista de Filosofia Aurora**. Curitiba, v. 21. n. 28 Jan/Jun 2009.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: EDUFSC, 2013.

KAISER, Wolfgang. **O grotesco**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semanálise**. São Paulo: Perspectiva. 2005.

KUSCHEL, Karl Joseph. **Os escritores e as escrituras: retratos teológicos-literários**. São Paulo: Edições Loyola. 1999.

Le grand poème d'Amiens – Camille Clovis Trouille (1942).

Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=le+grand+po%C3%A9me+d%27amiens&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi83fmJ-6_VAhXHF5AKHXQ5DsoQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgdii=ALQtpxsLepKyM:&imgc=hbz7YTTUwrCJuM> Acesso em: 17 de julho de 2018.

MAGALHÃES, A. C. De Melo; et al. **Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia**. João Pessoa: EDUEPB. 2008.

MAGALHÃES, A. C. de Melo. Religião e interpretação literária; perspectivas de diálogo das ciências da religião com a literatura. **Religião & Cultura**. São Paulo: Paulinas; PUC, 2004, III/6.

MARTINS, Patrícia Leonor. **Ciberateísmo: sátira e humor na personagem do Pastor Adélio**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2017.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assunção. São Paulo: UNESP. 2003.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2013.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. A formação do Antigo Testamento. São Paulo: Paulus. 2014.

OLIVEIRA, Estela Ramos de Souza de. **O Diabo ridicularizado na literatura de folhetos do Nordeste**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. 2013.

O linguajar cearense, Josenir Alves de Lacerda. Disponível em: <http://usuarioweb.infonet.com.br/~direitoepoesia/caldeiraopoetico_textos.asp?identificacao=O%20LINGUAJAR%20CEARENSE> Acesso em 18 de julho de 2018.

Pastor Adélio. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=pastor+adelio&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwip1NaC0ajcAhURXIMKHQdoDJUQ_AUIDSgE&biw=1366&bih=613#imgrc=LMO_06gUd2NNZM:>> Acesso em: 18 de julho de 2018.

Pastor Gaúcho. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=pastor+gaucho&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi79J_y0KjcAhXD2FMKHSv8CysQ_AUICygC&biw=1366&bih=613#imgrc=OYFPtZ9Yirxi0M:>> Acesso: 18 de julho de 2018.

Porta dos Fundos. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=porta+dos+fundos+deus&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjK9bGX0ajcAhXQ7VMKHcxKDiYQ_AUIDCgD&biw=1366&bih=613#imgrc=ne2t1mMsdd0nyM:>> Acesso em: 18 de julho de 2018.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática. 1992.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record. 1986.

Retábulo de Issenheim, de Matthias Grünewald (1512 – 1516). Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=cristo+de+grunewald&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi8-7HW9K_VAhXIx5AKHbTRBbIQsAQIJQ&biw=1366&bih=662#imgrc=eQeHykqqII6V6M:>> Acesso em: 17 de julho de 2018.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

RATZINGER, Joseph. **Fé e futuro**. Petrópolis: Vozes, 1971.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

SILVEIRA, André Luiz da. **Riso e subversão: o cristianismo pela Porta dos Fundos**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2016.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. Tradução de Alessandro Zir. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2002.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: Pensar o cristianismo em tempos de rede**. São Paulo: Paulinas. 2012.

_____. **Web 2.0:** Redes sociais. São Paulo: Paulinas. 2013.

SPENGLER, Stéphanie. **Texto e paratexto:** construção de sentidos em Um Sábado Qualquer. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2018.

Um Sábado Qualquer. Disponível em:
<https://www.google.com.br/search?q=um+sabado+qualquer&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiK2o770KjcAhWQy1MKHW-cBXYQ_AUICigB&biw=1366&bih=613#imgrc=EI29agqv0GZ2LM:>> Acesso em: 18 de julho de 2018.

ANEXO A – Objeto da pesquisa: *Bíblia do Matuto*

Expomos em anexo todas as 53 postagens da *Bíblia do Matuto* criadas por Rayan Rodrigues e postadas na rede social *Facebook*:

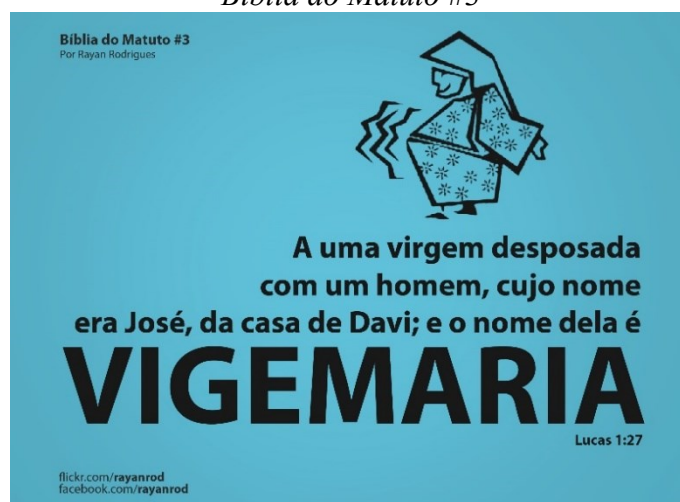
Bíblia do Matuto #1

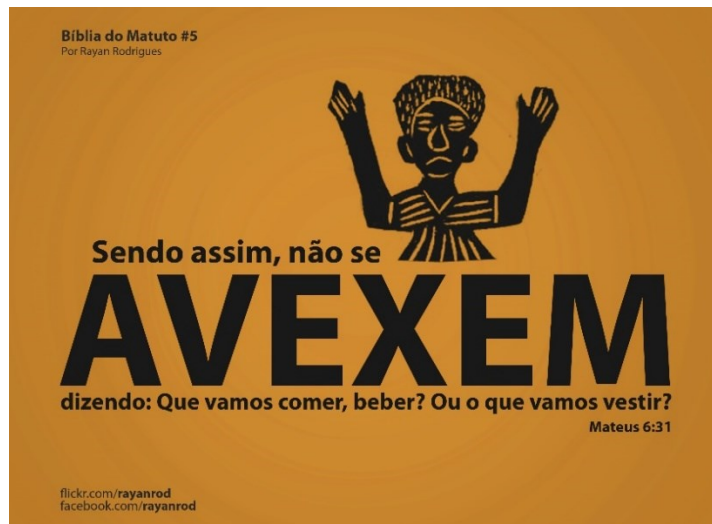


Bíblia do Matuto #2



Bíblia do Matuto #3



Bíblia do Matuto #4*Bíblia do Matuto #5**Bíblia do Matuto #6*

Bíblia do Matuto #7

Bíblia do Matuto #7
Por Rayan Rodrigues



Sabendo da
iniquidade do povo, Deus ficou

ARRETADO

com Israel.

Salmos 78:59

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #8

Bíblia do Matuto #8
Por Rayan Rodrigues



MARMININO

vocês são o corpo de Cristo, e cada um de
vocês, individualmente, é
membro desse corpo.

1 Coríntios 12:27

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #9

Bíblia do Matuto #9
Por Rayan Rodrigues



Tu sois salvo

POR MOI


da Graça e através da Fé. E isso não vem de vocês. É dom de Deus.

Eféios 2:8

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #10

Bíblia do Matuto #10
Por Rayan Rodrigues



Salvação não é por obras,
para que ninguém fique se

PABULANDO

Efésios 2:9

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #11

Bíblia do Matuto #11
Por Rayan Rodrigues

Nesse tempo
o homem mau se levantará
e outros serão como

TRAÍRAS

Mateus 24:10



flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #12

Bíblia do Matuto #12
Por Rayan Rodrigues



TE ORIENTA

porque não sabeis o dia nem a hora em que o
Filho do homem virá.

Mateus 25:13

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #13

Bíblia do Matuto #13
Por Rayan Rodrigues



A mulher

PRENDADA


edifica a sua casa, mas a insensata a derruba
com suas próprias mãos.

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Provérbios 14:1

Bíblia do Matuto #14

Bíblia do Matuto #14
Por Rayan Rodrigues



"Por que não vendeste
este perfume e não deste
o dinheiro aos pobres?". Disse Judas, o

CABOETA

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

João 12:4-5

Bíblia do Matuto #15

Bíblia do Matuto #15
Por Rayan Rodrigues



Tu és Pedro e sobre esta
pedra edificarei a minha igreja, e as portas

DUZINFERNO

não prevalecerão contra ela.

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Mateus 16:18

Bíblia do Matuto #16

Bíblia do Matuto #16
Por Rayan Rodrigues



Porque Deus amou o mundo
QUE SÓ A MULESTA
e deu o seu único Filho para que todo aquele que
nele crê não morra, mas tenha a vida eterna.
João 3:16

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #17

Bíblia do Matuto #17
Por Rayan Rodrigues



Pelo contrário, até os
membros do corpo que aparentam ser os
MAIS PEBAS
são indispensáveis.
1 Coríntios 12:22

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #18

Bíblia do Matuto #18
Por Rayan Rodrigues



Portanto, que os homens
orem e louvem em todo lugar,
levantando suas mãos, sem se irar e sem
ARENGAR
1 Timóteo 2:8

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #19

Bíblia do Matuto #19
Por Rayan Rodrigues



Eis que venho sem demora;
guarda o que tens, para que nenhum

BULIÇOSO


tome tua coroa.

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Apocalipse 3:11

Bíblia do Matuto #20

Bíblia do Matuto #20
Por Rayan Rodrigues



Deem graças ao
Senhor. Àquele que dá

SUSTANCIA

a todos os seres vivos, pois o seu amor dura para sempre.

Salmos 136:25

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #21

Bíblia do Matuto #21
Por Rayan Rodrigues



MARNUNCA

sentirão fome ou sede. Não cairá sobre eles sol, e
nenhum calor abrasador.

Apocalipse 7:16

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #22

Bíblia do Matuto #22
Por Rayan Rodrigues



Eles ficaram assustados e com medo, pensando que estavam vendo uma

VISAGEM

Lucas 24:37

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #23

Bíblia do Matuto #23
Por Rayan Rodrigues



E Jesus lhe disse:

REPARA


tua fé te salvou.

Lucas 18:42

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #24

Bíblia do Matuto #24
Por Rayan Rodrigues



Como são doces para o meu paladar as tuas palavras! Mais doces do que a

RAPADURA

Salmos 119:103

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #25

Bíblia do Matuto #25
Por Rayan Rodrigues



O amigo ama em todos os momentos e é um irmão na hora do

APERREIO

Provérbios 17:17

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #26

Bíblia do Matuto #26
Por Rayan Rodrigues



Ouvindo isso, o jovem afastou-se e ficou todo

MUFINO

porque tinha muitas riquezas.

Mateus 19:22

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #27

Bíblia do Matuto #27
Por Rayan Rodrigues



Então entrou e lhes disse: Por que todo este

FURDUNÇO

A criança não está morta, mas dorme. Lucas 8:52

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #28

Bíblia do Matuto #28
Por Rayan Rodrigues



Meu amor, tu és toda

MIMOSA

em ti não há defeito algum.

Cânticos 4:7

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #29

Bíblia do Matuto #29
Por Rayan Rodrigues



Ó mulheres de Jerusalém,
peço-lhes que se encontrarem
o meu amado digam-lhe que estou

DENGOSA DE AMOR

Cânticos 5:8

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #30

Bíblia do Matuto #30
Por Rayan Rodrigues



Jó,

PRESTENÇÃO

e me escute; fique em silêncio, e falarei.

Jó 33:31

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #31

Bíblia do Matuto #31
Por Rayan Rodrigues



Jesus lhes disse:
Saia deste homem,

ALMA SEBOSA

Marcos 5:8

flickr.com/rayanrod
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #32

Bíblia do Matuto #32
Por Rayan Rodrigues



Luz para os meus pés é tua palavra, e

LAMPARINA

para o meu caminho.

Salmos 119:105

facebook.com/rayanrod
facebook.com/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #33

Bíblia do Matuto #33
Por Rayan Rodrigues



Quando

ALUMIAR

o dia ouvirás a minha voz, ó Senhor. Pela manhã
apresentarei a ti a minha oração, e vigiarei.

Salmos 5:3

facebook.com/rayanrod
facebook.com/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #34

Bíblia do Matuto #34
Por Rayan Rodrigues



Orai sem
ARREDAR O PÉ

1 Tessalonicenses 5:17

facebook.com/rayanrod
facebook.com/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #35

Bíblia do Matuto #35
Por Rayan Rodrigues



Antes tem o
seu prazer na lei
do Senhor, e na sua lei

MATUTE

de dia e de noite.

Salmos 1:2

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #36

Bíblia do Matuto #36
Por Rayan Rodrigues



Olhando
para os seus
discípulos, Ele disse:
Bem-aventurados vocês

OS POBRES

pois a vocês pertence o Reino de Deus.

Lucas 6:20

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #37

Bíblia do Matuto #37
Por Rayan Rodrigues



Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de levar as suas

PERCATAS


Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo.

Mateus 3:11

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #38

Bíblia do Matuto #38
Por Rayan Rodrigues



Jesus ouvindo isto maravilhou-se e disse aos que o acompanhavam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei alguém tão


ARROCHADO

Mateus 8:10

facebook.com/rayanrod
facebook.com/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #39

Bíblia do Matuto #39
Por Rayan Rodrigues



Mas Jesus, chamando-os para si, disse: Deixai vir a mim os

BRUGUELINHOS

e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus.

Lucas 18:16

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #40

Bíblia do Matuto #40
Por Rayan Rodrigues



E na mesma hora Jesus curou

UMA RUMA

de enfermidades, males, espíritos maus
e deu vista a muitos cegos.

Lucas 7:21

facebook.com/rayanrod
facebook.com/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #41

Bíblia do Matuto #41
Por Rayan Rodrigues



As misericórdias do
Senhor são as causas de não

LEVARMO O FARELO

porque as suas misericórdias não têm fim;

Lamentações 3:22

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #42

Bíblia do Matuto #42
Por Rayan Rodrigues



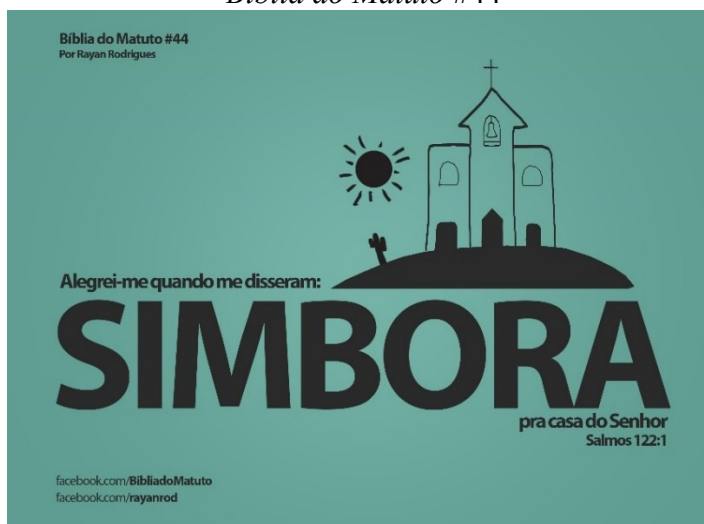
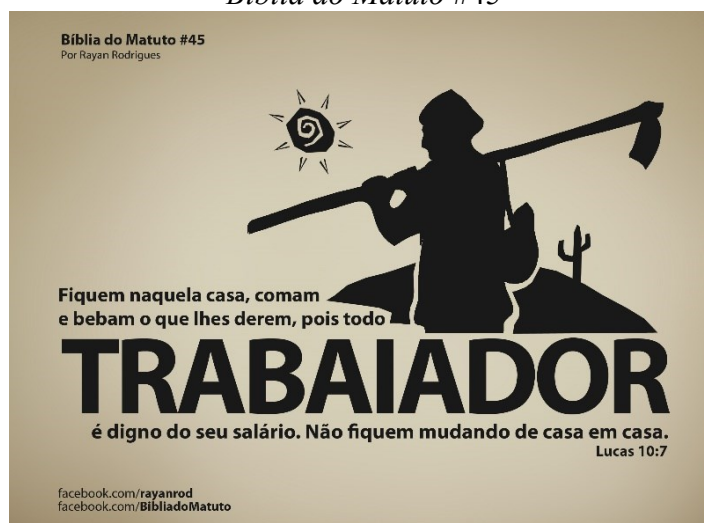
O início da sua palavra é mera

BESTAGEM

e o final do seu discurso é loucura perversa.

Eclesiastes 10:13

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #43*Bíblia do Matuto #44**Bíblia do Matuto #45*

Bíblia do Matuto #46

Bíblia do Matuto #46
Por Rayan Rodrigues



E disseram a Samuel: "Não pare de chamar por nós ao Senhor nosso Deus, para que

DEUS LIVRE

das mãos dos filisteus
1 Samuel 7:8

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #47

Bíblia do Matuto #47
Por Rayan Rodrigues



Assim subiram e

BRECHARAM

a terra desde o deserto de Zim, até Reobe, à entrada de Hamate.
Números 13:21

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #48

Bíblia do Matuto #48
Por Rayan Rodrigues



E, saindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria,

FIZERAM CARREIRA

para anunciá-lo aos seus discípulos.
Mateus 28:8

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #49

Bíblia do Matuto #49
Por Rayan Rodrigues



Assim como uma flor entre os espinhos, tal é o

MEU XODÓ

entre as jovens.
Cânticos 2:2

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #50

#50



E Jesus, respondendo, lhes disse:

OXENTE

e por acaso tu não sabe que tu erra porque não conhece
as Escrituras nem o poder de Deus?

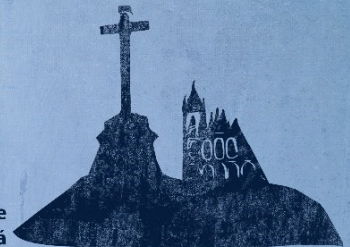
Marcos 12:24

**BÍBLIA
MATUTO**
Bíblia do Matuto
POR RAYAN RODRIGUES

f/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #51

#51



Pois eu vos digo que aquele
que é maior do que o templo está

MERMAQUI

diante dos seus olhos.
Mateus 12:26

**BÍBLIA
MATUTO**
Bíblia do Matuto
POR RAYAN RODRIGUES

f/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #51

Bíblia do Matuto #51
Por Rayan Rodrigues



Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até as

BRENHAS

de toda terra.
Atos 1:8

facebook.com/BibliadoMatuto
facebook.com/rayanrod

Bíblia do Matuto #52

#52



Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até as

BRENHAS

de toda terra.
Atos 1:8

BÍBLIA MATUTO
Bíblia do Matuto
POR RAYAN RODRIGUES

f/BibliadoMatuto

Bíblia do Matuto #53


Mas, se algum tiver fome,

ENCHÁ O BUCHO

em casa. 1 CORÍNTIOS 11:34a

f/BibliadoMatuto | EDIÇÃO #53 | POR RAYAN RODRIGUES

BÍBLIA MATUTO

ANEXO B - Entrevista

Entrevista com Rayan Rodrigues, criador da *Bíblia do Matuto*, feita em 30 de julho de 2018.

1 - Como surgiu em você a ideia para criar a *Bíblia do Matuto*?

No ano de 2010, aqui na Paraíba, aconteceu o FENART (evento de arte e cultura) e lá conheci duas figuras importantíssimas que configurou um divisor de águas na minha vida: Lenine e Jessier Quirino, artistas que cantam, recitam e fazem do Nordeste objeto de estudo e musa inspiradora de suas obras. Lembro desse evento, pois foi quando eu me tornei atento a cultura nordestina, até então vivia nesse limbo de consumir inconscientemente o que a grande mídia oferecia na TV, no Rádio, etc. Desse ano pra cá, foi submersão. Fui atrás como quem vai atrás de água no Sertão.

A *Bíblia do Matuto* surge nesse contexto, já congregava numa igreja evangélica protestante há uns anos, já tinha envolvimento como Design e faltava esse terceiro pilar: a Cultura Nordestina. Quando os três passaram a fazer parte ativamente do meu dia-a-dia, tudo fermentou muito naturalmente e foi literalmente da noite para o dia que pensei na ideia, fiz as primeiras edições e já postei nas minhas redes sociais. Surgiu do famoso nada, mas na verdade foi uma construção muito orgânica de três colunas que basicamente sustentavam minha vida naqueles anos de 2010 e 2012.

2 - Para você, quem é o "*Matuto*"?

Faço das palavras do mestre Ariano, as minhas: o matuto é herói do Nordeste.

Frequentemente usado como sinônimo de pessoa lerda, burro, ignorante, até ingênuo, mas quando se tira os rótulos, estereótipos e arquétipos... o matuto é o guerreiro que aprendeu a viver sob circunstâncias adversas e lidar com elas até com um tom de humor, muitas vezes.

3 - Qual sua formação, profissão e religião?

"Publicitário de formação, designer por vocação, matuto por convicção" sempre ouvi Jessier falar algo parecido, me apropriei. Sou formado em Publicidade e Propaganda pelo IESP, trabalhei muitos anos em agências de publicidade como Diretor de Arte e Diretor de Criação.

Hoje em dia, estou gerindo um próprio negócio voltado especificamente para o Design, mas usando dos benefícios que o conhecimento publicitário oferece. Sou cristão, professo minha fé em Cristo, muito embora já não congregue em nenhuma igreja há uns anos.

3 - Qual foi a abrangência de divulgação da *Bíblia do Matuto* no *Facebook*?

Fico tentado a falar sobre números, mas há muito que não monitoro então não tenho como ter certeza desses dados, mas já havia comentado com você sobre alguns dados, segue:

22 mil curtidas;

Mais de 60 mil compartilhamentos, 60% desse número corresponde as publicações na página, mas no meu perfil pessoal - que começou bem antes - tem o restante desse alcance. Ainda não conto aí o alcance que o projeto teve na página da Nação Nordestina, que foi igualmente enorme, para a época;

A média que o *Facebook* dá para o alcance em relação a compartilhamento é 1 para 20. Por exemplo: a cada mil compartilhamentos, 20 mil pessoas foram atingidas;

Fora das redes, camisetas para projetos missionários no sertão, decoração de evento, revistas, jornais foram muitos, mas não consigo mensurar.

Além disso, num sentido mais abstrato, na época não vivíamos essa efervescência de milhões de *views* e *likes*, era tudo muito orgânico e menor. Uma publicação com 1000 compartilhamentos já causava um impacto inacreditável inclusive na minha vida pessoal. Lembro desse momento como se fosse uma bola de neve, o crescimento era quase que exponencial. Hoje em dia é normal vídeos virais terem mais de um milhão de compartilhamentos no *Facebook*, por exemplo. Poucos anos de diferença, mas um abismo em relação ao consumo de conteúdo nas redes sociais.

4 - Você conseguiu realizar suas intenções iniciais com a criação e divulgação da *Bíblia do Matuto*?

Sim, inclusive de forma muito simples e rápida. Eu não tinha a menor pretensão financeira ou ganhar visibilidade, me promover, tanto que quando chegou a esse ponto de fechar acordos com editora, produtora, eu dei um passo atrás e lembrei por que eu estava fazendo a *Bíblia do Matuto*. Era um desejo pessoal de usar das ferramentas que tinha (design), usando de uma linguagem que é minha (nordeste) pra propagar as ideias que eu cria (cristo). Ao longo dos

anos e até hoje ainda recebo mensagem de pessoas que levam a *Bíblia do Matuto* para viagens missionários nos sertões e como ela consegue ter sua função dentro desse contexto, o que me deixava e ainda deixa extremamente feliz e realizado com o resultado.

5 - Você percebe a *Bíblia do Matuto* como também uma obra artística e literária?

Levei um tempo para me acostumar com essa ideia, mas minha carreira com design me fez perceber que eventualmente, apesar de eu nunca ter me sentido artista, a *Bíblia do Matuto* é um projeto que tem suas raízes em expressões como a xilogravura, o estudo da linguística, design, cultura do nordeste. Hoje em dia, trabalhando com design há tanto tempo, percebo que é possível exercer o ofício artístico mesmo sem ter formação ou até mesmo intenção, que foi o caso.

6 - Qual foi a repercussão que a *Bíblia do Matuto* provocou? Você recebeu críticas e/ou elogios de pessoas ou grupos?

Mais elogios que críticas. Sempre fui muito grato a todo mundo que apreciava, apoiava e compartilhava da ideia, mas apesar de poucas, as críticas (geralmente atreladas ao ódio) batiam muito forte. Estou me referindo aos extremos: fui acusado algumas vezes de ser desrespeitoso com a Bíblia, de fazer chacota com o matuto, etc. Apesar de pesadas, nunca me incomodaram, ao ponto de eu levar nada disso em consideração, minha consciência sempre esteve tranquila. O projeto tinha uma pitada de função missionária e eu ficaria surpreso se isso não fosse alvo. Tirando isso, sempre recebi os mais diversos elogios, reconhecimento, apoio, oportunidades, muitas portas foram abertas por intermédio desse projeto - o que sou muito grato.

7 - Você continua criando e divulgando a *Bíblia do Matuto* nas redes sociais? Por quê?

Não; Desde 2015 está em *stand by*. Quando cheguei a marca de 50 pensei em pausar para repensar, analisar algumas propostas comerciais (foram muitas, mas não me senti bem em envolver dinheiro/comércio no projeto), com isso acabei me envolvendo em tantos outros projetos e carreira profissional que não tive mais o mesmo empenho para continuar. Prefiro parar por hora do que fazer de todo jeito e mal feito. Até por que... o projeto tem sobrevivido e ainda hoje se auto movimenta e cumpre uma função mínima sem minha interferência.

8 - Quais características da cultura nordestina você acredita que são divulgadas na *Bíblia do Matuto*?


Claro que um projeto que reúne embasamentos em diversas áreas pode contribuir de forma igualmente plural na construção e percepção de valor para a cultura nordestina, mas tenho um apego pessoal especialmente nessa evidência que a *Bíblia do Matuto* dá a capacidade de construir essa linguagem característica do Nordeste com neologismos, corruptelas, expressões únicas que atravessam os anos de geração em geração, essa forma singular de construir (seja verbal ou oral) as palavras, criando novas grafias e emitindo novos sons, como: *vigemaria*, *bestagem*, *por moi*, *arengar*, *marnunca*, *visagem*, *alma sebosa* e o queridíssimo *oxente*, entre outros nesse imenso vocabulário.

9 - Você pensa que é possível transmitir a fé cristã através das redes sociais?

Sem dúvidas! A rede social é reflexo. É a vida real sem barreiras geográficas, com todas as implicações, boas ou más, com os ônus e os bônus. Se a vida reflete a fé cristã, a rede social naturalmente será uma extensão, mas se não... é possível que o comodismo de estar atrás de uma tela de computador consigo disfarçar a manter certas aparências, não sei se por muito tempo. Apesar disso, gosto de pensar na rede social como reflexo e extensão.

10 - Você já ouviu os termos *ciberteologia* e *ciberateísmo*? Acredita que a *Bíblia do Matuto* pode conter em si *ciberteologia*?

Não por esses termos, mas por dedução (e pelos radicais) posso imaginar do que se trata. Acredito que seja possível encontrar na *Bíblia do Matuto* essa função teológica, é possível debater sobre Deus, sobre conceitos e valores cristãos, mas além de toda a profundidade que o tema pode sugerir, com base no que pude perceber... acho que o projeto teve uma função muito primária de quebrar essa barreira natural que existe quando se trata de Bíblia. Ouvi muitos depoimentos de gente que jamais se simpatizaria por uma leitura bíblica ou que odiava crente e que não sentiu esse peso em consumir o conteúdo apresentado dessa nova forma, com um pouco de humor, um pouco de cultura nordestina... católicos, evangélicos e até ateus foram atingidos por conta dessa aceitação natural que a forma e linguagem conquistaram.

ANEXO C - Termo de autorização de uso de imagens e entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E ENTREVISTA

Eu, Rayan Pachêco Rodrigues, CPF: 09246351428, RG: 3400132 SSP/PB, conhecendo a importância da pesquisa acadêmica que tem como objeto de pesquisa a *Bíblia do Matuto* - adaptação gráfica e textual da Bíblia para a linguagem nordestina criada por mim - e estando ciente do uso das imagens por mim concedidas e de minha entrevista por e-mail pelo pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina, Erik Dorff Schmitz - do Programa de Pós-Graduação em Literatura, sob orientação da Prof. Dra. Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira, com a pesquisa a nível de mestrado intitulada: "*A Bíblia do Matuto*." - libero a utilização destas imagens e entrevista para fins de estudos acadêmicos e científicos, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, e em favor do pesquisador e orientador deste objeto e dessa pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis.

Declaro está livre e esclarecido.

Florianópolis, 30 de julho de 2018.


Rayan Pachêco Rodrigues